

# eBook **Gratuito**

divulgado pela **EDITORA FIEL**

A Editora Fiel divulga conteúdo gratuito e promoções exclusivas através do Informativo Fiel. Cadastre o seu email para o receber.

Acesse:

[editorafiel.com.br/informativo](http://editorafiel.com.br/informativo)

Todos os direitos são reservados.

É expressamente proibido editar ou vender este eBook.





Gostou do e-book?  
Aqui tem mais.

Ou siga-nos na sua  
rede social preferida.

Acesse:





ANDANDO  
*nos*  
PASSOS  
*de*  
JESUS

LARRY McCALL

LARRY McCALL

---

ANDANDO  
*nos*  
PASSOS  
*de*  
JESUS

ESTUDOS NO CARÁTER DE CRISTO

---

Nisto sabemos que estamos nele:  
Aquele que diz que permanece nele,  
*esse deve também andar assim como ele andou.*  
1 João 2.5b-6



**Editora Fiel**

### **Andando nos Passos de Jesus**

Traduzido do original em inglês:  
*Walking Like Jesus Did*, por Larry McCall  
Copyright© 2005 by Larry E. McCall  
Publicado originalmente no Estados Unidos por  
BMH Books, P.O Box 544, Winona Lake,  
Indiana - 46590



Tradução feita com permissão e administração  
de F. J. Rudy and Associates  
Primeira Edição em Português  
©Editora Fiel 2009



*Todos os direitos em língua portuguesa  
reservados por Editora Fiel da Missão  
Evangélica Literária*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR  
QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA  
DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM  
INDICAÇÃO DA FONTE.



Presidente: James Richard Denham III  
Editor: Tiago J. Santos Filho  
Tradução: Laura Macal  
Revisão: Marilene Paschoal  
Capa: Edvânio Silva  
Diagramação: Wirley Correa e Edvânio Silva  
Direção de Arte: Rick Denham

ISBN: 978-85-99145-64-7



**Editora Fiel**

Caixa Postal 1601  
CEP 12230-990  
São José dos Campos-SP  
PABX.: (12) 3936-2529

[www.editorafiel.com.br](http://www.editorafiel.com.br)

# Dedicatória

Este livro é carinhosamente dedicado a meus pais, Carl e Connie McCall, que por décadas têm, de forma constante, refletido Cristo em sua pequena comunidade da mina de carvão, na Pensilvânia. Creio não estar falando apenas a seus filhos e netos, mas também a um grande número de pessoas cujas vidas têm sido impactadas por seu simples, porém profundo, exemplo de semelhança a Cristo. Agradeço a Deus por eles.

Papai e mamãe, obrigada por me mostrarem o que significa “andar como Jesus andou” na vida cotidiana. Sou eternamente grato.

# Agradecimentos

Tem sido uma imensa alegria para mim, durante os últimos vinte anos, pregar e ensinar sobre “andar como Jesus andou”. Das muitas pessoas que têm se unido a mim nesses desafiantes estudos sobre o caráter de Cristo, duas em particular têm me encorajado a publicar este ensino. Durante anos, elas têm orado por mim e me incentivado a realizar a comissão de escrever este livro. Quero expressar profunda apreciação à minha preciosa esposa, Gladine, e a Ron Mayer, há tanto tempo meu amigo e o companheiro de responsabilidades espirituais.

Este livro também contém as digitais de muitos amigos graciosos e competentes, que voluntariamente dedicaram seu precioso tempo me ajudando a aprimorar e esclarecer seu conteúdo. Quero agradecer a Susan Hight, Dee Woods, Don Clemens e Steve Smilay. Deus permita que seus esforços ajudem este livro a ser mais útil na vida dos leitores.

Terry White, principal redator da BMH livros, juntamente com sua fiel equipe têm sido um encorajamento para mim, ao ver os frutos deste projeto. São amigos e também cooperadores no serviço do Senhor.

Acima de tudo, porém, agradeço a meu Senhor Jesus Cristo, “que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gálatas 2.20). Que de algum modo, ainda que pequeno, minha vida reflita sua glória, enquanto busco, por sua graça, andar como Ele andou. E que este livro seja usado pelo Senhor para encorajar as pessoas a serem fiéis em sua jornada.

LARRY MCCALL

*Winona Lake, Indiana - Novembro de 2005*

# Prefácio

O Novo Testamento mostra com clareza que o objetivo final de Deus para todos os crentes é que se assemelhem a Jesus Cristo. O Apóstolo Paulo escreveu em Romanos 8.29 que Deus nos destinou para sermos conformes à imagem, ou semelhança, de seu Filho. Tendo nos destinado a este fim, Deus começa a transformar-nos nesta imagem por meio de seu Espírito, que opera em nós (2 Coríntios 3.18). Então, o escritor aos Hebreus nos diz que devemos ter parte em sua santidade. Esta é simplesmente outra forma de dizer que temos sido conformados à sua imagem.

O processo de conformar-nos à imagem de Jesus Cristo é, em geral, chamado de santificação. É um processo continuado pelo Espírito Santo; entretanto, envolve a resposta intencional e a cooperação do crente. Todos os imperativos éticos e morais da Escritura implicam a necessidade de uma resposta de nossa parte. É em geral a estes imperativos que nós, que somos mestres da Escritura, nos voltamos quando queremos tratar das questões do cotidiano da vida cristã.

Neste livro, *Andando nos Passos de Jesus*, Larry McCall nos relembra outra dimensão do ensino bíblico designado a promover nossa santificação – o exemplo de Jesus, enquanto vivia entre as pessoas de seu tempo.

É triste dizer, mas, o exemplo da caminhada de Jesus entre nós tem sido com freqüência ignorado ou até rejeitado no meio evangélico. Isto tem sido, sem dúvida, uma reação à mensagem



daqueles que negam a divindade de Jesus e sua substitutiva expiação por nossos pecados, mas que ensinam que Ele foi um bom homem, cujo exemplo devemos seguir. Como resultado, nós que propriamente enfatizamos a obra objetiva de Cristo e seu sacrifício expiatório, temos nos inclinado a deixar de ensinar que a vida de Cristo é para nós um exemplo a ser seguido.

Entretanto, a Bíblia não faz isso. Naquele incidente onde Jesus lava os pés de seus discípulos, Jesus mesmo disse: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (João 13.15). E o Apóstolo Pedro escreveu a respeito do sofrimento de Cristo por nós: “Deixando-vos exemplo para seguides os seus passos” (1 Pedro 2.21).

Estes dois versículos devem lançar fora qualquer dúvida de que nós crentes devemos prestar atenção à vida de Jesus e seguirmos o seu exemplo.

Para muitos de nós é bastante familiar a frase: O que faria Jesus? Infelizmente, a questão colocada desta maneira possibilita todos os tipos de respostas subjetivas. O que eu acho que Jesus teria feito numa situação específica pode ser diferente daquilo que você pensa que Ele teria feito.

O Pastor McCall tem, com efeito, proveitosamente reconstruído aquela pergunta da seguinte maneira: “O que *fez* Jesus?”. Dando-nos uma espécie de vídeo de Jesus em ação, em 14 cenários diferentes, ele nos ajuda a responder esta pergunta de modo que tenhamos exemplos concretos do que significa andar como Jesus andou.

Uma das bases deste livro é que ele nos leva para fora da esfera do que normalmente pensamos ser o caráter cristão. Vemos Jesus em missão; e, através do seu exemplo, somos desafiados a viver nossas próprias vidas com propósito, como “pessoas em missão”. Vemos Jesus em oração e, novamente por meio de seu exemplo, somos condenados por nossas próprias mediócras vidas de oração. Vemos Jesus lavando os pés de seus discípulos e

aprendemos o que significa servir aos outros.

Tenho sido pessoalmente desafiado por este livro a prestar mais atenção às ações de Jesus, registradas nos evangelhos, e a aprender com tais ações a andar mais e mais como Ele andou. Creio que este livro causará um impacto semelhante a todos aqueles que o lerem.

### *Jerry Bridges*

*Jerry Bridges* é membro da equipe do *Navigator collegiate ministry group* (Navegadores). Prolífico autor de best-sellers, entre seus livros mais recentes estão: *The Gospel for Real Life* (O Evangelho para a Vida Real) 2002, e *Growing Your Faith* (Aumentando a sua fé) 2004, ambos pela *NavPress*.

# Sumário

Introdução	_ Andando nos Passos de Jesus .....	15
Capítulo 1	_ Por que devemos andar nos passos de Jesus? .....	19
Capítulo 2	_ Andando em humildade como Jesus.....	27
Capítulo 3	_ Vivendo com uma missão assim como Jesus .....	35
Capítulo 4	_ Vivendo as fragilidades da vida como Jesus.....	45
Capítulo 5	_ Andando em santidade como Jesus .....	55
Capítulo 6	_ Aceitando os outros como Jesus.....	63
Capítulo 7	_ Compadecendo-se como Jesus .....	73
Capítulo 8	_ Sofrendo como Jesus .....	83
Capítulo 9	_ Perseverando como Jesus.....	93
Capítulo 10	_ Praticando a paciência como Jesus .....	101
Capítulo 11	_ Perdoando como Jesus.....	109
Capítulo 12	_ Orando como Jesus.....	117
Capítulo 13	_ Servindo como Jesus .....	127
Capítulo 14	_ Experimentando alegria como Jesus .....	135
Capítulo 15	_ Amando como Jesus .....	147
Capítulo 16	_ O preço de andar nos passos de Jesus.....	157
Capítulo 17	_ A recompensa de andar nos passos de Jesus.....	165

# Andando *nos* Passos *de* Jesus

Imagine que há um colega novo no seu trabalho ou na sua escola. Ele é imigrante de Abu Dhabi, e seu nome é Abdul. Há pouquíssimos cristãos em Abu Dhabi. De fato, Abdul nunca conheceu pessoalmente um cristão, até que se mudou para esta nova comunidade. Desde sua chegada, ele tem, ocasionalmente, escutado várias pessoas falando coisas sobre “tal pessoa é um cristão” ou “tal pessoa não é cristão”.

Certo dia, no intervalo, Abdul pergunta se pode falar com você. Ele pergunta se você é cristão. Você assume a ele que é, de fato. Então, ele pergunta: “*Todos* no Brasil são cristãos?” Você tristemente admite: “Não, nem todos no Brasil são cristãos. Na verdade, Abdul, nem todo que se diz cristão o é de fato”.

Então, seu novo amigo, Abdul, lhe faz esta indagação: “Bem, então, como posso dizer que alguém é ou não é *realmente* um cristão?” Como você responderá a esta pergunta tão crucial? O que você dirá a Abdul?

Aqui está algum auxílio direto da Palavra de Deus. 1 João 2.3-6 explica: “Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou”.

Com esta sólida base na Palavra de Deus, você pode explicar a Abdul que ele reconhecerá um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo através da resposta a estas duas perguntas: Primeiro, esta pessoa obedece a Pala-

vra de Jesus (versos 3-5a)? Segundo, esta pessoa segue os passos da vida de Jesus? Ou seja, esta pessoa anda como Jesus andou (versos 5b-6)?

Este livro é um empenho humilde em auxiliar àqueles que se denominam cristãos a melhor entenderem o que significa andar como Jesus andou. Nosso *dizer* (“eu sou cristão”) deve estar de acordo com nossa *conduta* (“*andando nos passos de Jesus*”). A prova verdadeira consiste em avaliar o quanto nossa vida diária é um reflexo claro do caráter de Jesus Cristo, Aquele a quem dizemos estar seguindo. O padrão normal da vida do cristão deve ser refletir o caráter de Cristo, enquanto vive seu cotidiano no trabalho, na escola, em seu bairro e em sua casa.

Nos capítulos seguintes focalizaremos certos aspectos do caráter de Jesus, demonstrados durante seu ministério terreno. Também examinaremos mandamentos bíblicos explícitos para refletirmos estes atributos do caráter de Jesus em nossa vida diária.

O desejo do meu coração não é que o leitor termine de ler este livro e diga: “Foi bom”. Ao contrário, minha esperança e oração é que cada leitor ao concluir a leitura deste livro, diga: “Senhor, transforma-me! Molda-me e faz-me ser cada vez mais como Jesus, para que eu possa impactar minha família, minha igreja e minha comunidade para o teu louvor!”

Espero, com fervor, que sejamos gradual, e finalmente, conformados à Cristo, na medida em que o Espírito Santo aplique o ensino da Palavra de Deus em nossas vidas. “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Coríntios 3.18).

Querido Redentor e Senhor meu,  
Li minha tarefa em tua Palavra;  
Mas em tua vida a lei aparece  
Estampada em vivos atributos.  
Tua verdade foi tal, e tamanho foi o teu zelo;  
Pela vontade de teu Pai, tamanho respeito;  
Tanto amor, e tão divina humildade,

Eu os transcreverei e meus os farei.  
Seja o Senhor meu modelo;  
Faça-me gerar mais de tua graciosa imagem  
Então, Deus, o Juiz, meu nome contará  
Entre os seguidores do Cordeiro

Isaac Watts

---

◆

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO ANDANDO NOS PASSOS DE JESUS

- 1 - Em suas próprias palavras, defina a palavra “cristão”.
- 2 - De acordo com 1 João 2, qual a importância de que o *dizer* de um cristão professo como seguidor de Cristo esteja unido a uma *conduta* diária? “Tornar a minha conduta adequada ao que eu falo”, o que significa esta frase para você?
- 3 - Você tem visto este mesmo foco em seu meio cristão (igreja, amigos, escola)? Quais seriam alguns dos perigos de alguém testemunhar sobre a salvação, se o único critério for apenas a *afirmação verbal*?
- 4 - Quais são alguns dos atributos do caráter de Jesus que você especialmente gostaria de ver melhor refletidos em sua própria vida como resultado deste estudo?
- 5 - Passe algum tempo orando ao Espírito Santo para que trabalhe em sua vida especificamente nestas características que você mencionou na resposta anterior.



1

# Por que devemos andar *nos* passos *de* Jesus?

Por séculos, Jesus Cristo tem atraído a atenção de milhões de pessoas. Muitos de nós temos professado ser seus seguidores. Entretanto, será que conhecemos bem o Jesus da Bíblia? É grande a necessidade que temos de conhecer esta pessoa que afirmamos ser Salvador e Senhor. Será que a nossa vida é um reflexo do caráter daquele a quem dizemos estar seguindo?

A Bíblia diz claramente que nós, como cristãos, devemos moldar nossa vida de acordo com o procedimento de Jesus Cristo. O tipo de caráter que é visto em Jesus deve ser visto em nós também. O apóstolo João disse isso da seguinte forma: “Aquele que diz que permanece nele, esse *deve também andar assim como ele andou*” (1 João 2.6, ênfase acrescentada). Por que devemos dedicar tempo ao estudo do caráter de Jesus? Por que devemos nos preocupar em sermos parecidos com Jesus? Um estudo do Novo Testamento revela cinco razões.

## PORQUE PARECER COM CRISTO É NOSSO CHAMADO

Diante de uma multidão de galileus, Jesus disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (Mateus 11.28-30). O próprio Rei Jesus nos deu a graciosa ordem de ir a Ele a fim de aprender.



Não somos chamados, em primeiro lugar, a uma instituição ou a uma doutrina em particular, e sim, a uma Pessoa verdadeira. É dessa Pessoa, com todos os seus atributos, que devemos aprender. O Rei Jesus manda que nos aproximemos dele para aprender e devemos obedecer-Lhe o chamado. Quando respondemos a este chamado, nossos primeiros passos com Cristo devem ser caracterizados pela atitude de imitá-Lo.

## PORQUE PARECER COM CRISTO É NOSSA OBRIGAÇÃO

Professar que estamos ligados a Cristo pela salvação, nos leva ao dever de endossar esse testemunho verbal com um estilo de vida que reflete o caráter de Cristo. Essa verdade encontra-se no âmago da seguinte declaração de João: “Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 João 2.5b-6). Fé em Jesus como Salvador e conformidade com seu caráter são inseparáveis.

O comentarista bíblico William Hendriksen observou: “O apóstolo [Paulo] nunca proclamou um Cristo que era Salvador, sem ser um Exemplo; nem um Cristo que era um Exemplo, sem ser um Salvador. De fato, para Paulo, o cristianismo era vida, mas uma vida baseada numa doutrina. E para as pessoas — somente para as pessoas! — que aceitam Cristo como sendo, pela graça soberana de Deus, Senhor, Salvador e, assim, Capacitador, Ele pode ser também um Exemplo”.<sup>1</sup>

Ser como Cristo é um padrão necessário para o cristão. O teólogo e pastor escocês Sinclair Ferguson escreveu: “Simplificando, a maturidade iguala-se à semelhança com Cristo. Nenhum outro padrão pode substituir essa semelhança. Todos os outros padrões são inferiores, alternativas criadas por homens, as quais encobrem o alto padrão que Deus nos apresenta nas Escrituras”.<sup>2</sup>

No Novo Testamento, nós, cristãos, somos chamados várias

1 HENDRIKSEN, William. *Comentário de Colossenses e Filemom*. Cultura Cristã, São Paulo.

2 FERGUSON, Sinclair B. “Being Like Jesus” in *Discipleship Journal*, 24 (November 1, 1984), p.20.

vezes a seguir Cristo em nossos caminhos rumo à maturidade cristã. Além de 1 João 2.5b-6, considere os seguintes chamados para sermos como Cristo:

Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. (João 13.15).

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. (Filipenses 2.5).

Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos. (1 Pedro 2.21).

Se não buscamos refletir o caráter de Cristo em nossa própria vida, que direito temos de alegar que somos “cristãos”?

## PORQUE PARECER COM CRISTO É NOSSA PAIXÃO

Na salvação, ao sermos levados a Cristo, percebemos que Ele se torna *precioso* para nós (1 Pedro 2.7). *Quanto mais O conhecemos, mais desejamos conhecê-Lo*. Então, ao conhecê-Lo mais e mais passamos a ser mais parecidos com nosso Salvador, em nosso dia-a-dia. Décadas após sua conversão, Paulo, um missionário prisioneiro, ainda escrevia, cheio de paixão: “Para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte” (Filipenses 3.10).

No início do século XX, Charles H. Gabriel escreveu uma música evangélica que é o brado que está no coração de cada crente. Esse hino começa com o seguinte anseio: “Mais parecido com o Mestre eu queria ser”. O teólogo B. B. Warfield escreveu com uma paixão igual: “Cristo, nosso Exemplo”, logo depois de escrever: “Cristo, nosso Redentor”, não há palavras que toquem mais profundamente o coração do cristão do que essas”.<sup>3</sup>

---

3 WARFIELD, B. B. *The Person and Work of Christ*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1950, p. 563.

## PORQUE PARECER COM CRISTO É NOSSO TESTEMUNHO

Muito do que o mundo conhece a respeito de Jesus Cristo resulta da observação da vida daqueles que alegam estar unidos a Cristo. As opiniões que o mundo tem sobre Cristo refletem as opiniões que as pessoas têm sobre os seguidores de Cristo. Em 1941, E. F. Harrison, um estudioso do Novo Testamento, escreveu um artigo sobre a primeira carta de Pedro, comentando acerca da necessidade de os cristãos do primeiro século imitarem o caráter de Cristo. Naquele tempo, o cânone das Escrituras ainda não estava completo e compilado. O que os descrentes sabiam de Cristo era não somente o que eles juntavam aos poucos do testemunho verbal daqueles que professavam ser seguidores de Cristo, mas do que viam no cotidiano dos cristãos que eles conheciam. “Era essencial que cada crente pregasse com sua vida, embelezando assim a doutrina e recomendando-a a outros.”<sup>4</sup>

Em nossos dias, a Bíblia é muito negligenciada. O resultado é que espelhamos a falta de conhecimento do primeiro século a respeito do Novo Testamento. Mais uma vez, a maior parte do conhecimento que o mundo tem a respeito de Cristo é adquirido ao observar o cotidiano dos cristãos. O cristão atual tem o ministério de oferecer uma “constante demonstração em carne e osso” do verdadeiro cristianismo.<sup>5</sup> Por outro lado, “nada dificulta mais o testemunho da igreja cristã do que a distância entre nossas afirmações e nosso agir, entre o Cristo que proclamamos verbalmente e o que apresentamos em ações”.<sup>6</sup>

## PORQUE PARECER COM CRISTO É NOSSO DESTINO

Há um propósito para nossa vida. Como cristãos, estamos nos

---

4 HARRISON, E. F. “Exegetical Studies in 1 Peter” in *Bibliotheca Sacra*, 392 (October–December 1941), p. 459.

5 Idem.

6 STOTT, John. *Focus on Christ*, New York: William Collins Publishers, 1979, p. 153.

dirigindo a um destino que Deus planejou para nós antes mesmo de dizer “Haja luz”. Paulo escreveu acerca desse destino em Romanos 8. Muitos cristãos encontram grande conforto ao citar Romanos 8.28: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Infelizmente, poucos crentes têm usado a mesma passagem para descobrir a que Paulo se referia, quando falou no “bem” que Deus faz em nossa vida. São exatamente as palavras seguintes do apóstolo que explicam: “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os *predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho*” (Romanos 8.29, ênfase acrescentada).

Para avaliarmos melhor a importância do nosso destino, o qual foi determinado por Deus, observemos os primeiros dias de existência da raça humana. Deus decidiu tornar *especial* uma de suas criações. Essa criatura especial seria colocada acima de todas as demais coisas criadas, a fim de governá-las em nome de Deus, o Grande Rei. “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (Gênesis 1.26).

Adão e Eva foram criados por Deus como *especiais* — em sua própria “imagem”, em sua própria “semelhança” — a fim de O representarem e governarem, como *príncipe* e *princesa*, em nome do Grande Rei. No entanto, o príncipe e a princesa se rebelaram contra o Grande Rei, desejando ser seus próprios mestres, em vez de servir como representantes do Soberano. Por causa de sua rebelião, a semelhança de Deus no homem foi embaçada pelo pecado e o domínio que o homem deveria exercer sobre a criação não foi efetuado. O autor de Hebreus menciona esse destino incompleto ao citar o Salmo 8, fazendo, então, uma sincera observação: “Que é o homem, que dele te lumbres? Ou o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, por um pouco, menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste [e o constituíste sobre as obras das tuas mãos]. Todas as coisas sujeitaste

debaixo dos seus pés” (Hebreus 2.6-8a). Então, encontramos o triste lembrete: “Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio. *Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas*” (Hebreus 2.8b, ênfase acrescentada).

Se não fosse pelas palavras seguintes, poderíamos ficar desesperados: “Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem” (Hebreus 2.9). Em outras palavras, o “primeiro Adão” não cumpriu suas obrigações como aquele que tem a imagem de Deus. Contudo, Deus nunca abandonou seu objetivo de fazer do homem seu representante especial, dominando esse mundo em nome do Grande Rei. Quando o “primeiro Adão” falhou em sua missão, Deus colocou em prática seu plano de redenção e restauração. Ele enviou seu Filho perfeito em forma humana como o “último Adão” (1 Coríntios 15.45) para restaurar o que fora perdido pelo pecado daquele que foi o primeiro a ter sua imagem.

Agora, como o grande alvo de nossa redenção, Deus faz tudo em nossa vida para o “bem” de nos tornar parecidos com Cristo. Ele está nos moldando e ajustando para que nos conformemos à semelhança de seu Filho. Atualmente estamos na escola da redenção, nos tornando mais e mais parecidos com Jesus. “O alvo fundamental da redenção é fazer cada crente assemelhar-se a Jesus Cristo.”<sup>7</sup> “Todo o propósito de Deus, concebido na eternidade passada, sendo realizado por seu povo e em seu povo, no decorrer da história; propósito esse que será completo na glória por vir, pode ser resumido nesse simples conceito: *Deus tem a intenção de nos tornar parecidos com Cristo*”<sup>8</sup> (ênfase acrescentada).

O dia da colação de grau nos aguarda! “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 João 3.2). E, então, tendo sido conformados à

7 FLYNN, Leslie B. *The Power of Christlike Living*. Grand Rapids: Zondervan, 1962, p. 13.

8 STOTT, John, p. 142.

imagem de Jesus, o “último Adão” (exatamente aquilo que foi predestinado para nós), reinaremos “pelos séculos dos séculos” à sua semelhança e sob sua perfeita liderança (Apocalipse 22.5).

Se nosso Pai celeste nos predestinou para sermos como Jesus, e se hoje Ele está fazendo com que todas as coisas cooperem para o “bem” em nossa vida, então deveríamos estar muito interessados em saber tudo que pudermos sobre nosso Salvador, em cuja imagem estamos sendo restaurados. Por quê? Porque o nosso destino é ser como Jesus.

## CONCLUSÃO

Por que devemos ter o desejo de ser como Jesus? Existem várias razões cruciais pelas quais devemos dedicar nossa vida ao conhecimento de Jesus Cristo, de modo que sejamos mais parecidos com Ele. Ser como Jesus é nosso *chamado*, nossa *obrigação* e *paixão*, nosso *testemunho* e, fundamentalmente, nosso *destino*. Devemos nos dedicar ao estudo da pessoa de Cristo por meio de sua santa Palavra, orando para que seu Santo Espírito nos conforme mais e mais à imagem de nosso bendito Salvador.

Que a mente de Cristo, meu Salvador  
Viva em mim, dia após dia,  
E tudo o que eu diga e tudo o que eu for  
Que Ele controle com poder e amor.  
Possa o amor de Jesus encher-me,  
Como as águas cobrem o mar.  
Em exaltá-lo e em humilhar-me,  
Está a vitória e o meu almejar.

Kate B. Wilkinson

## QUESTÕES PARA DISCUSSÃO POR QUE DEVEMOS ANDAR NOS PASSOS DE JESUS?

- 1 - Dê cinco razões pelas quais deveríamos nos preocupar em parecermos com Cristo.
- 2 - Qual dessas cinco razões chama mais a sua atenção? Por quê?
- 3 - Fale brevemente sobre alguma pessoa que “pregava com sua vida”. Que tipo de impacto esse exemplo teve em você?
- 4 - Complete a frase: “Deus tem a intenção de nos tornar \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_”.
- 5 - Segundo a sua experiência cristã, o que você entende por “maturidade cristã”? Em que aspectos você acha que esse pensamento mudaria, após um estudo acerca da semelhança com Cristo?
- 6 - Dedique tempo à oração, pedindo que Deus dê continuidade ao seu trabalho de torná-lo mais parecido com Jesus, custe o que custar.

## 2

# Andando *em* humildade *como* Jesus

Que sinal este deve ter sido! Um grupo de estrangeiros passava pelas ruas de Jerusalém – gentios do leste. Esta comitiva de estrangeiros, homens que observavam, sondavam, e procuravam um *rei*. Eles perguntaram aos habitantes locais qual era o caminho para o palácio real. Que surpresa devem ter tido esses viajantes quando, finalmente, chegaram ao palácio do rei, apenas para descobrir que nenhum bebê rei poderia ser encontrado ali! Pelo contrário, estes “magos” do leste foram ordenados pelos conselheiros do Rei Herodes para que procurassem no vilarejo próximo, Belém. Ali, naquela menor e mais humilde cidadela, eles encontrariam o Rei a quem procuravam. Ali encontrariam o jovem Rei – o Rei que havia nascido em um estábulo.

Esta história do nascimento de Jesus e dos “sábios” é tão familiar que freqüentemente perdemos uma significativa incompatibilidade. Esquecemo-nos como era incomum que o *Rei dos reis* não nascesse no palácio real, mas em um estábulo designado para cavalos, jumentos e camelos. Porque o *Rei dos reis* escolheria fazer sua entrada neste mundo de uma maneira tão humilde?

No capítulo anterior aprendemos sobre o gracioso mandamento de Jesus – “Aprendei de mim” (Mateus 11.29). Você se recorda o que Jesus disse a respeito de Si mesmo naquele convite? Ele disse: “Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração”. A palavra “manso” pode também ser traduzida por “humilde” ou “submisso”. Somos convidados – na verdade *ordenados* – a aprender dAquele que a Si mes-



mo se descreve como “*manso e humilde de coração*”. Respondamos a esta graciosa ordem e venhamos, aprendamos da *humildade* de Cristo.

## O QUE É HUMILDADE?

Uma definição para “humilde” é “paciente e manso; não inclinado a irar-se ou ressentir-se; amável e dócil”.<sup>1</sup> Alguns fazem uma considerável distinção entre humildade e brandura. A humildade é vista como uma atitude ou atributo que uma pessoa possui em si. Brandura é a forma *como* aquela humilde pessoa relaciona-se com outros. Em nossa cultura, “brandura”, “mansidão”, é por vezes entendida com uma conotação negativa. Alguns afirmam que uma pessoa mansa é fraca ou impotente. Esta distorção do conceito certamente não se ajusta a Jesus Cristo. Ele caracterizou-Se como sendo manso, ainda que certamente não fosse fraco ou impotente. De fato, Jesus reconheceu que era maior que Abraão. Ele demonstrou seu senhorio sobre a doença, os demônios, a morte – até sobre o pecado. Não devemos permitir que distorções modernas determinem nosso entendimento do conceito bíblico de humildade.

Na Bíblia, mansidão é o comportamento de uma pessoa que aceita o lugar que Deus lhe tem apontado. Uma pessoa mansa abraça o papel que Deus lhe ordenou. Por fim, aprendemos o significado de mansidão não através de dicionários ou de conceitos populares, mas por observarmos Aquele que em Si mesmo é a referência de mansidão. Ele é o epítome – o padrão definido – a própria encarnação da humildade.

## JESUS ERA HUMILDE EM SUAS ATITUDES

Filipenses 2.5-6 diz: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus”. É importante lembrarmos que Jesus Cristo já existia como Deus desde toda a eternidade pas-

---

<sup>1</sup> WEBSTER'S, *new twentieth century dictionary of the English language*. Não abreviado. New York: Collins World, 1978. p. 1119.

sada. Ele experimentou todas as indescritíveis glórias do céu (João 17.5). Ainda assim, enquanto andou por esta terra, não reivindicou este papel nem exigiu esta glória. Ele nunca usou sua “divindade” como pretexto de auto-promoção ou auto-proteção. Escolheu amar a nós, seu povo, assim como escolheu não agarrar-se aos privilégios que eram seus por direito. Ele se dispôs a renunciar a seus direitos, a fim de servir aos outros. Jesus não usurpou autoridade. Ao contrário, Ele se humilhou e voluntariamente escolheu em todas as coisas tornar-se “semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hebreus 2.17).

## JESUS ERA HUMILDE EM SUAS AÇÕES

Em Filipenses 2.7-8, Paulo escreveu: “Antes, [Ele] a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz”.

### *Jesus desceu do céu para a terra*

O Príncipe da glória tornou-se o Filho do Homem. Quando Deus, o Filho, veio a este mundo caído, colocou de lado o uso independente de suas divinas prerrogativas. Ele que, desde o momento em que criou os seres celestiais, ouviu o contínuo louvor de “Santo, Santo, Santo”, nasceu em um estábulo entre os desagradáveis ruídos de jumentos e camelos. Ele, que aspirava o incenso celestial, estava agora sujeito aos odores de palha mofada, estrume de animais e suor humano. Aquele que havia sido rico sem limites tornou-se pobre por nós. “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Coríntios 8.9). Ele, que havia sido o Legislador, humilhou-se a si mesmo para tornar-se o Cumpridor da Lei. “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4.4).

O autor americano Les Carter nos desafia: “Pode você compreender a grandiosidade deste acontecimento da manjedoura? Apenas um encontro face a face com o Cordeiro no céu nos permitirá verdadeiramente apreciar a sua encarnação. Quando virmos Jesus envolvido na glória que era legitimamente sua, estaremos verdadeiramente admirados diante de sua disposição em abraçar a humanidade desta maneira, e entenderemos que sua grandeza está ancorada na característica ímpar de sua humildade”.<sup>2</sup>

### *Jesus desceu da glória para a humildade*

Do momento em que deixou o trono celeste até o momento em que ressuscitou, Jesus viveu uma vida não de glória, mas de humildade. Deus, o Criador, andou sobre o próprio planeta que pessoalmente chamou à existência. Ainda assim: “O verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1.10-11). Em vão, tentamos imaginar a humilhação de ser o Rei dos reis, caminhando por uma rua movimentada, e não ser reconhecido por ninguém. Ninguém se importou. Jesus viveu sendo mal entendido, sendo rejeitado, sendo perseguido.

### *Jesus desceu de mestre a servo.*

O Rei dos reis tornou-se servo dos pecadores. Durante aqueles “anos de silêncio” da primeira infância até aos trinta anos, Jesus viveu uma vida humilde. Durante sua infância submeteu-se a seus pais terrenos (Lucas 2.51), mesmo sendo o Senhor deles. Ele humilhou-se a viver num lar com pais pecadores e meio-irmãos. Teve um trabalho comum, como alguém contratado para construir e consertar coisas para outras pessoas, em sua comunidade, em Nazaré. Ninguém no vilarejo O reconheceu como alguém especial. Quando pregou seu primeiro sermão público, a reação de seus vizinhos foi: “Não é este o filho de José?” (Lucas 4.22). De fato, Mateus acrescenta: “E escandalizavam-

<sup>2</sup> CARTER, Les, Dr. *Reflecting the character of Christ*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1995. p. 14.

se nele” (Mateus 13.57). Na verdade, os primeiros trinta anos de Jesus foram marcados por humildade.

Então, durante seus anos de ministério público, demonstrou a humildade como estilo de vida. Com quem Ele se associava? A quem Ele servia? Jesus gastou tempo, e ministrou a pescadores, coletores de impostos, mendigos, leprosos, prostitutas e gentios estrangeiros. Quão diferente era o humilde Jesus dos orgulhosos e pomposos fariseus, que se distanciavam desses marginalizados da sociedade judaica! Jesus era de fato um “amigo dos pecadores”. Enquanto realizou seu ministério público, o Pão da Vida tornou-se faminto, a Água da Vida tornou-se sedento, e o Criador do Universo não tinha “onde reclinar a cabeça” (Mateus 8.20). Mesmo em seu suposto momento de glória, naquele domingo de ramos, foi dito de Jesus (citando Zacarias 9.9): “Eis aí te vem o teu Rei”, justo e salvador, “humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga” (Mateus 21.5). Na verdade é dito deste humilde Jesus: “Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir, e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28).

### *Jesus desceu da vida para a morte*

Como ato final de humildade, o Filho de Deus desceu *da vida para a morte*. Aquele que era identificado como “o Autor da vida” (Atos 3.15), voluntariamente submeteu-se à morte nas mãos de ímpios. Aquele que tinha vida em Si mesmo voluntariamente abriu mão de sua própria vida para morrer por indignos pecadores. Ele se dispôs a morrer de forma dolorosa e vergonhosa. “A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz” (Filipenses 2.8).

## COMO A HUMILDADE DE CRISTO DEVE NOS IMPACTAR?

De acordo com Filipenses 2.5, nossa atitude deve ser a mesma de Cristo Jesus. Nossos relacionamentos estão marcados por atitudes que

refletem a humildade das atitudes de Jesus? Quando consideramos nosso relacionamento com Deus, devemos crescer no entendimento de que “*Ele é Deus, e nós não*”. Temos segurança em nossos relacionamentos com Deus através de Jesus Cristo? O Apóstolo Paulo nos mostrou o fundamento desta atitude do assemelhar-se à humildade de Cristo por meio destas palavras: “Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito...” (Filipenses 2.1). Se entendemos que nosso relacionamento com Deus Pai está fundamentado em nossa inmerecida união com Cristo, este entendimento deve, então, produzir um comportamento humilde em nossa vida. Não há lugar para o orgulho, quando reconhecemos que nosso relacionamento com Deus está inteiramente fundamentado na graça.<sup>3</sup>

Do mesmo modo, nossos relacionamentos com as outras pessoas também devem ser marcados pela humildade de Cristo. Nós realmente compreendemos nossa posição em relação às outras pessoas? Temos nós vivido em “*humildade*, considerando cada um os outros superiores a si mesmo?” (Filipenses 2.3, ênfase acrescentada.) Ou caracteristicamente promovemos a nós mesmos? Fazemos valer nossos direitos? Defendemos a nós mesmos? Um indicador certo de que *não* somos humildes é o empregar energia emocional, a fim de evitar a humilhação. Humildade de nossa parte contribuirá com a busca da união em nossa família e em nossa igreja. Ao invés de orgulhosamente promovermos nossas próprias preferências e agendas, a humildade deve levar-nos a considerar os outros superiores a nós mesmos. Podemos trabalhar com os outros crentes no sentido de: “Penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento” (Filipenses 2.2).

Nossas ações refletem as ações de Jesus, que é “manso e humilde de coração” (Mateus 11.29)? Fazemos as coisas sem “partidarismo”? Buscamos os interesses dos outros? Nosso estilo de vida revela uma prestativa atitude semelhante a de Cristo com relação aos outros? Como nosso humilde Salvador, nossa vida indica que

---

<sup>3</sup> Leia 1 Coríntios 1.26-31, para outra ilustração que traz entendimento da realidade da salvação somente pela graça, com o efeito de banir toda a soberba humana.

estamos dispostos a servir outros, mesmo que isto signifique nosso sacrifício pessoal?

Jesus Cristo tinha suas ações e atitudes marcadas pela humildade. Ele graciosamente nos mandou vir a Ele e aprender dEle – dAquele que é “manso e humilde de coração”. À medida que contemplamos nosso Salvador e Mestre, seremos “transformados... na sua própria imagem” de humildade” (2 Coríntios 3.18). O Pastor sul-africano, Andrew Murray, escreveu: “Um soberbo seguidor do humilde Jesus – isto eu não posso, não devo ser”.<sup>4</sup> *Senhor, faça sua obra de refinação. Faça-nos mais conformes ao nosso humilde Salvador.*

O Varão de grande dor é o Filho do Senhor.  
Aleluia! É meu Cristo. Veio ao mundo por amor.  
A cruenta cruz levou; a minha alma resgatou.  
Aleluia! É meu Cristo, quem minha conta pagou.

Philip P. Bliss

---

◆

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO ANDANDO EM HUMILDADE COMO JESUS

- 1 - Leia com atenção Filipenses 2.1-11, diversas vezes.
- 2 - Como você definiria a palavra “humilde”?
- 3 - De que maneira Jesus mostrou humildade em suas atitudes?
- 4 - De que maneira Jesus mostrou humildade em suas ações?

---

<sup>4</sup> MURRAY, Andrew. *Like Christ*. Philadelphia: Henry Altemus Co., p. 173

- 5 - Como ser “humilde como Jesus” se relaciona com a noção popular de ter auto-estima?
- 6 - De que maneira você pode mostrar humildade ao seu próximo (família, amigos, membros da igreja)?
- 7 - Como a humildade de Jesus deve afetar a vida no corpo da igreja?

### 3

# Vivendo *com* uma missão assim *como* Jesus

## A INTENÇÃO MISSIONÁRIA DE JESUS

Era um dia de primavera em uma das mais belas cidades do Oriente Médio. Nesta quinta-feira especial, um tipo de passeata parecia ocorrer ao longo deste oásis, cujas ruas eram delineadas por palmeiras, conhecido como “o pequeno paraíso”. Era a semana precedente à Páscoa, e muitos viajantes passavam pela pitoresca cidade que se localizava no vale, Jericó, enquanto faziam sua jornada em direção ao cume, para a cidade de Jerusalém, onde acontecia a festividade. Todavia, um viajante parecia estar atraindo a si toda a atenção. De fato, multidões se ajuntaram nas ruas delineadas por palmeiras, a fim de conseguirem um vislumbre deste homem afamado e de sua comitiva.

O objeto de curiosidade era um jovem rabino cuja extraordinária pregação e obras miraculosas deram-lhe uma significativa quantidade de atenção. Sem dúvida, muitos cidadãos de Jericó se perguntavam se este jovem rabino e seus seguidores passariam a noite naquela bela cidade, para descansarem, antes da árdua escalada do vale fundo do Jordão rumo a Jerusalém, situada acima, nas montanhas da Judéia. O jovem pregador se hospedaria na casa de um dos sacerdotes ou rabinos locais? Isto seria bem apropriado. Quando viajam, pregadores geralmente se hospedam na casa de pregadores companheiros.

Enquanto as pessoas se acotovelavam e empurravam, tentando achar uma posição nas fileiras da frente, para melhor avistarem Jesus,



o rabino de quem todos falavam, uma cena interessante se desenvolvia despercebidamente, atrás delas. Um homem bem vestido, obviamente uma pessoa de bem, achava difícil conseguir um bom lugar de onde pudesse ver Jesus e seu grupo de seguidores. Ninguém na multidão parecia disposto a deixar este rico, porém desconhecido homem, passar à frente. Ninguém se movia para dar lugar a Zaqueu. Por que deveriam? Para os judeus de Jericó, ele tinha um dos trabalhos mais detestáveis que se podia imaginar. Era cobrador de impostos. “Como você pode imaginar, um judeu que aceitava trabalhar como coletor de impostos tinha de estar motivado pela mera cobiça de juntar grandes somas em dinheiro e impedernir-se até o ponto de desdenhar por completo a má situação financeira de seus compatriotas”.<sup>1</sup>

Mas este não era um qualquer, um simples cobrador de impostos. Era Zaqueu, “o chefe dos cobradores de impostos”. Era o encarregado de todo o distrito ao redor da área – um dos três “chefes dos cobradores de impostos” em toda a Palestina. Zaqueu era duplamente impopular para seus vizinhos em Jericó. Ele não somente era desprezado por encher seus bolsos à custa de seus companheiros judeus, mas também por trabalhar para aqueles odiados ocupantes gentios, os romanos. Imagine, um judeu enriquecendo através da espoliação de seus companheiros judeus em nome do governo romano. Não é de se admirar que ninguém quisesse deixar para Zaqueu um lugar na fileira da frente, para ver Jesus!

Zaqueu não era somente rico e desprezado; era também de baixa estatura! Homem de iniciativa que era, chegou a uma inusitada solução: subiu em um dos sicômoros que ficava próximo da rua. Que cena deve ter sido aquela! Um dos cidadãos mais notório e rico corrupto de Jericó escalando uma árvore como um menino de escola.

Logo, as multidões podiam ver Jesus se aproximando. Eles esticavam o pescoço para terem um melhor vislumbre. Ele certamente *parecia* alguém comum, mas as histórias a seu respeito estavam longe de serem rotineiras. Muitas das pessoas simples o achavam fascinante.

1 CARTER, Les, Dr. *Reflecting the character of Christ*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1995. p. 148.

Ele pregava de um modo que eles entendiam. Era tão bondoso! Mostrava compaixão a pessoas simples, humildes, assim como ele.

Entretanto, os líderes religiosos ressentiam-se imensamente de Jesus. Espalhavam-se rumores de que alguma coisa estava para acontecer durante a Páscoa. Haveria ali um confronto decisivo entre o rabino da Galiléia, que operava milagres, e a instituição religiosa de Jerusalém? Quem ficaria no topo?

Enquanto os habitantes de Jericó observavam e se admiravam, Jesus de súbito parou sob o sicômoro onde Zaqueu estava. Sorrisos cínicos começaram a se espalhar pelos rostos dos judeus observadores. Sem dúvida, muitos naquela multidão estavam observando esta cena com alegre antecipação. Talvez este rabino da Galiléia colocaria o rico traidor, Zaqueu, em seu devido lugar. Talvez Jesus censuraria Zaqueu diante de toda aquela gente que ele havia roubado. Seria ótimo! Certamente Zaqueu ficou chocado quando percebeu que o grupo parou bem embaixo de sua árvore.

Contudo, Zaqueu não foi o único a ficar surpreso com o que aconteceu a seguir. A Bíblia nos informa: “Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa” (Lucas 19.5). O que Jesus disse? Ele disse que estava indo se hospedar na casa de um *pecador*? Por que faria tal coisa?

As palavras de Jesus a Zaqueu revelam que Ele estava ciente de que seu encontro fora um decreto divino. Literalmente, Jesus disse: “Convém que eu fique hoje em sua casa”. Jesus não estava apenas de passeio casual pela tarde. Ele estava numa missão divina. Tinha um propósito em ir à casa deste corrupto homem de negócios. Apesar de Zaqueu ter ficado alegre em ter parte neste decreto divino, as multidões ficaram visivelmente desapontadas. “Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que ele se hospedara com homem pecador” (Lucas 19.7).

Mas Jesus sabia de sua missão. Seu propósito divino era tão claro que Ele não se deixava dissuadir pela reprovação da multidão que resmungava. Enquanto seguimos Jesus e Zaqueu até a vila dos

coletores de impostos, em Jericó, encontramos uma cena surpreendente. Zaqueu se tornara um homem transformado. Aquele homem que anteriormente havia sido desonesto e ganancioso em seus negócios, torna-se agora humilde e arrependido. Ele se dispõe: “Senhor, resolvo dar aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais” (Lucas 19.8). Como alguém poderia explicar esta surpreendente transformação? Jesus disse: “Hoje, houve salvação nesta casa”. A transformação de Zaqueu era inexplicável em termos humanos. Foi uma obra divina. Uma transformação assim pode acontecer apenas pela intervenção da graça salvadora.

Antes de Jesus deixar a casa de Zaqueu para completar sua jornada para Jerusalém, e a crucificação que O aguardava, claramente declarou seu propósito – sua missão. Disse ao grato Zaqueu e à multidão que murmurava: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lucas 19.10).

## A INTENÇÃO MISSIONÁRIA DECLARADA POR JESUS

Esta não foi a única vez que Jesus declarou o propósito de sua missão. Muitas vezes foi dito dEle e por Ele que estava aqui, neste mundo repleto de pecado, como Homem com uma missão. A vida de Jesus era marcada pelo *propósito*.

Antes mesmo de Jesus nascer em Belém, o anjo anunciou que sua vinda teria um *propósito*. Disse o anjo: “E lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1.21). Quando ainda era criança, Jesus perguntou à sua mãe e a seu pai adotivo: “Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” (Lucas 2.49). Quando deu início a seu ministério público, revelou que estava ciente do motivo de estar aqui no planeta Terra: “Vim para cumprir” a Lei e os Profetas (Mateus 5.17). “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (João 4.34). Mais tarde,

Ele explicou a seus discípulos: “O Filho do homem... veio... para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28). No capítulo 16, verso 21, Mateus comenta, no final do ministério de Jesus: “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém”. Enquanto passava pela semana da paixão, Ele explicou a seus discípulos: “Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome” (João 12.27-28). E quando estava de pé diante de Pilatos, durante aquela noite de provação, Jesus reiterou: “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (João 18.37).

A clara consciência de Jesus a respeito de sua missão foi ouvida naquele clamor triunfante da cruz: “Está consumado!” (João 19.30). Missão cumprida! Jesus veio cumprir a vontade de seu Pai. Ele veio buscar e salvar os que estavam perdidos. Veio para glorificar o nome de seu Pai. *E o glorificou*. Concluiu a obra que seu Pai lhe dera (João 17.4).

Depois que Jesus voltou ao céu, os apóstolos foram lembrados, pelo Espírito Santo, da missão de Jesus e de como Ele esteve consciente de seu propósito na terra. Paulo, mais tarde, ensinaria: “Deus enviou seu Filho... para resgatar os que estavam sob a lei” (Gálatas 4.4,5). E o autor aos Hebreus escreveu: “Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote” (Hebreus 2.17).

As palavras de Jesus e de seus apóstolos, repetidamente, nos ensinam que Ele foi um Homem com uma missão. Não houve algo acidental em sua vida nem em seu ministério. Tudo foi feito com um propósito. A própria vida de Jesus foi marcada por sua missão. “Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hebreus 10.7), e ao fazer a vontade de Deus, Jesus glorificou a seu Pai. Seu propósito estava focalizado em “buscar e salvar os que estavam perdidos”. Quando olhamos para vida e o caráter de Jesus, O vemos desta maneira – como um Homem em missão – determinado a alcançar o alvo de glorificar o Pai e realizar a vontade do Pai.

## A INTENÇÃO MISSIONÁRIA DE JESUS REPETIDA POR SEUS APÓSTOLOS

Passar o bastão da missão a seus apóstolos era claramente o plano de Jesus, enquanto se preparava para partir fisicamente deste mundo. Ao orar a seu Pai celestial, uma noite antes de sua crucificação, Jesus disse: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (João 17.18). Muitos dias depois, no dia da ressurreição, à noite Jesus apareceu a seus discípulos e anunciou: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20.21). E quais foram as últimas palavras de Jesus ao ascender aos céus? “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1.8).

Como a intenção missionária de Jesus Cristo afetou a vida e o ministério de seus apóstolos? Veja o testemunho do apóstolo Paulo. Ele viu sua vida envolvida em dar continuação à missão de Jesus, de levar a mensagem da salvação a pecadores injustos. Paulo escreveu: “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2 Coríntios 5.20). Paulo não pôde parar de falar às pessoas as boas novas da salvação em Jesus Cristo. Ele explicou o propósito de sua vida da seguinte maneira: “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se eu não pregar o evangelho!” (1 Coríntios 9.16)

## A INTENÇÃO MISSIONÁRIA DE JESUS CONFIADA A NÓS

Como devemos andar nos passos de nosso glorioso e determinado Salvador? Não devemos vagar pela vida, vivendo para agradecer a nós mesmos, com o que quer que capture nosso desejo ou interesse, durante nosso tempo aqui. Como seguidores de Jesus Cristo, nossa

vida tem um *propósito*. Não devemos viver uma vida sem sentido, a esmo, mas devemos ser um *povo em missão*.

O próprio Jesus nos deu a missão. Suas últimas palavras, antes de voltar ao céu, foram: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todas os dias, até a consumação do século” (Mateus 28.18-20).

O apóstolo Pedro explicou nossa missão da seguinte maneira: “Vós porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, *a fim de proclamardes as virtudes daquele* que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2.9 – ênfase acrescentada). Toda a nossa vida deve ser vivida *com propósito*, enquanto buscamos realizar nossa designada missão de falar ao mundo sobre nosso glorioso Salvador.

Frequentemente, quando ouvimos a palavra “missões”, nossa mente, de forma imediata, se inclina a pensar em pequenos e seletos grupos de pessoas que são chamadas a levar o evangelho a distantes terras exóticas. Ao mesmo tempo em que somos gratos, e sustentamos estes missionários enviados a povos de outras culturas, não podemos perder as oportunidades de cada dia, para realizarmos a missão que o Senhor nos confiou. Temos o privilégio de proclamar “as virtudes daquele que” nos “chamou das trevas para sua maravilhosa luz”, em nossos encontros diários com as pessoas que nos rodeiam.

Podemos refletir a intenção missionária de Jesus, quando vamos à escola e ao trabalho, de segunda à sexta-feira. À medida que refletimos mais e mais o caráter de nosso Senhor Jesus em nossa vida diária, os incrédulos que vemos a cada dia terão uma curiosidade crescente. O que nos faz diferentes de tantos de nossos colegas de classe ou de trabalho? O apóstolo Pedro recomendou: “Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor” (1 Pedro 3.15).

Podemos refletir a intenção missionária de Jesus, enquanto vivemos em nossa comunidade. Orando para que, de modo mais concreto, tenhamos os olhos e o coração de Jesus, começaremos a ver as pessoas que encontramos em nosso bairro e no comércio como indivíduos que necessitam ouvir as boas novas da salvação somente em Cristo.

Também começamos a refletir, de modo mais brilhante, a intenção missionária de nosso Senhor com nossos familiares ainda não-salvos. Com mansidão e respeito (1 Pedro 3.15-16), falamos afetuosamente de nosso Salvador, orando para que Ele abra os olhos de nossos familiares, assim como abriu os nossos.

Oh! Se eu tivesse mil vozes,  
Para meu Redentor louvar;  
A glória de meu Deus e Rei,  
E o triunfo de sua graça, exaltar.  
Meu gracioso Mestre e meu Deus,  
Ajuda-me a proclamar,  
E, por todo o mundo, inteiro,  
Teu nome sempre honrar!

Charles Wesley

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO VIVENDO COM UMA MISSÃO ASSIM COMO JESUS

- 1 - Leia Lucas 19.10 e escreva a declaração da missão de Jesus.
- 2 - Jesus projetou sua própria missão, ou foi-lhe designada? Leia Mateus 1.21 e João 17.4.
- 3 - Enquanto Jesus viveu aqui na terra, quão sensível Ele foi à sua missão? Leia Lucas 2.49,50; Lucas 4.16-21; João 4.34; Mateus 16.21-23; João 19.30.
- 4 - Como esta sensibilidade à sua missão afetou a Jesus? Leia João 12.23-28; Mateus 26.36-42; João 18.36,37.
- 5 - A responsabilidade de nossa missão é algo que assumimos por nós mesmos, ou é algo que já foi designado para nós? Leia João 20.21 e Mateus 28.18-20.
- 6 - Em um pedaço de papel, anote o nome de três pessoas às quais você gostaria de falar a respeito de Jesus. Use este pedaço de papel como marcador para sua leitura bíblica, lembrando-se a cada dia de orar por oportunidades de testemunhar a estas pessoas.





## 4

# Vivendo *as* fragilidades *da* vida *como* Jesus

Ele estava muito cansado. Tinha sido um dia bastante exaustivo. Havia pregado muitas vezes durante aquele dia, e tinha lidado com a pressão da multidão. Subiu para a popa do barco, improvisou uma almofada, e logo caiu em profundo sono. Tão profundo, que, de fato, Jesus nem despertou mesmo quando o barco começou a agitar-se e a bater-se contra as ondas. Água estava caindo torrencialmente do céu e jorrava pelas amuradas do barco. E Ele continuava a dormir.

A situação se tornou desesperadora. Logo, os discípulos, tensos e de olhos arregalados, estavam sacudindo Jesus de seu tão necessário sono. Vejo-o tirando os cabelos encharcados de seus olhos, enquanto se vira em direção às vozes em pânico que gritavam na tempestade: “*Senhor, salva-nos! Vamos submergir!*”.

Jesus despertou de seu profundo sono e lançou de lado sua almofada encharcada. Apoiando-se, levantou do fundo daquele barco agitado. Sem dúvida, a ordem de Jesus ao vento e às ondas soou como a de um dono ao seu cão, à porta da casa, no meio da noite: “*Calai-vos! Aquietai-vos!*”. E como um cão mal-comportado, o vento e as ondas conheciam a voz de seu Mestre e, imediatamente, acalmaram-se, tornando-se completamente quietos diante de sua ordem.

Os escritores dos evangelhos não nos dizem se Jesus voltou a dormir (não ficaria surpreso se Ele o tivesse feito); porém, eles nos dizem o que aconteceu com seus companheiros, naquela noite inesquecível, como Mateus recorda: “E maravilharam-se os homens, dizendo: ‘Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?’” (Mateus 8.27).

De fato, *que homem é este?* Em que categoria alguém como Jesus se encaixa? Que homem pode, num momento cair em profundo sono e, no próximo instante, ordenar ao vento e às ondas que se calem? *Que homem é este?* Para encontrar a resposta, precisamos voltar ao começo. Voltar não apenas ao começo do ministério de Jesus. Não somente ao começo de sua vida aqui na terra. Não apenas ao início dos tempos. Temos de voltar até mesmo antes disso. Temos de descortinar o tempo e perscrutar a eternidade passada.

A passagem de João 1.1-3 nos permite olhar para trás, antes do dia em que Deus criou o universo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”. Então, o escritor do evangelho nos surpreende com este texto: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1.14).

“Unigênito!” Você captou este fascinante título de Jesus? A palavra que descreve unigênito, no grego, significa “único”. Jesus é o único em sua natureza, em sua categoria. É por isso que aqueles discípulos encharcados pela tempestade, estavam perplexos. Jesus desafiou a categoria. Confusos, eles perguntaram: “Quem é este homem?” Eles não foram capazes de encaixar Jesus em nenhuma categoria, porque Ele era *único* em sua natureza. *Somente* Jesus é Deus e homem. Jesus é Deus em carne. Jesus é Deus *encarnado*.

## O QUE JESUS SEMPRE FOI

A Bíblia ensina que Jesus sempre existiu na eternidade passada. “No princípio era o Verbo” (João 1.1). Você já se perguntou como era a vida de Jesus *antes* de vir à terra? Jesus deixou que seus discípulos o espiassem, enquanto Ele conversava com seu Pai celestial, na noite anterior à cruz: “E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (João 17.5 – ênfase acrescentada).

Jesus sempre existiu na eternidade passada, “*com Deus*” (João 1.1 – ênfase acrescentada). Podemos apenas tentar imaginar o eterno e perfeito relacionamento de amor entre Deus, o Pai, e Deus, o Filho. Jesus orou: “Porque me amaste antes da fundação do mundo” (João 17.24). Sem pecado. Sem inimizade. Sem rejeição. Nem mesmo medo de rejeição. Apenas perfeito e eterno amor.

Jesus sempre existiu na eternidade passada *como Deus*: “E o Verbo era Deus” (João 1.1). Como Deus eterno, Jesus era o dono do universo. Você já pensou que Jesus, antes de nascer em Belém era o dono do universo? “Pois são meus todos os animais do bosque e as alimárias aos milhares sobre as montanhas. Conheço todas as aves dos montes, e são meus todos os animais que pululam no campo. Se eu tivesse fome, não to diria, pois o mundo é meu e quanto nele se contém” (Salmos 50.10-12). João nos abre os olhos para uma surpreendente verdade sobre Jesus, antes de nascer em Belém. Ele escreve que o Profeta do Antigo Testamento, Isaías “viu a glória *dele* e falou *a seu respeito*” (João 12.41 – ênfase acrescentada). O que realmente Isaías viu e de que falou a respeito? Vejamos o que o profeta testemunhou a respeito do que viu, ou seja, de como era Jesus antes de nascer em Belém: “Eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas; com duas cobria o rosto, com duas cobria seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (Isaías 6.1-3). Que impressionante encontro Isaías teve com Jesus, antes dEle nascer em Belém!

Jesus também foi o Criador do universo: como segunda pessoa da Trindade, Ele chamou à existência todo este universo por meio de suas poderosas palavras: “Pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Colossenses 1.16).

É uma incrível realização, não é? Jesus sempre existiu na eterni-

dade passada como o Eterno. Ele sempre esteve com Deus. Ele sempre foi Deus. Foi o criador do universo. Quer uma experiência dissonante? Leia a descrição de Jesus como Deus que se encontra em João 1.1-3; então, imediatamente, vá ao verso 14. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós!”

## O QUE O ETERNO SE FEZ

Perceba os contrastes excepcionais nesta passagem. O primeiro contraste é que o Eterno Deus “se fez carne” (João 1.14). O Espírito Santo poderia ter levado João a usar uma palavra menos evidente. Ele poderia ter dito: “O Verbo se tornou *ser humano*”, mas ele não fez. O Espírito Santo escolheu uma palavra bruta para deixar bem claro seu ponto: “O Verbo se fez *carne*”. Às vezes, se estamos tentando ser enfáticos, diremos: “*carne e sangue verdadeiros*”. Esta é a fala enfática e brusca que João está usando. Jesus Cristo foi Deus em forma de carne. O Eterno Deus assumiu um corpo humano, restrito ao tempo e ao espaço. O Ancião de Dias agora tinha um corpo que se cansava, sentia fome e sede. O Deus-encarnado sentiu a dor e a tentação. Ele derramou sangue verdadeiro e morreu uma morte verdadeira na cruz.

O segundo contraste é que Aquele que vivia em toda a eternidade passada “*com Deus*” veio “e habitou entre nós”. Não é assustador perceber que o Eterno Deus fez sua entrada neste mundo por um estábulo mal-cheiroso? Em seu livro, *Conhecendo a Deus (Knowing God)*, J. I. Packer, escreveu; “A história é sempre embelezada quando a contamos, de Natal a Natal, mas ela é realmente ao contrário: é cruel e detestável”.<sup>1</sup> Aquele que havia gozado o perfeito amor do Pai “veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1.11). Por que Jesus nasceu num estábulo? Porque ninguém cedeu uma cama à jovem

1 PACKER, J.I. *Knowing God*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973, p. 47.

mulher em trabalho de parto, para nascer o Filho do Homem. O nascimento de Jesus foi o prenúncio da vida que Ele viveria neste mundo. Ele experimentaria uma vida de rejeição por parte das próprias pessoas às quais Ele deu vida.

O terceiro contraste é que Jesus, que viveu por toda a eternidade passada *como Deus* (João 1.1), agora vivia a vida comum de um carpinteiro judeu. Aquele que vestiu as vestes reais do céu despiu-se delas e foi envolvido em roupinhas de bebê. Aquele que havia sentado no trono do universo estava deitado num cocho para alimentação de animais. Aquele que conhecia o incenso do céu agora sentia os odores de urina e de estrume de animais, ardendo em suas narinas de bebê. Ele que conhecia o louvor de seres angélicos, chamando-o “Santo, Santo, Santo”, agora ouvia os sons de ovelhas, burros e camelos.

E o quarto contraste chocante: Aquele que havia sido o *Criador do Universo* era agora um bebezinho dependente. Aquele que chamou o universo à existência agora emitia os suaves sons de um bebê recém-nascido. Aquele que havia sustentado o universo pelo seu divino poder era agora dependente de uma jovem judia para amamentá-Lo e trocar suas fraldas. Henry Gariepy comentou em seu livro, *100 Portraits of Christ* (100 Retratos de Cristo):

O Cristo que caminhou pelas ruas poeirentas da Galiléia era o Deus que havia passado pelas trilhas das galáxias. O Cristo que acendeu o fogo à beira do lago para preparar o café da manhã para os seus discípulos cansados e famintos, havia acendido bilhões de estrelas, pendurando-as pelo céu da meia noite. Ele que pediu de beber ao excluído, havia enchido de água cada rio, lago e oceano. Cristo se fez a própria revelação de Deus. Em Jesus, Deus adentrou à humanidade. A eternidade invadiu o tempo.<sup>2</sup>

---

2 GARIEPY, Henry. *100 portraits of Christ*. Colorado Springs: Victor Books, 1987, p. 35.

*Quem é este homem?* Este homem, Jesus de Nazaré, é o Deus-em-carne. Deus veio e viveu em nosso mundo como um ser humano verdadeiro. Jesus é Deus *encarnado*.

## O QUE A ENCARNAÇÃO DE JESUS SIGNIFICA PARA NÓS?

O impacto final da encarnação de Jesus Cristo é que nós podemos ter salvação eterna.

O apóstolo Paulo nos lembra em I Timóteo 1.15: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”. Se Jesus não tivesse vindo ao nosso mundo, não haveria salvação.

Porém, há ainda outra maneira pela qual a encarnação de Jesus vem impactar nossas vidas como seus seguidores. Na noite antes de Jesus ir à cruz para completar a salvação de seu povo, Ele orou: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (João 17.18). E, depois de Jesus morrer na cruz e ressuscitar, Ele anunciou a seus discípulos: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20.21).

Como seguidores do Salvador que veio em carne, nós também precisamos viver uma vida de fragilidades. Não podemos nos esconder em comunidades cristãs, tendo contato mínimo com o mundo. Desde o começo, Jesus ensinou a seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5.14-16).

O apóstolo Pedro estava na encosta da Galiléia aquele dia, ouvindo o Salvador explicar o tipo de ministério que seus seguidores teriam. Ele escreveu mais tarde: “Mantendo exemplar o

vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação” (1 Pedro 2.12).

Aqueles que se dizem seguidores do Senhor Jesus que veio em carne, devem permear o nosso mundo, a fim de chamar a atenção das pessoas para Deus. Devemos refletir o caráter de Cristo em nossas escolas, locais de trabalho, nossos bairros e em nossa casa. Não devemos nos esconder do mundo. Pelo contrário, como o nosso Salvador, devemos andar na vida diária de modo digno e verdadeiro, para a glória dEle.

Alguns de nossos ministérios pessoais podem incluir atos de misericórdia, ao adentrarmos o mundo das pessoas necessitadas. Podemos refletir nosso Salvador, enquanto auxiliamos àqueles que estão lutando com a doença ou as enfermidades da velhice, fazendo o que pudermos para ajudá-los em seu tempo de necessidade. Podemos acompanhar aqueles que lutam com vícios, buscando com firmeza, mas em amor, ajudá-los a encontrar sua esperança em Cristo. Podemos adentrar o mundo daqueles que são socialmente banidos na escola ou no trabalho, sentando com eles no refeitório ou no pátio, mostrando a estes o amor de nosso Salvador. Talvez Deus chame alguns de nós a sairmos de nossa zona de conforto e a dispor nosso tempo e energias para servir uma refeição, em um bazar, em um asilo ou em uma clínica de recuperação de doentes.

Outros ministérios pessoais serão diretamente focados no evangelho. À medida que nós, cristãos, refletimos a disposição de nosso Senhor em deixar o conforto do céu e adentrar um mundo caído, que possamos sair de nossa zona de conforto e falar de Jesus aos outros. Talvez o Senhor nos chame a auxiliar um imigrante que precise ouvir o plano de salvação. O Senhor pode nos levar a ministrar numa cadeia ou presídio. Podemos ser direcionados a ajudar com estudos bíblicos, em uma missão evangelística.



Curvemo-nos e oremos para que nosso Senhor Jesus nos dê olhos para enxergarmos as oportunidades que Ele tem providencialmente colocado ao nosso redor, para que imitemos sua disposição em deixar seu mundo para viver no nosso.

Alegrai-vos com os que se alegram  
e chorai com os que choram.  
Tende o mesmo sentimento uns para com os outros;  
em lugar de serdes orgulhosos,  
condescendei com o que é humilde;  
Não sejais sábios aos vossos próprios olhos.

Romanos 12.15,16.

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO VIVENDO AS FRAGILIDADES DA VIDA COMO JESUS

- 1 - Leia em voz alta João 1.1-14, em duas diferentes versões da Bíblia.
- 2 - Explore como a vida teria sido para Jesus antes de Ele ter sido concebido no ventre de Maria. Leia Isaías 6.1-4. Escreva e discuta algumas de suas observações a respeito das visões, dos sons e dos cheiros que Jesus tinha experimentado no céu.
- 3 - O que vem à sua mente quando você contrasta a vida de Jesus na terra com a vida que Ele experimentava antes da encarnação?
- 4 - Por que Jesus voluntariamente veio a este mundo “em carne”? Leia Hebreus 2 como um catalisador de suas idéias.
- 5 - Que ministérios de misericórdia estão à sua disposição, nos quais você pode exercer um ministério pessoal de acompanhar pessoas que sofrem?
- 6 - Que ministérios evangelísticos estão disponíveis a você que o tirariam de sua zona de conforto e de seu típico estilo de vida para inseri-lo no “mundo” de outras pessoas?
- 7 - Acrescente à sua jornada de oração diária esta oração: “Senhor, mostra-me hoje alguém em cujo mundo eu devo entrar a fim de mostrar o amor de Cristo e compartilhar a mensagem dEle”.



# Andando *em* santidade *como* Jesus

*Santo: pertencente ou vindo de Deus; santificado: consagrado ou separado para Deus.*<sup>1</sup> Esta parece ser a essência da “santidade” – ser dedicado a Deus e a seus propósitos. Viver em santidade é viver para os propósitos de Deus, para agradar a Deus, em vez de vivermos para nossos próprios interesses e prazeres. De modo contrário, uma vida pecaminosa é vivida para si mesma – para seus prazeres e propósitos. De que maneira Jesus foi santo? Como podemos ser santos como Ele, ou seja, como podemos viver em santidade? Visitemos Jesus em um tempo bastante penoso de sua vida, e vejamos sua dedicação a seu Pai celestial sendo testada, experimentada e provada em santidade.

## O CENÁRIO

O ministério de Jesus ainda se achava no início, logo depois de ter sido batizado por João, no rio Jordão; ali Jesus posicionou-se, junto aos homens caídos. Ainda que Ele mesmo não tivesse pecado, identificava-se com outros seres humanos, mostrando-se como Deus-Homem. Às margens do rio Jordão, Jesus experimentou a maravilhosa aprovação de seu Pai celestial: “Tu és o meu Filho amado, *em ti me comprazo*” (Lucas 3.22 – ênfase acrescentada). Ali Jesus também experimentou o poder capacitador do Espírito Santo, que descera sobre Ele em forma visível. Que momento confortante e reanimador deve ter

---

<sup>1</sup> WEBSTER'S, *New Twentieth Century Dictionary of the English Language*, não abreviado. Nova York: Collins World, 1978. p. 868

sido aquele, para o carpinteiro da Galiléia, aos trinta anos de idade!

Depois daquela momentânea experiência, Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto árido e isolado da Judéia. O que Ele faria num lugar como aquele? O deserto estava a uma grande distância do “paraíso”, do qual o “primeiro Adão” desfrutou o Jardim do Éden. O deserto da Judéia era íngreme, rochoso, quente e árido. Jesus fora a esses montes áridos por ordem divina. O Espírito Santo havia conduzido Jesus ali com um propósito específico – para ficar frente a frente com Satanás. O Filho foi divinamente conduzido ao deserto, a fim de que sua lealdade ao Pai fosse testada e provada.

Jesus jejuou por quarenta dias. Ele permaneceu sozinho diante de seu Pai, sem ao menos um bocado de comida para distraí-Lo. Este deve ter sido um tempo para contemplar sua missão neste mundo, tempo de comunhão com seu amado Pai celestial, e tempo de preparação para o ministério público que estaria adiante, durante os próximos três anos. Como Israel esteve por quarenta anos no deserto, Jesus esteve por quarenta dias no deserto. Então, veio Satanás.

Satanás começou seu ataque quando Jesus estava com fome e, sem dúvida, fraco e cansado. Satanás tentaria Jesus, o “último Adão”, de maneira semelhante à que fez com o “primeiro Adão”. Satanás estava para colocar em prática a sua melhor estratégia com o intuito de destruir a consagração de Jesus a seu Pai celestial – a fim de destruir a *santidade* de Jesus. Poderia Satanás fazer com que este Homem deixasse sua dedicação a seu Pai para, ao invés disso, levá-Lo a buscar seus próprios interesses e prazeres? Três vezes Satanás atacou, e três vezes Jesus resistiu.

## A TENTAÇÃO DE SER EGOÍSTA

O primeiro ataque de Satanás está registrado em Lucas 4.3. Ali encontramos: “Disse-lhe, então, o diabo: Se és o Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão”. Você poderia imaginar o quanto Jesus estava faminto, após quarenta dias de jejum? Cada uma das

milhares de pedras que via diante de seus olhos devia lembrá-lo do pão asmo que comera quase todos os dias de seus trinta anos nesta terra. Satanás atacou a lealdade de Jesus a seu Pai celestial, apelando para seu legítimo apetite físico por comida, do mesmo modo como fez com Adão e Eva (Gênesis 3.6) e com os filhos de Israel (Salmos 78.18).

Assim, Satanás distorceu sua sedução, tentando fazer com que Jesus satisfizesse seu legítimo desejo por comida de um modo *ilegítimo*. O apelo veio com o prefácio: “Se és o Filho de Deus”. De fato, seria bem apropriado traduzir esta frase como: “Desde que és o Filho de Deus”. Com efeito, Satanás estava dizendo: “Tire vantagem de ser Filho! Veja, você está com fome. Você não tem de esperar que seu Pai satisfaça suas necessidades. Talvez Ele não satisfaça! Mas, você tem o poder de satisfazer-se. Vá em frente! Você tem o poder! Use-o! Satisfaça-se! Seja independente! Seja egoísta!”

Como Jesus respondeu à tentação de satisfazer-se ilegitimamente? Ele citou Deuteronômio 8.3 e replicou<sup>2</sup>: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem” (Lucas 4.3). Por que Jesus citaria este versículo em particular? Parece que Jesus insistia com Satanás, inferindo: “Não são realmente as coisas materiais que contam na vida e sim a confiança e a lealdade de alguém ao que quer que Deus diga”.

Jesus indicava que o homem é mais que um animal com apetites físicos. Ele é um ser espiritual, em um relacionamento especial com o próprio Deus. A esperança do homem não está tanto no suprimento, mas no Supridor – não tanto na dádiva, mas no Doador. Jesus resistiu claramente a Satanás e manteve sua santidade, entregando ao adversário a mensagem: “Posso confiar em meu Pai. Minha confiança não está naquilo que Ele providencia e sim no fato de que Ele é o meu Pai. Confio em meu Pai celestial. Não preciso fazer as coisas por minhas próprias mãos. Não serei egoísta! Serei leal a meu Pai celestial”.

---

<sup>2</sup> Como mencionou o Dr. Don Garlington em seu excelente livrete, *Jesus the Unique Son of God: Tested and Faithful*: “Uma vez que Deuteronômio focaliza o fator provação, é natural que as respostas de Jesus a Satanás sejam todas derivadas deste livro” (p. 13). Este livrete é recomendado para se obter uma compreensão mais completa da provação de Jesus no deserto. Pode ser adquirido na Canadian Christian Publications, 30 Harding Blvd. W., Suite 612, Richmond Hill, Ontario, Canada L4C 9M3.

## A TENTAÇÃO DE SER BEM-SUCEDIDO

Jesus havia resistido com força; contudo, Satanás veio a Ele novamente, buscando fazer com que Jesus vacilasse em sua lealdade ao Pai. Em Lucas 4.5-7, encontramos Satanás mostrando a Jesus um panorama de todos os reinos do mundo. Ele tentou fazer com que Jesus negasse seu compromisso em buscar a vontade e a honra de seu Pai. Ele queria que Jesus abandonasse aquela busca e, ao invés disso, buscasse sua própria glória. Ele apelou para que Jesus fosse “bem-sucedido”.

Satanás insinuou que ele mesmo tinha a posse de todos os reinos do mundo. Tentou lograr Jesus com: “Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem quiser” (Lucas 4.6). Que usurpador ele é! De acordo com o Salmo 2, todas as nações foram prometidas ao Messias. Não obstante, o grande enganador procurou seduzir a Jesus, dizendo, em essência: “Apenas pense, Jesus. Você pode ter todos esses reinos sem enfrentar a vergonha e a dor da cruz! Isso não seria ótimo? Você pode ter a coroa sem a cruz! Aí está um atalho!”

Esta oferta certamente foi atraente. Contudo, havia um pequeno “detalhe”. Havia um preço que Jesus teria de pagar, se aceitasse a oferta de Satanás. Satanás disse: “Portanto, se prostrado me adorares, toda será tua” (Lucas 4.7). Satanás procurava fazer com que Jesus o adorasse, em vez de adorar ao Pai celestial. Que mercenário enganoso Satanás é! Entretanto, note como Jesus respondeu.

Uma vez mais Jesus recusou-se a comprometer sua santidade – sua dedicação ao Pai celestial. Ao invés de adorar o diabo, Jesus o repreendeu, recorrendo a Deuteronômio 6.13. “Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto” (Lucas 4.8). O que Jesus replicou? Ele disse: “*Somente* Deus é soberano. *Somente* Ele é digno de nossa adoração e serviço. Não importa o custo, devemos adorar *somente* a Deus”.

Jesus não veio a esta terra para ser bem-sucedido aos olhos do mundo. Ele “não veio para ser servido, mas para servir, e dar a sua

vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28). Jesus não seria tapeado pela maquinação enganosa de Satanás para fazê-Lo “bem-sucedido”, malogrando a cruz. Jesus estava disposto a manter sua santidade – sua lealdade ao Pai celestial. Ele estava disposto a seguir o caminho traçado pelo Pai, não importando o quão humilhante e doloroso esse caminho pudesse ser.

## A TENTAÇÃO DE SER ESPETACULAR

Uma vez mais Satanás atacou Jesus. Jesus tinha permanecido firme em sua lealdade a seu Santo Pai, durante as tentações de Satanás para que fosse egoísta e bem-sucedido. Em sua terceira tentação, Satanás apelou para que Jesus fosse espetacular – “Então, o levou a Jerusalém, e o colocou sobre o pináculo do templo, e disse: Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra” (Lucas 4.9-11).

Como Satanás foi audacioso em usar a própria Palavra de Deus (Salmos 91.11,12) em seu esquema! Você vê o que Satanás pretendia? De fato, ele perguntava a Jesus: “Tem certeza de que seu Pai celestial realmente se importa com você? Você pode de fato confiar em suas palavras de amor e de certeza? Talvez você tenha de pôr à prova a preocupação dEle. Force a mão de Deus Pai. Faça-o provar seu amor e preocupação. Faça alguma coisa espetacular, apenas para ter certeza de que Ele realmente protegerá você. Pule!”

Uma vez mais Jesus mostrou sua santidade – sua firme obediência ao Pai celestial. Uma vez mais Jesus rejeitou os apelos do adversário ao citar Deuteronômio. Jesus recitou Deuteronômio 6.16, em seu contexto apropriado: “Não tentarás o Senhor, teu Deus” (Lucas 4.12).

Quando Israel esteve no deserto (assim como Jesus esteve nesse tempo de prova), eles se recusaram a crer na Palavra de Deus. Os hebreus queriam provas de que Deus se importava. Eles queriam provas espetaculares do cuidado de Deus para com eles. O comentário de



Deus a respeito daquela atitude foi que os israelitas tinham “corações endurecidos”. Embora os israelitas (e Adão antes deles) tivessem falhado em crer na Palavra de Deus, Jesus permaneceu firme!

Podemos parafrasear a resposta de Jesus a Satanás do seguinte modo: “A Palavra de Deus é o suficiente. Eu creio nEle. Não preciso colocá-Lo à prova. Isto não é confiar. Isto é presunção. Ordenar que Deus faça alguma coisa além de sua vontade já revelada, a fim de provar seu amor por mim, é um jogo barato. A verdadeira confiança nunca faz uso de truques. A vontade revelada do Pai é suficiente para mim. Vá embora, Satanás! Você não me arrancará de meu Pai celestial! Eu confiarei nEle! Serei leal a Ele!”.

Lucas registra no capítulo 4, versículo 13: “Passadas que foram as tentações de toda a sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno”.

## NOSSA PRÓPRIA SANTIDADE

Como esta narrativa da santidade de Jesus afeta a você e a mim? Primeiramente, ela nos relembra da *grande esperança* que temos em Jesus – nosso vitorioso Líder! Ainda que o primeiro Adão tenha falhado no teste, no Jardim do Éden, e mesmo que Israel tenha falhado no teste do deserto, Jesus passou, e com louvor! Sua santidade – sua dedicação às prioridades e à vontade de seu Pai – manteve-se imutável e imaculada naquele encontro com o inimigo. O primeiro Adão falhou. O último Adão conquistou! Jesus é Aquele que “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hebreus 4.15).

Como crentes, *nós também podemos conhecer a vitória*: “Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Romanos 8.37). Como pessoas que estão em Cristo, não estamos mais sob a escravidão do pecado. Satanás não possui reivindicação sobre nós. Somos livres para rejeitar a nos rendermos aos ardis de Satanás. “Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Colossenses 1.13).

Em segundo, nesta narrativa verdadeira, Jesus *é o supremo exemplo de santidade*. Em João 5.30, Jesus explicou: “Não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou”. Como crentes, temos a obrigação de “*andar nos passos de Jesus*”. Assim como fez nosso Senhor no deserto da Judéia, nós também podemos, e devemos, resistir aos esquemas sutis de Satanás. Também somos chamados a sermos filhos de Deus. Devemos andar de modo digno do chamado que recebemos (Efésios 4.1), vivendo uma vida de obediente lealdade ao Pai que nos chamou.

Satanás nos tentará, assim como tentou Adão, aos israelitas e a Jesus, a sermos “egoístas”, “bem-sucedidos” e “espetaculares”. Seguindo o exemplo de Jesus, devemos resistir às tramas de Satanás, confiando na Palavra de Deus. Como Jesus, devemos ter uma inabalável lealdade às prioridades, aos propósitos e à vontade de nosso Pai celestial. Assim como foi para Jesus, nosso deleite deve ser o de fazer a vontade de nosso Pai (João 4.34). Devemos estar dispostos a usar a Palavra de Deus como espada empunhada, quando estivermos em batalha contra nosso arquiinimigo. Satanás é tanto sutil quanto audaz. Entretanto, como filhos de Deus, andemos no Espírito, empunhando a espada da Palavra de Deus, pois “em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Romanos 8.37).

A nossa força nada faz, estamos, sim, perdidos;  
Mas nosso Deus socorro traz e somos protegidos.  
Defende-nos Jesus, o que venceu a cruz,  
Senhor dos altos céus;  
E, sendo o próprio Deus, triunfa na batalha.  
Se nos quissem devorar demônios não contados,  
Não nos podiam assustar, nem somos derrotados.  
O grande acusador dos servos do Senhor  
Já condenado está; vencido cairá  
Por uma só palavra.

Martin Luther

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO ANDANDO EM SANTIDADE COMO JESUS

- 1 - Em suas palavras, qual é a essência da “santidade”?
- 2 - Quais seriam alguns exemplos da vida cotidiana em que Satanás tenta os crentes a deixarem sua lealdade a Deus para se tornarem “egoístas”, “bem-sucedidos” e “espetaculares”?
- 3 - Quando os cristãos estão mais vulneráveis aos ataques de Satanás?
- 4 - Como a vitória de Jesus sobre Satanás causa impacto na maneira como você responde às tentações?
- 5 - Com quais verdades devemos nos armar como seguidores de Jesus, a fim de resistirmos às seduções de Satanás? Para estimular suas idéias, leia estas passagens: Romanos 6.11-14; Efésios 6.10-18; Tiago 4.7; 1 Pedro 5.8-9.
- 6 - Que esperança há quando nos *rendemos* às tentações de Satanás? Veja Provérbios 28.13 e João 1.9. Em seu tempo particular com Deus, leia Salmos 32 e 51. Fale com Deus a respeito de seu desejo de ser perdoado e de viver uma vida de santidade.
- 7 - Como podemos nos ajudar uns aos outros no corpo de Cristo em nossa resistência contra as artimanhas sutis de Satanás para seduzir os crentes? Leia Efésios 6.18 e Hebreus 3.12-14.

## 6

# Aceitando *os* outros *como* Jesus

## DIVERSIDADES ENTRE OS APÓSTOLOS

Você já considerou quanta diversidade havia entre os doze homens que Jesus escolheu para ser seus apóstolos? Darrel Bock, professor de Estudos do Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas, comentou: “A escolha dos Doze por Jesus reflete um grupo único e diversificado. Ele não escolheu um grupo homogêneo”.<sup>1</sup>

Jesus escolheu homens que representavam uma variedade de diferentes personalidades. Pedro, por exemplo, se lança sobre nós como um verdadeiro extrovertido, sempre pronto para dizer o que tem em mente, sempre pronto a reagir. Seu irmão André, entretanto, parece ser introvertido, quieto e reservado. Jesus também escolheu homens que possuíam diferentes extremos de espectro político. Ele escolheu Simão, o zelote, para incluir em seu grupo de seguidores. A expressão “Zelote” revela que Simão fora um fanático patriota judeu, opondo-se veementemente aos ocupantes romanos. Podemos imaginar que tipo de discussões Simão teve com Mateus, enquanto se assentavam ao redor da fogueira, ao anoitecer. Antes de conhecer Jesus, Mateus fora coletor de impostos. Na verdade, ele tinha colaborado com o governo romano em sua desprezada, porém lucrativa, ocupação.

---

<sup>1</sup> Bock, Darrel L. *The NIV Application Commentary: Luke*. Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 181.

O grupo de apóstolos de Jesus não era uma coleção de voluntários casuais. Jesus os escolheu. Na noite que antecedeu sua morte na cruz, Jesus lembrou a este diversificado grupo: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros” (João 15.16). Jesus aceitou tanto extrovertidos como introvertidos. Ele aceitou “conservadores” e “liberais” políticos. O fator unificador era o próprio Jesus.<sup>2</sup>

## DIVERSIDADE EM NOSSAS IGREJAS

Quão diversa é a congregação de sua igreja local? Há pessoas de várias raças, formações étnicas, níveis educacionais, vocações, estados civis, idades e comunidades residenciais, todas mescladas na igreja típica de nossa cultura ocidental. Somadas a estas diferenças estão as diferentes histórias de salvação dos muitos membros da igreja. Alguns foram salvos quando criança e cresceram em lares cristãos. Outros foram salvos quando eram adolescentes ou quando estavam na faculdade, e ainda outros foram salvos quando eram mais velhos, sendo tirados para fora dos estilos de vida do vergonhoso mundanismo. E para adicionar ainda mais à diversidade, as pessoas na igreja possuem diferentes convicções e preferências concernentes a estilo de música, estilo de vestir e gostam de variadas versões da Bíblia!

Ainda assim, todos os membros da igreja professam crer e seguir ao mesmo Senhor. Todos nós professamos ser parte de *um* corpo de crentes. Como isto pode funcionar? Como um grupo tão diversificado de pessoas pode viver e exercer suas funções em unidade e paz? Como pode tão variado conjunto de indivíduos funcionar como um corpo coesivo de crentes? Como pode uma igreja trabalhar junto em promover a causa de Cristo em sua própria geração e comunidade? Há alguma surpresa no fato de que algumas igrejas experimentem a dor de uma divisão? Sua igreja enfrentou este desafio? Nossas igrejas hoje não são as primeiras a enfrentar esta desencorajadora realidade.

---

<sup>2</sup> Para obter mais a respeito de Jesus como fator unificador, veja João 17.20-23.

## DIVERSIDADE NA IGREJA DO NOVO TESTAMENTO

Nos dias de Paulo, a igreja em Roma – uma igreja constituída de pessoas de diferentes convicções e formações – lutou com esta questão de unidade e aceitação. Quais eram as questões potenciais em Roma? Quais eram as diferenças que fizeram com que a aceitação mútua uns dos outros fosse difícil de ser alcançada, naquela igreja local? Em Romanos 14 e 15, o apóstolo descreve dois campos notavelmente diferentes de grupos, dentro daquele corpo local de crentes. Em Romanos 14.2 Paulo escreve: “Um crê que de tudo pode comer, mas o débil come legumes”. E, em Romanos 14.5, ele explica: “Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias”. Assim, as diferenças com que esta igreja lutava centralizavam-se em diferentes convicções a respeito de *dieta* e *dias*.

### *Parte um: os conservadores*

Uma notável parte na igreja tinha fortes convicções a respeito de *não* comer determinados tipos de comida e *não* fazer certas coisas em determinados dias. Paulo se referiu às pessoas neste grupo como aqueles cuja “fé é fraca”. Este grupo era muito provavelmente constituído de pessoas com formação judaica. Estes crentes estavam tendo problemas em confiar na suficiência do cumprimento da Antiga Aliança por Cristo. Eles achavam necessário completar a obra de Cristo com a observância de certas leis da Antiga Aliança. Eles estavam tendo dificuldades em deixar as práticas da Antiga Aliança, como restrições alimentares e observância do sábado e de outros dias santificados.

### *Parte dois: os progressistas*

Outra parte identificável na igreja local tinha fortes convicções a respeito de sua *liberdade* de comer qualquer tipo de comida e de fazer uma variedade de coisas em qualquer dia da semana. A confiança deles na suficiência do ministério de Cristo em cumprir a Lei era forte. Este grupo era constituído, muito provavelmente, de pessoas

com formação gentílica. Contudo, alguns cristãos com formação judaica também se encontravam neste grupo. Paulo era um judeu étnico (sendo até instruído como fariseu), mas se considerava parte do grupo dos gentios (Romanos 15.1). Em Romanos 14.14, o apóstolo afirmou enfaticamente: “Eu sei e estou persuadido, no Senhor Jesus, de que nenhuma coisa é de si mesma impura”. Paulo se referia a este grupo, ao qual ele pertencia, como sendo os “irmãos mais fortes”.

### *O que os dois grupos tinham em comum*

Estes dois diferentes grupos tinham algumas coisas em comum. Ambos os grupos eram constituídos de crentes que desejavam sinceramente agradar a Deus (Romanos 14.3, 13). Em Romanos 14.6, Paulo explica: “Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz; e quem come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come para o Senhor não come e dá graças a Deus”. Outra coisa em comum que Paulo menciona repetidamente é que todos os crentes, em ambos os grupos, prestariam contas de suas vidas ao próprio Deus (Romanos 14.4 e 10-12).

Há algo mais que era comum a estes dois diferentes grupos em Roma. Ambos eram críticos do grupo que era diferente. Os dois grupos se desprezavam, mantendo-se distantes, exceto ao debaterem. Os cristãos *mais fracos* estavam olhando de cima para os cristãos *mais fortes*. Alguém poderia quase imaginar os irmãos mais fracos sussurrando “bando de liberais” à meia voz, assegurando-se de manterem distância deles.

Igualmente culpados, os cristãos *mais fortes* eram críticos de seus irmãos e irmãs mais fracos. Não é preciso forçar muito a imaginação para ouvir estes membros da igreja resmungando entre si sobre aqueles “legalistas” com os seus escrúpulos sobre comida e dias especiais. Talvez consideravam-se saturados daqueles “cristãos imaturos” que precisavam “crescer”. Aparentemente os limites de relação estavam sendo erguidos pelas pessoas de ambos os lados destas questões. Sem dúvida, eles expressavam atitudes como “Por que devo eu ser amigo dele? Sei que estou certo e ele está errado!”

## O CONSELHO DE PAULO PARA IGREJAS DIVERSIFICADAS: ACEITEM-SE UNS AOS OUTROS

Então, que conselho o apóstolo Paulo deu a esta igreja dividida? Primeiramente, ele escreveu: “Quem come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o acolheu” (Romanos 14.3). Ele também exortou: “Não nos julgemos mais uns aos outros” (Romanos 14.13).

Paulo deixou claro que nem todos concordariam nestes “assuntos disputáveis” (Romanos 14.1). Nesta extensa passagem, o apóstolo nunca disse que os dois grupos deveriam ao final “concordar” um com o outro. Ele nunca pediu a um grupo que abandonasse suas convicções (apesar de que ele mesmo não esconde seu próprio ponto de vista concernente a estas questões de “dieta e dias”). Ele não solicitou uma posição central de acordo. Mas, pediu à igreja que parasse com as críticas e o julgamento.

A responsabilidade de julgar é do próprio Deus. Os crentes não devem procurar assumir o papel de Deus em julgar as convicções de outros crentes, em questões de dieta ou dias. “Tu, porém, por que julgas teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus” (Romanos 14.10). Os cristãos não devem erguer barreiras que Jesus, o cabeça da igreja, nunca ergueu.

Ao invés de gastar tempo e energia procurando julgar o cristão que é diferente, o membro da igreja deve gastar seu tempo e energia naquilo que promoverá paz e crescimento cristão na igreja. Em Romanos 14.19, Paulo desafia cada membro de igreja: “Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também da edificação de uns para com os outros”. Ao invés de gastar energia tentando promover “meu lado” ou mostrar às pessoas do “outro lado” como estão realmente erradas, o crente deve dar o seu melhor para se perguntar: “Esta atitude, comentário ou ação promoverá a unidade do corpo local? Promoverá o crescimento espiritual de meus irmãos e irmãs em Cristo?”. Nosso alvo não deve ser “agradar a nós mesmos”, mas lidar pacientemente



com nossos diferentes irmãos, de modo que os edifique espiritualmente. Isto é particularmente verdade, se alguém se considera como sendo um dos “mais fortes” ( Romanos 15.1-2).

Uma palavra reveladora e encorajadora do apóstolo nesta passagem dá um significado especial a como as pessoas na igreja local, com convicções tão diferentes, podem viver em paz e harmonia. Paulo abençoa a igreja: “Ora, o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, *segundo Cristo Jesus*, para que concordemente e a uma voz glorifiqueis a Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” ( Romanos 15.5,6 – ênfase acrescentada). Paulo estava admitindo que os crentes de ambos os grupos eram seguidores de Cristo Jesus.

E o que o fato de seguir a Cristo Jesus influenciou nesta situação? “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, *como também Cristo nos acolheu* para a glória de Deus” (Romanos 15.7 – ênfase acrescentada). A palavra “aceitar” é uma ordem a “abraçar alguém”, ou “receber alguém em amizade”. O conceito não é mera tolerância, mas uma genuína adoção do outro como um amigo e irmão em Cristo.

## JESUS É NOSSA MOTIVAÇÃO PARA ACEITARMO-NOS UNS AOS OUTROS

Jesus é para nós a *motivação* para aceitarmos os companheiros cristãos que diferem de nós nesses aspectos. Quando pensamos na obra de Cristo, percebemos que Ele aceitou todos os tipos de pessoas em seu reino. Aceitou judeus e gentios, escravos e livres, homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e idosos, pessoas de formação moral reta e pessoas com estilos de vida decadente. Todas estas pessoas tão diferentes foram trazidas ao reino pelo mesmo Salvador, que derramou o mesmo sangue e lhes estendeu a mesma graça. Eles não foram mais aceitáveis do que nós fomos, quando Cristo nos aceitou.

Quando pensamos o quanto custou ao nosso precioso Salvador aceitar aqueles nossos diferentes irmãos e irmãs, precisamos parar e

refletir: veja o quanto custou a Jesus aceitar aquela pessoa. Como podemos tratar de modo tão leviano sua aceitação pelos outros? E ousamos comunicar através de nossas palavras e de nossa conduta: “Bem, talvez Jesus aceitasse aquela pessoa, *mas nós certamente não o faremos*”. Que audácia rejeitar alguém que foi aceito por Jesus ao custo de seu precioso sangue! “Por causa de sua comida, não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu” (Romanos 14.15). “Não destruas a obra de Deus por causa da comida” (Romanos 14.20).

### JESUS É NOSSO MODELO PARA ACEITARMO-NOS UNS AOS OUTROS

Jesus é também o nosso *modelo* de aceitação dos outros. Paulo escreveu: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu” (Romanos 15.7). Devemos refletir sobre a vida de nosso Salvador, a quem estamos seguindo. Ele nunca procurou agradar a Si mesmo. Antes, além de todo amor que teve pelos outros, Ele se dispôs a receber os insultos que outras pessoas mereciam (Romanos 15.3). Assim como nosso Senhor, temos de “morrer para nosso eu” – ou nossas preferências – e termos não só uma preocupação amável com o irmão que é diferente de nós, como também humildemente estender nossos braços além e trazê-lo para próximo de nós.

Nosso Senhor atraiu a Si pessoas que eram consideradas por muitos como inaceitáveis. Para seu círculo de seguidores Ele chamou coletores de impostos, mulheres e crianças, prostitutas e até alguns fariseus. Ele até aceitou uma pessoa qualquer como você e eu! O reino de Cristo possui tanta amplitude, considerando-se a variedade de raças, formações étnicas, níveis sociais e econômicos e idades das pessoas pelas quais Ele morreu!

Seguindo seu exemplo, nós também devemos aceitar crentes que sejam de uma variedade de formações, preferências e convicções. Se alegamos ser verdadeiros cristãos, devemos continuar “*andando nos passos de Jesus*” (1 João 2.6), aceitando outros cristãos que não compartilham de

todas as nossas convicções nestas questões. Aceitar a outros pode não ser *confortável* nem *popular*. Certamente não o foi para Jesus, quando Ele aceitou aquelas pessoas. Devemos nós fazer menos do que isso?

## O BENEFÍCIO DE NOS ACEITARMOS UNS AOS OUTROS

Qual deve ser o maravilhoso resultado, se nós de fato seguirmos o exemplo de nosso Senhor em “aceitar os outros”? Paulo escreve que fazer isto é “para a glória de Deus” (Romanos 15.7). Ele explica que Deus deliberadamente escolheu manifestar sua glória ao salvar pessoas que vinham de todos os tipos de realidades e moldá-las em “uma nova pessoa”.

Jesus Cristo veio e ministrou sua graça tanto a judeus como a gentios. Isto sempre foi parte de seu plano. “Para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade” (Efésios 2.15,16). “Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o *eterno propósito* que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Efésios 3.10,11 – ênfase acrescentada).

Deus deliberadamente salva pessoas de realidades diversas, para que assim Ele manifeste seu glorioso poder e sabedoria. Ele quer que cada um fique impressionado com seu poder de moldar um novo “homem” em pessoas de diversas realidades. Realizar isto na igreja traz a Deus louvor e glória. Quando escolhemos excluir da comunhão aqueles que Cristo escolheu incluir, estamos solapando seu objetivo de manifestar sua glória em sua igreja.

Jesus escolheu aceitar indignos pecadores de diferentes classes, para que trouxesse honra a seu Pai. Ele está fazendo algo inteiramente *novo*. Ele quer que cada um seja marcado com sua sabedoria e habilidade de juntar diferentes pessoas. Por que então escolheremos ir contra os seus propósitos, excluindo da comunhão irmãos e irmãs em

Cristo que tenham convicções que sejam diferentes das nossas, nestas “questões discutíveis”? Devemos aceitar nossos irmãos e irmãs “para a glória de Deus”, “para que concordemente e a uma voz glorifiquemos ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 15.7 e 6). A igreja deve ser preenchida por pessoas que não necessariamente vejam os detalhes da mesma maneira, mas que, entretanto, *aceitem-se umas às outras* assim como Cristo as aceitou, a fim de glorificar a Deus, o Pai.

Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!

Efésios 3.20,21.

---

◆

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO ACEITANDO OS OUTROS COMO JESUS

- 1 - Leia Romanos 14.1 até 15.7. Quais foram algumas das diferenças da igreja de Roma?
- 2 - Cite algumas das diversidades que você tem notado em sua própria igreja.
- 3 - Quais podem ser algumas das “questões discutíveis” enfrentadas por igrejas de nossos dias e de nossa cultura?
- 4 - De que maneira o focalizar na aceitação de Cristo a nós pode impactar nossa prontidão em aceitar aqueles crentes que diferem de nós?

- 5 - Como a união (ou desunião) em sua igreja está impactando o testemunho que sua igreja tem em seu bairro? Leia João 17.20-23; Efésios 2.15-16; Efésios 3.10,11 antes de discutir a resposta para esta pergunta.
- 6 - Qual pode ser sua responsabilidade em aumentar a unidade de sua igreja? (Por exemplo: há alguém “diferente” na igreja, a quem você deva auxiliar? De que maneira você pode tomar iniciativa de ultrapassar as barreiras que mantém as pessoas separadas?).
- 7 - Escreva uma oração pela sua igreja usando os pensamentos de Romanos 15.5-7.

## Compadecendo-se *como* Jesus

Histórias a respeito de Jesus estavam chegando a João Batista mesmo na prisão. No cárcere de Machaerus, fortaleza de Herodes, ao leste do Mar Morto, ele ouvia histórias do que Jesus fazia. Na mente de João parecia existir uma incompatibilidade entre o Messias que ele havia anunciado e este Jesus que pregava e fazia milagres na Galiléia.

O Messias que João Batista descrevera em seus anúncios proféticos era alguém de ira e julgamento. João havia proclamado veementemente às multidões que se arriscaram pelo deserto do Jordão: "...vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe a correia das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão, para limpar completamente a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha em fogo inextinguível" (Lucas 3.16,17).

Inacreditavelmente, este Jesus de Nazaré andava pela Galiléia; contudo, não limpava sua eira espiritual nem queimava a palha com fogo inextinguível. Ele estava curando os doentes e pregando o evangelho da salvação! Como Frederick Bruner comentou honradamente:

Jesus ainda não atacou nenhum dos poderes econômicos e políticos dominantes; em seus milagres ele simplesmente apanhou os pedaços deixados pelas forças do mal. Hoje, a obra de Jesus seria zombeteiramente chamada de "o ministério da ambulância", apanhando as vítimas esmagadas pelas más estrutu-

ras, mas falhando em combater estas mesmas más estruturas... Jesus vai pelas províncias curando doentes, pessoas insignificantes aqui e ali, mas nada faz para mudar os problemas estruturais na vida de Israel... Os sistemas religiosos e ideológicos totalmente decompostos parecem completamente destratados pela atitude de Jesus de fazer o bem em toda parte. Além disso, João está preso, e Herodes (o decreto opressivo em pessoa) ainda está no trono e quase recebendo a cabeça de João. Que tipo de Messias é este...?<sup>1</sup>

João queria esclarecimento desta aparente discrepância. Então, enviou dois de seus seguidores, pela longa jornada ao norte da Galiléia, com esta pergunta crucial: “És *tu* aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?” (Mateus 11.3 – ênfase acrescentada).

A resposta que Jesus deu foi clara, ainda que surpreendente, para João Batista e seus discípulos. Esta resposta revelou Jesus como o Messias compassivo. Aludindo às profecias de Deus através de Isaías (Isaías 35.5, 6 e 61.1), Jesus respondeu à interrogação deles: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: *os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.* E bem-aventurado aquele que não achar em mim motivo de tropeço” (Mateus 11.4-6, ênfase acrescentada).

## JESUS ERA IDENTIFICADO PELA COMPAIXÃO

João Batista não estava errado em sua descrição a respeito do Messias que viria, mas não estava consciente de que o ministério de ira e julgamento se realizaria fundamentalmente na *segunda* vinda do Messias. Jesus estava assegurando a João de que Ele era de fato o Messias. Diante disso, em que as credenciais do Messias primariamente focalizavam? O caráter do Messias em sua primeira vinda focava amplamente em *compaixão*. Jesus, o Messias, era *identificado* pela *compaixão*. Jesus

---

1 BRUNER, Frederick Dale. *Matthew*, v. 1. Dallas: Word, 1987. p. 409.

estava explicando claramente a João que as marcas da *compaixão* eram aquilo que O identificavam como o Messias. Isto havia sido profetizado pelo porta-voz de Deus, Isaías. E agora, aí estava o cumprimento da profecia em Jesus de Nazaré, o Messias prometido por Deus.

## A COMPAIXÃO DE JESUS ILUSTRADA

À medida que estudamos os evangelhos, vemos claramente que Jesus, o Messias, era de fato caracterizado pela *compaixão*. Na verdade, “nenhuma característica do curso de vida terrena de nosso Senhor é mais visível, ou provavelmente mais capturável à atenção de cada estudioso de sua vida, do que a sua *compaixão* de pelos ‘ais’ e sofrimentos dos homens”.<sup>2</sup> Jesus realmente se importava com as pessoas, e Ele demonstrava isso. Jesus obviamente foi afetado pelas pessoas com necessidades reais, e Ele alcançava estas pessoas com sua misericórdia. Andrew Murray comentou: “Toda a sua vida foi uma manifestação da *compaixão* com a qual Ele olhava o eterno pecador, e da ternura com a qual se comovia, diante da miséria e da dor. Ele era deste modo, o verdadeiro reflexo de nosso Deus compassivo”.<sup>3</sup> Analisemos agora os vários tipos de pessoas às quais Jesus mostrou *compaixão*.

Jesus demonstrou *compaixão* pelas pessoas que sofriam. Muitos que tinham sofrimentos físicos eram tocados por sua *compaixão*. Por exemplo, os evangelhos contam a história de dois cegos pedintes que clamaram a Jesus: “Senhor, Filho de Davi, tem *compaixão* de nós!” (Mateus 20.31). Ainda que a multidão tentasse silenciá-los, Jesus ouviu o clamor deles. Quando Ele lhes perguntou: “Que quereis que eu vos faça?”, eles responderam: “Senhor, que se nos abram os olhos”. Mateus relata que “*Condoído*, Jesus tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo” (Mateus 20.30-34 – ênfase acrescentada).

---

2 BLAIKIE, William Garden. *The inner life of Christ*. Minneapolis, MN: Klock & Klock, reimpressão, 1982. p. 120.

3 MURRAY, Andrew. *Like Christ*. Philadelphia: Henry Altemus Co., p. 104.



Jesus também teve compaixão pelas pessoas que estavam sofrendo *pesares*. Considere o caráter de Jesus quando se aproximou do portão da cidade de Naim, na Galiléia. Enquanto a procissão de seus alegres seguidores entrava na cidade, encontraram uma triste procissão a caminho do cemitério da cidade. Seguindo o esquife ia uma mulher que sofria o múltiplo pesar de ser viúva e agora ter de enterrar seu filho – seu único filho.

Lucas registra, no capítulo 7, versículos 12 e 13: “Como se aproximasse da porta da cidade, eis que saía o enterro do filho único da viúva; e grande multidão da cidade ia com ela. Vendo-a, o Senhor se *compadeceu* dela e lhe disse: Não chores!” (ênfase acrescentada). Podemos ver a genuína compaixão de nosso Salvador? Ele compadeceu-se desta pesarosa viúva. Que conforto a compaixão é para nós, quando nossos corações estão partidos pela dor da perda de entes queridos. Nosso Salvador se importa.

Jesus também tinha compaixão por *pessoas que a sociedade rejeitava*. Coletores de impostos eram as pessoas mais mal recebidas na cidade judaica; ainda assim, opondo-se à prática religiosa aceitável, Jesus alcançou os banidos coletores de impostos. Mateus recorda a noite emocionante quando deu um jantar para seus amigos e seu novo mestre, em sua própria casa. Os chefes dos religiosos não puderam acreditar que Jesus se associaria a párias da sociedade judaica. Os fariseus perguntaram aos discípulos de Jesus: “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?”. Jesus respondeu à sua pergunta crítica, chamando atenção ao seu próprio coração de misericórdia compassiva. Ele respondeu: “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar os justos, e sim pecadores (ao arrependimento)” (Mateus 9.11-13).

Outros que viviam com a dor da rejeição também experimentaram a inesperada compaixão de Jesus, pessoalmente. Entre eles estavam prostitutas (Lucas 7.36-50), crianças (Marcos 10.13-16) e leprosos (Marcos 1.40-45). A respeito dos leprosos, os “aidéticos” da-

quele tempo, Marcos registrou uma linda pintura de nosso Senhor. Em Marcos 1.40-41 lemos: “Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, *profundamente compadecido*, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo!” (ênfase acrescentada). Que compaixão Jesus teve destas pessoas, que eram forçadas a viverem às margens da sociedade, isoladas das relações afetivas normais! Jesus ficou “cheio de compaixão” por este leproso a quem todos evitavam. Jesus o tocou. Jesus o curou. Jesus mostrou *compaixão*.

Jesus tinha compaixão especialmente por aqueles que estavam *espiritualmente perdidos*. Havia momentos em que Jesus olhava para as grandes multidões de pessoas a caminho do inferno, e seu coração se comovia. Mateus recorda: “Vendo as multidões, *compadeceu-se delas*, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mateus 9.36). Jesus ensinou seus discípulos a rogar ao Senhor da seara que levantasse trabalhadores que alcançassem estas ovelhas perdidas (Mateus 9.35-38 e também Mateus 23.37).

Jesus se importava profundamente com as pessoas perdidas. Tome nota de como Jesus lidou com o “jovem rico”. Marcos relatou que “Jesus, fitando-o, o amou” (Marcos 10.21). De fato, Jesus tinha compaixão por pessoas que estavam perdidas espiritualmente – fosse um jovem religioso ou uma mulher que ganhara má reputação por causa de seu pecado (João 4.7-42).

João Batista tinha uma boa razão para ser reanimado. Jesus era de fato o Messias. Sua *compaixão* o marcara como Messias. Toda sua vida e ministério eram ilustrações vivas da compaixão messiânica. Seu coração se dava pelas pessoas que sofriam fisicamente, pessoas que sofriam a perda de seus entes queridos, pessoas que eram rejeitadas por suas famílias e por seus vizinhos, pessoas que estavam espiritualmente perdidas.

Sua compaixão custou-Lhe um preço. Custou-Lhe sua *energia* – Ele passava longos, exaustivos dias socorrendo pessoas feridas, curando-as e falando-lhes das boas-novas. Custou-Lhe sua *reputação* – Ele era maculado com o apelido de “amigo dos pecadores”. E, por fim, sua

compaixão custou-Lhe sua própria *vida* – seu último ato de compaixão foi sua morte, naquela cruz romana. Ele voluntariamente abriu mão de sua própria vida, em favor de pecadores que nada mereciam. Sim, anunciai isto a João: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mateus 11.5). Anunciai ao mundo que *Jesus é o Messias compassivo*.

## NOSSA COMPAIXÃO

Como pessoas resgatadas pela compaixão salvadora de Jesus, o Messias, somos pessoas que exercem a compaixão? Andrew Murray comentou: “Que abundância de ocasiões existe a cada dia, para a prática desta virtude celeste, e que necessidade há dela num mundo tão repleto de miséria e pecado! Cada cristão deve, portanto, pela oração e pela prática, cultivar um coração compassivo, como uma das marcas mais preciosas de semelhança com o bendito Mestre”.<sup>4</sup>

Estas são as palavras do apóstolo Paulo: “Da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia [compaixão, literalmente] de Cristo Jesus” (Filipenses 1.8). Podemos nos, sinceramente, ecoar tais palavras? A compaixão de Cristo flui através de nós, quando vemos as pessoas sofrendo? Pessoas aflitas? Pessoas perdidas? Como o nosso Messias misericordioso, estamos dispostos a sacrificar nossa energia, nossos recursos, nossa reputação, nossas vidas, pelo benefício de outros?

O Senhor confrontou-me com meu próprio orgulho e falta de compaixão, enquanto eu permanecia diante de pessoas, esperando por um lugar no restaurante. Um pouco mais cedo, naquela manhã, eu tinha passado no esparso e asqueroso apartamento de um alcoólatra, com o qual muitos de nossa igreja vínhamos compartilhando o evangelho. Eu tinha visto uma garrafa de bebida pela metade sobre sua mesa suja, e perguntei: “Mike, foi este o seu café da manhã?” Quando ele, encabulado, acenou positivamente com a cabeça, eu disse: “Va-

---

4 MURRAY. p. 106-107.

mos, tenhamos um bom café da manhã”.

Perdi o apetite no curto caminho para o restaurante. No caminho, tive de sair para o acostamento, enquanto Mike expelia o álcool que se rebelava dentro de seu estômago vazio. Ali estávamos nós, Mike e eu, esperando para nos assentarmos, enquanto permanecíamos de pé no salão do restaurante, repleto de conhecidos. Os poucos minutos que esperamos pareciam arrastar-se, enquanto eu começava a imaginar o que os que ali estavam, a observar, pensavam. Mike estava despendenteado, barbudo, sujo – até malcheiroso. Permanecendo ao lado dele, comecei a me preocupar com minha própria reputação. Vivemos numa cidade pequena. Pessoas se conhecem. Sou um pastor. Tenho uma reputação a zelar. O que as pessoas irão pensar de mim ao lado de um derrotado?

Então, o Espírito Santo me censurou, enquanto eu permanecia, desconfortável, ao lado de Mike. Uma enxurrada de vergonha invadiu minha consciência, enquanto o Espírito me recordava: “Jesus não se envergonhou de lhe chamar seu irmão.<sup>5</sup> Ele demonstrou compaixão a você, vindo a esta terra para salvar você, sacrificando tudo – sua reputação, até mesmo sua vida. Você não está disposto, Larry, a sacrificar sua própria reputação para mostrar a compaixão de Cristo a este alcoólatra?”. “Perdoa-me Senhor”, orei em meu coração, quando finalmente a garçonete levou-me, junto com meu amigo, a uma mesa.

Nós, que devemos tudo à sua compaixão, que professamos ser seguidores de Jesus, que andamos nos seus passos e levamos sua imagem, oh, demonstremos sua compaixão ao mundo. Podemos fazê-lo. Ele vive em nós. Seu Espírito trabalha em nós. Com muita oração e fé, olhemos para seu exemplo como a promessa certa do que podemos ser.<sup>6</sup>

---

5 A passagem que me vem à mente é Hebreus 2.11: “Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos”.

6 MURRAY. p. 109.

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade... dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, *a mim o fizestes.*

*Mateus 25.31-40, ênfase acrescentada.*

Ser como Tu! Cheio de compaixão,  
Amar, perdoar, mostrar ternura e bondade,  
Socorrer os desamparados, encorajar os abatidos,  
Procurar o pecador errante.  
Oh, ser com Tu! Oh, ser como Tu,  
Bendito Redentor, puro como és!  
Vem com tua doçura, vem com tua plenitude;  
Estampar tua semelhança em meu coração.

Thomas O. Chisholm

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO COMPADECENDO-SE COMO JESUS

- 1 - Cite uma de suas histórias favoritas da Bíblia, que descreva Jesus demonstrando compaixão. Por que esta história lhe prende a atenção?
- 2 - O que custou a Jesus sua compaixão?
- 3 - Relate a história de alguém que tenha mostrado compaixão a você durante um tempo difícil em sua vida.
- 4 - Quais seriam algumas idéias para ministérios de misericórdia compassiva com as quais sua igreja poderia se envolver?
- 5 - Quais seriam algumas idéias para ministérios do evangelho da compaixão (evangelísticos) com as quais sua igreja poderia se envolver?
- 6 - Quem (ou que tipo de pessoas) Deus está colocando em seu coração para que você mostre a compaixão de Jesus?
- 7 - Leia em voz alta Mateus 25.31-40. Deixe esta passagem instruir o seu coração, enquanto você pede a Deus que lhe dê um coração e uma vida marcados com a compaixão, enquanto você continua “*andando nos passos de Jesus*”.



# Sofrendo *como* Jesus

“Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e *que sabe o que é padecer*” (Isaías 53.3, ênfase acrescentada). Estas palavras proféticas foram ditas pelo profeta Isaías a respeito do Messias, 700 anos antes de Jesus Cristo nascer naquele estábulo em Belém. Esta profecia provou ser verdadeira? Oh! Sim. Jesus de fato “*sabia o que era padecer*” durante seus trinta e três anos neste mundo caído.

## JESUS EXPERIMENTOU O SOFRIMENTO FÍSICO

Ele conheceu o sofrimento *físico* de vários modos. Durante os quarenta dias em que foi tentado no deserto, Jesus experimentou fome e sede. Ele conheceu a exaustão física que veio dos longos e árduos dias em que ministrava às pessoas. Ele bebeu plenamente do cálice de dor na forma diabólica de execução, que conhecemos pelo nome de crucificação.

## JESUS EXPERIMENTOU A DOR DA REJEIÇÃO

Jesus também conheceu a dor da *rejeição*. Ele conhecia bem e pessoalmente o sofrimento de ser rejeitado. De fato, o apóstolo João, que fora um dos companheiros mais próximos de Jesus, percebeu esta dolorosa realidade, quando escreveu: “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam” (João 1.11). Apesar de Jesus ter experimentado um curto período de popularidade, veio o tempo em que “muitos



dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6.66). Esta dolorosa rejeição culminou naquela tarde, que se transformou nas trevas da meia-noite. Jesus olhou da cruz e viu que, dos seus muitos seguidores, estavam ali somente o jovem João e algumas mulheres. Então, a última dor da rejeição veio, quando Jesus bradou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27.46).

## JESUS EXPERIMENTOU O SOFRIMENTO ESPIRITUAL

Jesus também experimentou um tipo de sofrimento *espiritual*, desconhecido de você e de mim. Ele não possuía pecado, ainda que tivesse de viver num mundo poluído pelo pecado. Antes de vir a esta terra, Ele vivia em um céu livre de pecado e maldição. Aqui, deve ter sofrido profundamente na alma, ao ver e sentir os efeitos da maldição e do pecado que estavam ao seu redor, enquanto ministrava, no dia-a-dia de sua vida. Com isso, Ele experimentava um tipo de sofrimento indizível e inexplicável a nós, pessoas caídas. Jesus, o único que não conhecia pecado, realmente *se fez* pecado por nós (2 Coríntios 5.21). Que angústia sentiu Aquele que não tinha pecado, tendo seu corpo puro e sua alma pura carregados do terrível peso do pecado de todo o seu povo? Ao contrário da expectativa que a maioria das pessoas tinha ao procurar pelo Messias, a marca de Jesus era ser “desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores, e que *sabe o que é padecer*” (Isaías 53.3, ênfase acrescentada).

## COMO JESUS PODERIA TER RESPONDIDO AO SOFRIMENTO

O que deve captar nosso interesse é a resposta a esta importante pergunta: “Como Jesus *respondeu* ao sofrimento?”. Nosso Salvador usou de sua prerrogativa divina e revidou àqueles que o feriram? Não. Bem, então Jesus teve algum tipo de *anestésico* espiritual que não per-

mitiu que sentisse a dor do sofrimento? Não. De fato, por não possuir pecado, seus sentidos e suas emoções eram *perfeitos*. Jesus passou pelos vários tipos de sofrimento, de modo *perfeito*. Nenhum pecado esmoreceu seus sentimentos. Nenhuma couraça envolveu seu coração.

Entender *como Jesus respondeu* ao sofrimento e seguir os seus passos irá revolucionar a maneira como nós, cristãos, vivemos neste mundo caído e repleto de sofrimentos. Como nosso Salvador (mesmo que, sem dúvida, num grau mais baixo), nós, crentes, também estamos familiarizados com o sofrimento. Vivemos no mundo que foi permeado pelo pecado e dominado pela maldição. Sofremos fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. Como devemos *receber* o sofrimento? “Não me irrito, supero!” Será que devemos viver de acordo com esta filosofia popular? Nós, cristãos, temos disponível algum tipo de *anestésico espiritual* que amortece a dor? Somos chamados a viver como estóicos?

O apóstolo Pedro escreveu a cristãos que passavam por sofrimento e dor. Que tipo de esperança – que tipo de direcionamento – o Espírito Santo deu, através do apóstolo, a estes preciosos sofredores? Pedro escreveu:

Porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus. Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, *pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos o exemplo para seguirdes os seus passos*, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se *àquele que julga retamente*.

1 Pedro 2.19-23, ênfase acrescentada.

Jesus sofreu. Deveras, sua vida foi *caracterizada* pelo sofrimento. Como Jesus respondeu à dor? Isaías havia profetizado a respeito de um Messias sofredor, e Pedro, sem dúvida, tinha Isaías 53.9 em mente quando escreveu que Jesus “não cometeu pecado”. Jesus nunca fez qualquer coisa errada. Ele nunca pecou. Este é um ensino claro dos escritores do Novo Testamento, a respeito de nosso Senhor.<sup>1</sup> Jesus sofreu de múltiplas maneiras; entretanto, nunca respondeu àqueles que o feriam, recorrendo a uma retaliação pecaminosa. Pilatos não pôde encontrar pecado em Jesus. Um dos ladrões na cruz declarou que Jesus era inocente de todo erro. Pedro, que passou muito tempo com Jesus e O viu numa variedade de situações, pôde também afirmar que Jesus nunca pecou. Jesus nunca revidou “fogo com fogo”. Mesmo que não tenha merecido nenhum sofrimento, Jesus nunca revidou ao sofrimento com pecado.

Continuando sua citação de Isaías 53.9, Pedro também observou que “nem dolo algum se achou em sua boca”. Todos nós podemos concordar completamente com esta observação de Tiago: “Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo” (Tiago 3.2). Certamente, Jesus era “perfeito varão”. Mesmo quando sofria severamente, Jesus nunca procurou proteger-se ou aliviar sua dor, usando de mentiras ou engano.

Pedro, então, acrescenta sua observação pessoal: “Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje” (1 Pedro 2.23). Pense sobre os horrendos insultos que eram lançados sobre Aquele que não tinha pecado, durante sua missão terrena. Ele era chamado, entre outras coisas: samaritano, glutão, beberrão, blasfemador, possesso de demônios, enganador de pessoas e amigo dos pecadores. Imaginamos que Pedro também ouviu estes insultos, vindos dos líderes religiosos à pessoa de Jesus, quando esteve de pé na corte dos chefes dos sacerdotes, naquela terrível noite da traição. A respeito daquela noite de insultos e ofensas, Marcos registra: “Então, os principais sacerdotes *o acusavam* [Jesus] *de muitas coisas*. Tornou Pilatos a interrogá-lo: Nada respondes? Vê quan-

<sup>1</sup> Veja João 8.46; 2 Coríntios 5.21; Hebreus 4.15; 1 Pedro 1.19 e 1 João 3.5.

tas acusações te fazem! *Jesus, porém, não respondeu palavra, a ponto de Pilatos muito se admirar*” (Marcos 15.3-5, ênfase acrescentada).

Quando nosso Salvador estava pregado na cruz, aquelas mesmas pessoas corruptas continuaram sua agressão, desta vez junto com as multidões que vinham observar e vomitar verbalmente seu ódio sobre Jesus.

*Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário, e em três dias, o reedificas! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz! De igual modo, os principais sacerdotes com os escribas, escarnecendo, entre si, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se; desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos. Também os que com ele foram crucificados o insultavam.*

Marcos 15.29-32, ênfase acrescentada.

Todavia, nosso Senhor nunca revidou.

Imagine como você se sentiria, se as pessoas aumentassem sua dor quase excruciante, lançando seus insultos sobre você – insulto e deboche que você soubesse não serem verdadeiros nem merecidos. Cada um de nós deve perguntar-se: “*Como eu teria respondido?*”

Pedro acrescenta: “Quando maltratado, *não fazia ameaças*” (I Pedro 2.23, ênfase acrescentada). Como descreve Mateus, naquela horrível manhã, Jesus fora flagelado, despido, escarnecido, cuspidos, além de baterem em sua cabeça coroada de espinhos (Mateus 27.26-31). Nenhum de seus sofrimentos foi merecido. Ele nada havia feito para ferir aquelas pessoas que o feriam. Todavia, mesmo que Jesus sofresse severamente – e injustamente – “*Ele não fez ameaças*”. Ao invés de revidar com ameaças, as palavras que fluíram dos lábios de nosso Salvador sofredor foram: “*Pai, perdoa-lhes*” (Lucas 23.34, ênfase acrescentada).

Como Ele pôde *fazer* aquilo? Como Jesus pôde receber todo aquele horrível sofrimento sem revidar? Ele certamente sentiu a dor.

Ele não estava anestesiado física, emocional ou espiritualmente. Como pôde sustentar-Se “sob a dor do injusto sofrimento”? A chave para entendermos este aspecto da vida de nosso Senhor encontra-se nesta curta frase: “*Mas entregava-se àquele que julga retamente*” (1 Pedro 2.23, ênfase acrescentada).

## COMO JESUS RESPONDEU AO SOFRIMENTO

Jesus respondeu em fé. Frequentemente pensamos em colocar nossa fé em Jesus. Nós raramente pensamos no próprio Jesus tendo fé. Não obstante, aqui está uma explícita expressão de Jesus respondendo às suas muitas experiências de dor por meio de “*entregar-se*” a seu Pai Celestial. Não foi uma resignação forçada, da parte de Jesus, mas foi uma escolha voluntária feita por Ele. Jesus escolheu tomar suas situações de dor e confiá-las – entregar-se a seu Pai fidedigno.

Ao contrário de procurar aliviar a dor que estava sentindo, Ele levou sua dor Àquele que verdadeiramente se importava. Ao invés de procurar fazer justiça com as próprias mãos, Ele depositou sua fé nAquele que “*julga retamente*”. Mesmo que Jesus possuísse o poder e o direito de revidar, Ele escolheu não fazê-lo. Jesus teve fé em seu Pai e estava certo de que seu Pai faria a coisa certa, no tempo certo. Como o apóstolo Paulo escreveu: “Não torneis a ninguém mal por mal... não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Romanos 12.17 e 19).

## COMO RESPONDEMOS AO SOFRIMENTO?

E quanto a você e a mim? Como cidadãos desta era entre o Paraíso perdido do Éden e o Paraíso ainda por ser revelado, do Novo Céu e da Nova Terra, nós também “sabemos o que é padecer”. O sofrimento é uma triste realidade neste mundo caído e repleto de pecado. Sejamos francos. Parte da dor que experimentamos é merecida. Nós pedimos por

uma boa parte do problema que enfrentamos. Diferentemente de nosso Salvador, não somos ainda sem pecado. Muitos de nossos sofrimentos são resultados de nossas próprias pecaminosas escolhas e buscas. Mas, por outro lado, há momentos em que enfrentamos sofrimentos que “não pedimos”. Às vezes, experimentamos sofrimentos físicos, emocionais, ou em nossos relacionamentos, sem que haja algum pecado de nossa parte. Vivemos em um mundo cheio de pecado, lidamos com pecadores, enquanto vivemos nosso dia-a-dia em nossa comunidade, nosso local de trabalho, nossa escola e, até mesmo, em nossa casa.

Como devemos responder ao sofrimento? Como podemos nos sustentar sob a dor do sofrimento injusto? Cristo nos chamou para sermos cristãos estóicos? Para sermos pessoas que não sentem dor? Devemos nós “em tudo dar graças”, agindo apenas como se a dor não afetasse os *verdadeiros* cristãos? Ou talvez nós, cristãos, devêssemos reclamar: “Veja, não merecemos ser tratados assim!”, passando a viver mau-humorados e em desânimo.

“*Não seremos mais capacho!*” Deveria ser este o protesto dos cristãos? Temos o direito de nos “vingarmos”? Devemos revidar? Ameaçar? Difamar aqueles que nos difamaram? Estas podem ser opções bem atraentes, quando sofremos injustamente.

A resposta ressoa aos nossos ouvidos, vinda das palavras de Pedro: “Porquanto..., também Cristo sofreu em vosso lugar, *deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos*” (1 Pedro 2.21, ênfase acrescentada). O apóstolo foi guiado pelo Espírito a usar a palavra “exemplo”, que quer dizer “modelo”. Naquele tempo, quando uma criança estava aprendendo a escrever, a professora colocava no início da lousa (ou prancheta) de exercícios da criança, as letras ou palavras que ela deveria aprender. A criança tinha de copiar cuidadosamente – “delinear” – os exemplos colocados ali por sua professora. Usando este tipo de ilustração, Pedro diz que Deus quer que “copiemos cuidadosamente” o exemplo de nosso Salvador sofredor.

Contrário ao cristianismo popular apresentado hoje em dia, os cristãos *não* são chamados a viverem livres da dor. De fato, a verdade é

o oposto. Somos chamados por nosso Senhor a “copiarmos” seu modelo de vida de um líder sofredor. Devemos seguir “*andando nos passos de Jesus*”, ainda que estes passos nos levem a uma vida “*familiarizada com o sofrimento*”.

## COMO SEREMOS CAPAZES DE RESPONDER AO SOFRIMENTO COMO JESUS?

Como seremos capazes de permanecer firmes em uma vida caracterizada por sofrimento injusto? Como devemos responder ao funcionário desconsiderado que faz nossa ida para o trabalho ser enfadonha, ao invés de prazerosa? Como devemos receber a humilhação vinda daquele professor que parece ter ódio de nós? E quando os membros de nossa própria família fazem a vida dolorosamente difícil, através do modo pecaminoso como nos tratam? A resposta a cada uma dessas perguntas crucialmente importantes e dolorosamente reais é encontrada em percebermos que somos chamados não apenas para sofrermos, mas para *respondermos* ao sofrimento do mesmo modo como Jesus o fez.

Andar nos passos de nosso Salvador significa que nós, também, devemos nos “entregar àquele que julga retamente”, quando experimentamos o sofrimento de vivermos neste mundo cheio de pecado. Devemos ser como Jesus, levando nossas situações de sofrimento ao nosso Pai celestial e confiando-as – confiando-nos – a Ele. Ao invés de tomarmos as questões em nossas mãos e buscarmos revidar contra aqueles que nos ferem, somos chamados a seguir Jesus, respondendo com fé – fé em nosso Pai celestial, que nos ama e que dará a melhor das soluções, de seu próprio modo e em seu próprio tempo.

Podemos nos entregar ao nosso Pai celestial? Como Jerry Bridges sabiamente nos relembra: “Toda a idéia de confiarmos em Deus é, certamente, baseada no fato de que Deus é absolutamente fidedigno”.<sup>2</sup> Jesus cria nisto. Ele sabia que seu Pai celestial era confiável; então, Je-

2 BRIDGES, Jerry. *Trusting God*. Colorado Springs: Navpress, 1988. p. 197.

sus prontamente entregou-se, juntamente com seu sofrimento, “àquele que julga retamente” (1 Pedro 2.23).

Estamos prontos a prosseguir, “*andando nos passos de Jesus*”, nosso Salvador sofredor, entregando-nos com nosso sofrimento, assim como Ele fez, ao nosso fidedigno Pai celestial?

Nosso Pai é onisciente.

Ele sabe tudo a respeito de nossa dor.

Nosso Pai é onipotente.

Ele é capaz de lidar com o nosso sofrimento.

Nosso Pai é sábio.

Ele sabe o melhor meio de lidar com nossas dificuldades.

Nosso Pai é todo amor.

Ele se importa conosco em nossas provações.

Entreguemo-nos a Ele.

Amados, não estranheis o fogo ardente  
que surge no meio de vós,  
destinado a provar-vos,  
como se alguma coisa extraordinária  
vos estivesse acontecendo;  
pelo contrário, alegrai-vos na medida  
em que sois co-participantes  
dos sofrimentos de Cristo,  
para que também, na revelação de sua glória,  
vos alegreis exultando.  
Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados,  
bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa  
o Espírito da glória de Deus.  
Por isso também os que sofrem  
segundo a vontade de Deus  
encomendem a sua alma ao fiel Criador,  
na prática do bem.

I Pedro 4.12-14 e 19



## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO SOFRENDO COMO JESUS

- 1 - Que aspectos da vida de Jesus “que sabe o que é padecer” tocaram você, enquanto você lia este capítulo?
- 2 - Quais seriam alguns exemplos de como sofreremos por causa de nossas próprias escolhas pecaminosas?
- 3 - Quais seriam alguns exemplos de maneiras pelas quais sofreremos sem que haja falta de nossa parte?
- 4 - Quais seriam algumas das respostas comuns que daríamos ao sofrermos sem que isso envolva alguma falta de nossa parte?
- 5 - Por que às vezes nós relutamos em “entregarmo-nos àquele que julga retamente” quando passamos por tempos difíceis?
- 6 - De que maneira podemos, com nossa dor, crescer em confiança em Deus?
- 7 - Pense em algum aspecto do sofrimento que está em seu próprio coração. Fale com Deus abertamente a respeito disso. Peça a Ele que o ajude a entregar-Lhe este sofrimento. “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pedro 5.7).

# Perseverando *como* Jesus

## UM MODELO DE PERSEVERANÇA

Tremendo, ele sentou-se ali. O calabouço subterrâneo da prisão de Mamertino, em Roma, era frio e úmido. Ele estava só. Com exceção de seu velho amigo, Lucas, todo mundo o abandonara. E, ainda que ele na realidade nada tivesse feito de errado, estava acorrentado como um criminoso.

Muitos de seus velhos amigos consideravam *trágica* a sua situação. Que vida desperdiçada! O jovem rabino tinha um futuro tão promissor! Não obstante, por alguma razão, ele se havia consumido com este Jesus de Nazaré. Havia jogado fora um futuro promissor como rabino judeu e se tornara um pregador viajante, por causa de sua nova religião. Onde isto o levou? Ele se tornara um velho homem, sentado naquele calabouço subterrâneo, em Roma, aguardando a sentença de sua execução. Que vergonha! Que vida desperdiçada!

Este velho e trêmulo homem, acorrentado num calabouço, como que numa cova escurecida, escreve algo. Ele escreve sua última carta a seu amado “filho na fé”, Timóteo. O que ele escreve? Uma reclamação a respeito de suas más condições? Palavras de desespero e remorso? Olhemos por sobre os ombros de Paulo, enquanto ele escreve suas últimas palavras a seu filho espiritual: “Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, *completei a carreira*, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele

Dia...” (2 Timóteo 4.6-8, ênfase acrescentada).

Estas não são palavras de remorso, mas de grata vitória. Paulo estava para cruzar a última linha de sua maratona em servir a Cristo. A corrida havia sido difícil. Ele suportou açoites, aprisionamento, naufrágio e abandono.<sup>1</sup> Contudo, permaneceu firme. Ele *perseverou*.

## NOSSA PERSEVERANÇA

O apóstolo Paulo não é o único cristão chamado a perseverar na maratona da vida cristã. Todos nós somos incluídos na exortação de Hebreus 12.1-3:

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatiguis, desmaiando em vossa alma.

A vida cristã é ilustrada como uma corrida que deve ser concretizada com *perseverança*. Esta corrida é uma maratona, não a corrida dos cem metros. E o percurso já está planejado para nós. Não temos a liberdade de correr por qualquer percurso que nos sintamos dispostos a seguir. A corrida da vida cristã já foi “marcada para nós” por Deus. É melhor termos certeza de que estamos na raia certa! Jesus disse: “Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que

---

<sup>1</sup> Veja 2 Coríntios 11.23-29 para mais detalhes dos sofrimentos que Paulo suportou durante sua vida e ministério.

conduz para a perdição e são *muitos* os que entram por ela), porque estreita é a porta, e *apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela*” (Mateus 7.13-14, ênfase acrescentada).

Só há um caminho que leva à vida eterna. Jesus explicou: “*Eu sou o caminho*, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14.6, ênfase acrescentada). Portanto, ao considerarmos nossa maratona, devemos primeiramente ter certeza de que estamos no percurso certo – o percurso que leva à vida eterna. Isto significa ter certeza de que toda a nossa esperança e confiança para a vida eterna estão seguramente fixas nEle, o “Autor e Consumador da fé” (Hebreus 12.2).

Somos aconselhados a realizar esta corrida “com perseverança”. Aparentemente, alguns dos primeiros judeus cristãos (que foram os primeiros destinatários da carta aos Hebreus) haviam começado bem a sua corrida, mas, então, começaram a falhar. Alguns desistiram de seguir “a carreira proposta” a nós, por Jesus, o Messias, e voltaram à velha vida do judaísmo. O autor da carta aos Hebreus os admoesta: “Não façam isso! Não saiam da raia de Jesus. Corram com firmeza. *Corram com perseverança!*” Deve haver firme resolução em não cair fora da corrida – uma determinação em cruzar a linha final, a despeito da adversidade, da oposição, da exaustão e da dor. “Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo” (Mateus 10.22).

Isto certamente soa como uma maratona desafiadora, não é? Que conselho nos dá a Palavra de Deus para que corramos com sucesso? O escritor aos Hebreus nos direciona: “*desembaraçando-nos de todo peso*” que nos impede.

Imagine-se de pé, próximo à linha de largada de uma maratona olímpica. Enquanto inspecionamos os corredores que estão juntos, na linha de largada, percebemos que um dos corredores tem uma enorme mochila, e está puxando um carrinho vermelho empilhado de *tralhas* até o alto. Ali, ele carrega o aparelho de som, tv, celular, computador, seus tacos de golfe – sabe-se lá o que mais. Estupefatos, nós gritamos: “O que você está fazendo com tudo isto?” Ele responde: “Bem, eu não sei o que faria sem as minhas coisas. Estou levando junto comigo para

a maratona hoje, caso precise delas”. Certamente questionaríamos a sanidade mental deste chamado maratonista. Como poderá correr com perseverança nesta maratona, se está arrastando junto com ele todas aquelas coisas desnecessárias?

Agora, observe nossos próprios esforços para correr a maratona da vida cristã. Estamos arrastando conosco *tralhas* desnecessárias, as quais não farão mais do que atolar-nos? Podem ser coisas que não sejam necessariamente pecaminosas em si, no entanto, ainda assim estas coisas não nos auxiliam em nossa corrida. Elas são “excesso de bagagem”.

Precisamos deixar para trás a “bagagem excessiva” dos *maus hábitos*? Por exemplo, assistir televisão excessivamente pode nos tomar porções de tempo. Tais hábitos estão nos ajudando a correr a corrida, ou estão nos deixando lentos? Há outros maus hábitos impedindo nossa corrida, dos quais precisamos nos livrar?

Estamos correndo com algumas *prioridades erradas*? Ao olharmos para a semana que passou, fazemos a pergunta: “Onde foi o meu tempo?” Temos gastado tempo em atividades que pouco auxiliam a nossa corrida? Talvez devêssemos incluir em nosso tempo matinal de oração: “Senhor, o que Tu queres que eu *não* faça hoje?”. Esta oração pode nos ajudar a livrarmos-nos de coisas que nos impedem de correr a maratona cristã.

Temos adquirido posses ou acrescentado atividades às nossas vidas já ocupadas, que dificultam mais a corrida da vida cristã? Com muita frequência, investimos em haveres ou atividades, perguntando-nos: “Isto é *permissível* a um crente?” Talvez devêssemos nos perguntar desse modo: “Esta atividade ou posse me impedirá ou me ajudará a correr a corrida?” Podemos estar mais capacitados a correr melhor sem todas aquelas atividades ou posses acrescentadas ao longo do caminho.

O autor da carta aos Hebreus continua seu conselho no capítulo 12, versículo 1, dizendo: “Desembaraçando-nos... do pecado que tenazmente nos assedia”. No contexto do livro de Hebreus, o pecado que primeiro nos assedia é o da “descrença”. *A falta de fé* – não confiar na Palavra de Deus – pode facilmente nos fazer tropeçar, quando encontramos dificuldades ao longo da maratona da vida. Podemos co-

meçar a duvidar de que seguir a Cristo realmente vale à pena. Começamos a questionar se Ele realmente se importa com nossa situação. Esta falta de fé solapa nossa força.

Obviamente, muitos outros pecados podem de igual modo nos fazer tropeçar. A concupiscência do prazer, do poder e das possessões pode nos “assediar”, enquanto tentamos correr nossa corrida. Livremo-nos de todos estes pecados que nos assediam. John Bunyan, autor do clássico *O Peregrino*, aconselhou aos cristãos a como responder quando os pecados do mundo nos chamam, procurando nos distrair e nos tirar do percurso: “Deixe-me em paz... não se aproxime de mim, pois estou correndo para o céu... Se eu vencer, ganharei tudo, e se perder, perderei tudo; deixe-me em paz, pois não te darei ouvidos!”<sup>2</sup>

Que *encorajamento* Deus providencia em sua Palavra, para nos ajudar a correr a maratona da vida cristã com sucesso e perseverança?

## A PERSEVERANÇA DOS SANTOS DO ANTIGO TESTAMENTO

Hebreus 12.1 encoraja-nos com estas palavras: “*Portanto*, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas” (ênfase acrescentada). O “portanto” nos remete de volta ao capítulo onze – A grande “galeria da fé”, que retrata a perseverança de tantos santos do Antigo Testamento. Pessoas como Noé, Abraão e Sara, José, Moisés e Raabe testificam que a vida de fé pode de fato ser corrida com sucesso. Todas estas pessoas do Antigo Testamento que persistiram em meio a tantas dificuldades, agora servem de exemplos encorajadores de perseverança. Eles não são meros espectadores da nossa corrida, mas são “testemunhas” do que pode ser feito através da fé em Deus. Estes são os atletas que com sucesso completaram a carreira e agora nos testificam que, por meio da graça de Deus, também podemos perseverar em nossa corrida. É como se a multidão dos

---

2 BUNYAN, John. *The whole works of John Bunyan*, v. 3. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977, reimpressão. p. 386.

santos do Antigo Testamento gritasse para nós, lá da linha de chegada: “Corram! Não desistam! Corram com perseverança! Valerá a pena, naquele grande dia, quando você cruzar a linha de chegada!”

## JESUS: O MAIOR EXEMPLO DE PERSEVERANÇA

Contudo, um modelo motivador à perseverança permanece de pé no meio da multidão daqueles que já completaram a corrida. O autor aos Hebreus nos encoraja: “Olhando firmemente para... *Jesus*” (Hebreus 12.2, ênfase acrescentada). Como o atleta que fixa seus olhos em seu alvo e nunca olha para trás – não se distrai com as coisas ao redor – assim nós temos de percorrer a corrida com nossos olhos fixos em Jesus.

Jesus é o “Autor e Consumador da fé”. Jesus também correu esta maratona. Ele abriu o caminho e alcançou o alvo. Neste sentido, ele é o “Autor” de nossa corrida. Jesus é também o “Consumador” de nossa fé. Ele percorreu sua vida terrena em plena fidelidade ao Pai celestial. Ele nunca deixou a trilha. Nunca desistiu. Completou com sucesso a corrida que o Pai designou para Ele, e ainda assegurou nossa fé. Ele é nosso “Campeão”.

Deuteronômio 21.23 nos ensina: “O que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”. A cruz foi uma coisa vergonhosa. Ao ser pendurado na cruz, Jesus tinha todos os pecados de seu povo sobre seu corpo inocente. Ele teve de suportar a indescritível dor de ver seu Pai celestial virar o rosto contra Ele; contudo, esta foi *a corrida designada para Ele*. Isaías profetizara, centenas de anos antes, que Jesus seria ferido e oprimido por Deus, “aflito... traspassado... moído... o castigo estava sobre ele” (Isaías 53.4-5). Ainda assim, Jesus *perseverou*. Jesus “suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hebreus 12.2). Ainda que sua corrida tenha sido imensuravelmente mais difícil que a nossa, Jesus perseverou.

Humanamente falando, Jesus podia ter desistido. Ele poderia ter deixado a corrida no deserto, protegendo-se das tentações de Satanás.<sup>3</sup> Ele poderia ter desistido em Nazaré, no dia em que seus vizinhos

---

3 Veja Lucas 4.1-13.

O rejeitaram e quiseram matá-Lo.<sup>4</sup> Ele poderia ter desistido no Jardim do Getsêmani, quando foi esmagado pela angústia de sua alma.<sup>5</sup> Contudo, Jesus não desistiu. Ele perseverou até o fim de sua corrida.

Na noite anterior à sua morte na cruz, Jesus relatou ao Pai: “Eu te glorifiquei na terra, *consumando* a obra que me deste para fazer” (João 17.4, ênfase acrescentada). Ao dar seu último suspiro, no dia seguinte, Ele bradou em vitória: “Está *consumado!*” (João 19.30, ênfase acrescentada). E, tendo completado a sua corrida, “está assentado à destra do trono de Deus” (Hebreus 12.2), uma figura da perseverança triunfante.

## NOSSO COMPROMETIMENTO EM PERSEVERAR

Nossa corrida pode ser difícil, mas somos chamados a correr com *perseverança*. Muitos outros crentes através dos séculos perseveraram no caminho e completaram suas corridas. Estamos rodeados por “tão grande nuvem de testemunhas” (Hebreus 12.1), lembrando-nos da fidelidade de Deus em capacitar-nos a completar a corrida.

Mas acima de todo encorajamento a perseverar está a confiança no prêmio; por isso, fixamos nossos olhos em Jesus: “O Autor e Consumador” da nossa fé. Ele completou sua corrida, capacitando-nos assim a completarmos a nossa. “Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigais, desmaiando em vossa alma” (Hebreus 12.3). Continuemos e “corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta”, tendo os nossos olhos firmemente fixos em Jesus.

Mil lutas, laços, tentações caíram sobre mim;  
Porém, a graça me valeu! Será para sempre assim.  
E quando à eternidade eu for, fulgindo como a luz,  
A graça excelsa cantarei do amor do meu Jesus!

John Newton

---

4 Para a história completa, leia Lucas 4.14-30.

5 Veja Mateus 26.36-46.



## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO PERSEVERANDO COMO JESUS

- 1 - Cite algumas idéias práticas para ter em vista o alvo de *completar bem a corrida*, enquanto corremos a maratona da vida cristã diária?
- 2 - Considere as “bugigangas” de sua vida. Que excesso de bagagem (em forma de hábitos, prioridades erradas, ou falta de fé) tem tornado você lento na “corrida”? O que você crê que Deus o chama a fazer com as “bugigangas” que lhe atravancam na vida cristã?
- 3 - Quais seriam alguns indicadores de que um amigo(a) cristão(ã) esteja vacilando na perseverança em seguir Jesus? Leia hebreus 3.12-14 enquanto considera, em oração, seu ministério para com esse amigo(a) vacilante.
- 4 - Cite um dos seus personagens bíblicos favoritos que “perseverou” em seu comprometimento com o Senhor. O que há na vida desse personagem que encoraja você a perseverar em sua corrida cristã?
- 5 - Como nossas igrejas podem ser mais fiéis em encorajar uma visão de longo alcance da vida cristã – ou seja, que ela não é uma “corrida de cem metros” e sim uma “maratona” que deve ser corrida até o fim?
- 6 - Nesta semana, gaste um pouco do seu tempo com Deus, peça a Ele que lhe mostre impedimentos específicos ou obstáculos pecaminosos que estão atravancando você em seu progresso espiritual. Peça ao Senhor que lhe ajude a “livrar-se deles”, para que você não “se fatigar”, nem “desmaiar”.

## Praticando a paciência como Jesus

Eles mataram Estêvão naquele dia. Cheio do Espírito Santo, Estêvão pregara poderosamente sobre Jesus Cristo como Senhor e Salvador. As autoridades religiosas estavam furiosas. Eles então arrastaram Estêvão para fora dos muros de Jerusalém e atiraram pedras nele, até seu corpo cair morto na encosta da estrada – ensangüentado e fraturado. “*E Saulo consentia na sua morte*” (Atos 8.1, ênfase acrescentada).

É assim que nós conhecemos este rabino, um jovem promissor conhecido como Saulo de Tarso: de pé, próximo ao corpo de Estêvão, aparentemente com um sorriso presunçoso no rosto, por este diácono pregador não mais estar falando de Jesus Cristo. Atos 8 acrescenta mais cores escuras à moldura de Saulo: “Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele. Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere” (Atos 8.2-3).

E esta moldura se escurece ainda mais: “*Saulo, respirando ainda ameaças e morte* contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém” (Atos 9.1-2, ênfase acrescentada).

A figura de Saulo de Tarso como inimigo de Jesus Cristo e de seu povo não é algo evocado por aqueles que tinham algum espírito de vingança contra ele. Por sua própria boca, ele mais tarde confessaria:

Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno; e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia.

Atos 26.9-11

Você gostaria de ter este homem morando no seu bairro? Saulo tinha uma aversão obsessiva por Jesus Cristo e por qualquer um que professasse ser seguidor de Cristo. Não importava se fosse homem ou mulher, ele viajaria longas distâncias para prender e lançar esta pessoa na prisão. Ele faria tudo que pudesse para forçar as pessoas a renegarem sua fé em Jesus Cristo. E, se a corte estivesse decidindo se tal pessoa deveria viver ou morrer, ele votaria sempre na sentença de morte.

Aqui está uma pergunta digna de ponderação: *Por que Jesus não o parou?* Por que Jesus tolerou este quase que possesso perseguidor da igreja primitiva? Por que Jesus não o parou em sua obsessão por destruir as vidas daqueles membros da igreja primitiva?

De acordo com o testemunho de Saulo (agora conhecido como Paulo), Jesus um dia *o parou*. Leia o que Paulo descreve a respeito do dia em que encontrou Jesus Cristo: “Com estes intuitos, parti para Damasco, levando autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado. Ao meio dia... vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e daqueles que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues?” (Atos 26.12-14).

Irá finalmente Jesus esmagar este perseguidor da igreja? Irá Jesus pisar neste orgulhoso fariseu como numa barata? Vamos ver.

Então, eu perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu perse-

gues. Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.

Atos 26.15-18

Você viu isso? Ao invés de esmagar este homem obcecado em destruir a igreja, Jesus vai fazer dele um missionário! Por que Jesus faria isso? Que pergunta mais provocativa, não? Por que Jesus toleraria por tanto tempo este violento, insensível, farisaico, intolerante perseguidor da igreja e, então, finalmente, interviria – não para esmagá-lo – mas para salvá-lo e fazer dele um missionário do evangelho?

A resposta a esta pergunta investigativa é encontrada, não na pessoa de Paulo, mas na pessoa de Jesus Cristo. Paulo escreveu esta explicação a seu discípulo predileto, Timóteo: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. *Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade*, e servisse eu de modelo para quantos hão de crer nele para a vida eterna” (1 Timóteo 1.15-16, ênfase acrescentada).

Duas vezes neste mesmo parágrafo a Timóteo, Paulo referiu-se a si mesmo como “o principal dos pecadores”. Sem dúvida muitas pessoas hoje lêem esta afirmação pessoal e pensam: “Ah, Paulo, sem essa. Você só está tentando ser humilde. Você não era assim tão mau. De fato, há muitas pessoas que foram piores pecadores que você!” Contudo, não deveríamos levar Paulo a sério? Por que tentar tirar Paulo desta afirmação pessoal? Naquela mesma carta a Timóteo, ele se referiu à sua vida antes de seu encontro com Cristo como uma vida de “blasfemo, e perseguidor, e insolente” (1 Timóteo 1.13). Paulo realmente era culpado

de blasfemar o nome de Cristo e de perseguir aquelas mesmas pessoas que haviam sido compradas com o sangue de Jesus – cometendo grande violência contra os preciosos filhos e filhas do Altíssimo Rei celestial.

Imagino que Paulo tinha pesadelos sobre seus pecados passados contra Cristo e sua igreja. Imagino que ele podia ver o corpo ensangüentado e fraturado de Estêvão, caído na estrada. Imagino que Paulo podia ouvir na memória o som das crianças chorando, enquanto seus pais cristãos eram lançados na prisão. À medida que Paulo pensava em seu passado, era como se dissesse: “Se você tivesse de enfileirar todos os pecadores do mundo, por ordem de suas ofensas, eu seria o primeiro da fila!”

Contudo, como Jesus tratou este blasfemador? Este violento perseguidor da igreja? Este “principal dos pecadores”? Ao invés de esmagar este insolente causador de problemas, Jesus mostrou-lhe misericórdia e graça. Citando o próprio testemunho de Paulo: “Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus” (1 Timóteo 1.14). Naquele dia, na estrada próxima a Damasco, Saulo de Tarso foi salvo pela surpreendente e soberana graça de Jesus Cristo. Jesus mostrou a ele misericórdia, bem no meio de sua obsessiva violência contra os cristãos.

Surpreendentemente, Jesus não somente salvou a este destrutivo perseguidor, do inferno que merecia, como também fez dele um útil instrumento no avanço do grande esforço missionário daquele tempo (1 Timóteo 1.12). Imagino que, após um longo dia de ministério, Paulo deitava em sua cama em lágrimas de admirada gratidão, molhando o travesseiro, enquanto orava:

Querido Jesus, muito obrigado por tomar esta boca que blasfemava seu santo nome e que respirava ameaças, e enchê-la com as doces mensagens de sua graça. Querido Jesus, obrigado por tomar este odioso coração, que era tão cheio de animosidade para contigo e com teus preciosos filhos e preenchê-lo com uma paixão em conhecer-Te e em amar o teu querido povo. Obrigado, querido Jesus, por tomar

este orgulhoso fariseu, tão resoluto a destruir a tua igreja e usar-me para construir teu Reino ao redor do mundo. Tua graça é tão surpreendente, precioso Jesus, eu Te amo. Amém.

Então, por que Jesus fez isso? Por que ele mostrou misericórdia e graça a este “principal dos pecadores”? Ele tinha uma razão, e esta razão focalizava não tanto em Saulo, o receptor da graça, mas em Jesus, o doador da graça. Qual era a razão que Jesus tinha para escolher mostrar misericórdia e graça a Saulo de Tarso? Observe que Paulo (Saulo) escreveu em seu testemunho pessoal de salvação: “Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade...” (1 Timóteo 1.16).

Jesus escolheu salvar este “principal dos pecadores”, a fim de demonstrar um de seus surpreendentes atributos – sua “paciência”. Ao invés de esmagar este assassino perseguidor, Jesus o tolerou dia após dia doloroso, semana após semana dolorosa, mês após mês doloroso. E então, um dia, o milagre dos milagres: Jesus derramou sua misericórdia e graça sobre Saulo de Tarso.

O que a paciência de Jesus tem a ver com você e comigo?

## A PACIÊNCIA DE JESUS SIGNIFICA A NOSSA SALVAÇÃO

Paulo não foi um caso excepcional. De fato, a Bíblia diz que Paulo fora um exemplo – um protótipo – do tipo de pessoa que Jesus escolhe salvar, a fim de demonstrar sua surpreendente paciência. A primeira carta a Timóteo (1.16) explica que Jesus escolheu salvar Saulo de Tarso (Paulo), para que “*servisse eu [Paulo] de modelo* a quantos não de crer nele para a vida eterna” (ênfase acrescentada). Esta é uma verdade tão importante que se tornou uma palavra “digna de toda aceitação” na igreja primitiva. “Fiel é a palavra, e digna de toda aceita-

ção: *que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal*” (1 Timóteo 1.15, ênfase acrescentada).

Todo cristão deveria olhar para sua vida antes de Cristo salvá-lo e perguntar: “Por que o Senhor não me esmagou quando eu era rebelde contra Ele? Por que não me mandou para o inferno há tempos?” Pedro explicou isto da seguinte maneira: “Ele é *longânimo* para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3.9, ênfase acrescentada); e: “Tende por salvação a *longanimidade de nosso Senhor*” (2 Pedro 3.15, ênfase acrescentada). Se você é um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo, sua vida serve como uma tela sobre a qual Jesus tem pintado um retrato do seu próprio caráter – especificamente: o atributo da paciência de Jesus.

## A PACIÊNCIA DE JESUS É O MODELO DE COMO DEVEMOS TRATAR AS OUTRAS PESSOAS

A paciência de Jesus é demonstrada não apenas inicialmente em nossa salvação, mas também no modo como Ele continua a nos tolerar, a despeito de nossos pecados diários. Charles Spurgeon nos lembra:

É um grande ato de eterno amor quando Cristo absolve, de uma vez por todas, o pecador, e o introduz na família de Deus; mas que *condescendente paciência há quando o Salvador, com muita tolerância, suporta as frequentes tolices de seu desobediente discípulo*; dia após dia, e hora após hora, lavando as múltiplas transgressões de seu errante, porém, amado filho! Impedir que flua uma enxurrada de rebeldia é algo maravilhoso, mas suportar o constante gotejar de repetidas ofensas – suportar como uma perpétua prova de paciência, isto é amor de fato! (ênfase acrescentada).<sup>1</sup>

---

1 SPURGEON, Charles H. *Morning and Evening*. Ross-shire, Scotland: Christian Focus Publications Ltd., 1997 reimpressão. October 24, evening.

Nossa vida diária tem refletido a graciosa paciência que Jesus nos demonstrou e continua a demonstrar? Estamos refletindo a paciência de nosso Salvador à medida que suportamos as irritações diárias de viver num mundo caído? Temos respondido pacientemente ao desconsiderado motorista que nos corta à frente, numa estrada? Somos pacientes com a pessoa que se assenta próximo a nós, no restaurante, e conversa alto no celular? E, com o caixa grosseiro do supermercado?

Temos tratado nossos familiares com a paciência que Cristo nos mostrou, apesar de não sermos os filhos ideais para Deus? Quão paciente somos para com as crianças barulhentas? Os adolescentes mal-humorados? Aquele parente idoso desatento? A esposa que tem uma opinião diferente sobre um assunto?

Como podemos melhor refletir a paciência de nosso Senhor em nosso local de trabalho ou em nossa escola?

Tendo em mente a paciência que Cristo continuamente nos mostra, não podemos ser mais pacientes com aquele chefe insensível que nos enche de trabalho? Com o professor que mostra pouca simpatia ao aluno em dificuldade? Com o colega de trabalho que não tem feito a sua parte?

Quão paciente somos com nossos irmãos membros de nossa igreja? Temos demonstrado a paciência de Cristo àquela pessoa que fala demais na classe da escola dominical ou no grupo? Quanto da paciência de Cristo estamos refletindo àquele membro da igreja cujo estilo de louvor preferido é diferente do nosso?

Quão paciente somos até mesmo com nosso Senhor, que é tão paciente conosco? Nossa vida de oração demonstra uma paciência confiante, ao levarmos nossas preocupações ao Senhor, dia após dia, mês após mês, ano após ano, sem aparentemente vermos respostas aos nossos pedidos?

Oh, quão paciente Jesus foi com o “principal dos pecadores”. Quão paciente Ele tem sido com você e comigo! Que sejamos um reflexo desmedido da paciência de Cristo. “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, *que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados*, com



toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor” (Efésios 4.1-2, ênfase acrescentada).

*Amado Senhor, não posso compreender como podes ser tão paciente comigo. Tenho Te ignorado, desobedecido e não tenho priorizado o Senhor em minha vida. Graças Te dou por não me tratares como merecem meus pecados, mas mostrando-me tua paciência salvífica. Ajuda-me, Senhor, a refletir a paciência que Tu tens demonstrado a mim, a todas as pessoas que encontrar em minha vida cotidiana.*

Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade.  
Colossenses 3.12

---

◆

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO PRATICANDO A PACIÊNCIA COMO JESUS

- 1 - Como Jesus mostrou paciência com você antes de você ser salvo?
- 2 - Como Jesus lhe salvou? Quais de seus atributos Jesus demonstra quando salva pecadores que nada merecem, como eu e você?
- 3- Em que situações você precisa mostrar mais paciência?
- 4 - Como a paciência de Cristo para com você impacta o modo como você trata outras pessoas que você considera uma “provação”?
- 5 - Agora pense em alguém com quem você ache especialmente difícil ser paciente. Ore para que Deus abençoe aquela pessoa. Peça a Deus que lhe dê oportunidades de demonstrar a paciência de Cristo à esta pessoa.

# Perdoando *como* Jesus

“Pai, *perdoa-lhes*, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23.34, ênfase acrescentada). O que passava pela mente dos soldados romanos, enquanto permaneciam de guarda àquele horrível lugar da crucificação de Jesus, do lado de fora dos muros de Jerusalém? Os soldados veteranos sem dúvida ouviam uma variedade de palavras dos lábios daqueles que eram crucificados. Mas nunca tinham escutado algo assim.

“Pai, *perdoa-lhes*, porque não sabem o que fazem.” O que pensavam os líderes religiosos dos judeus? Alguns deles se dirigiram até o local da execução para terem certeza de que este causador de problemas, Jesus de Nazaré, realmente teve o que merecia. Os sorrisos maliciosos de sua face repentinamente tornaram-se carrancas confusas, enquanto ponderavam o significado de tão inesperada oração da própria pessoa cuja execução haviam manipulado? “Pai, *perdoa-lhes*, porque não sabem o que fazem.” Como Ele podia fazer tal oração num momento como aquele?

## O QUE É O PERDÃO?

Nosso dicionários nos informam que “perdoar” é “abandonar o ressentimento contra aquele que ofendeu, deixar o desejo de punir, ou parar com a ira contra alguém”<sup>1</sup>. A palavra grega usada em Lucas 23.34 é a mais comum para “perdão”. O conceito radical parece ser

---

<sup>1</sup> WEBSTER'S, *New twentieth century dictionary of the English Language*, não abreviado. New York: Collins World, 1978. p. 720.

“deixar ir” ou “abrir mão de”. Podemos pensar em “perdão” como “abandonar o desejo de vingança ou revide”. O perdão é a escolha ou a decisão de “deixar ir” o desejo de guardar ressentimento ou de tirar desforra quando alguém nos fere.

## A QUEM JESUS PERDOOU?

Jesus perdoou pessoas que estavam profundamente contritas – pessoas que estavam arrependidas de seus pecados. Lembramos da história da mulher que estava de coração partido por causa de sua vida de pecado: “E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento” (Lucas 7.37-38).

Apesar de que esta mulher estivesse profundamente triste por seu pecado, os líderes religiosos dos dias de Jesus continuavam a olhá-la com desdém. No entanto, como Jesus a olhou? “Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados” (Lucas 7.48). Jesus livremente perdoou *pecadores arrependidos*.

Jesus também perdoou a seus inimigos. Ele perdoou até pessoas que *não* estavam arrependidas de seus pecados – pessoas que nem mesmo pediram perdão. Quando Jesus estava cravado na cruz, sua primeira declaração pública foram aquelas surpreendentes palavras: “Pai, perdoa-lhes”. Por quem Jesus estava pedindo perdão? Jesus estava pedindo ao Pai que perdoasse aos líderes judeus – as mesmas pessoas que haviam distorcido seus ensinamentos, caluniado seu caráter e insistido na sua crucificação. Jesus também pediu ao Pai que perdoasse aos soldados romanos que tinham abusado dEle, de modo tão horrível, com açoites, varas, bofetadas, e com uma coroa de espinhos. Foram os soldados romanos que bateram em Jesus, até reduzirem seu corpo a uma massa ensangüentada. Foram os soldados romanos que cravaram aqueles grandes pregos em suas mãos e pés. E agora Jesus

estava pedindo ao Pai que perdoasse àqueles soldados romanos.

Jesus pedia ao Pai que perdoasse à multidão simplória, reunida aos pés da cruz. Enquanto os espectadores zombadores cuspiam palavras de ódio e aversão, Jesus estava naquele mesmo momento pedindo ao Pai celestial que os perdoasse.

Poderíamos esperar que a oração de Jesus fosse algo como: “Pai, faça-os parar de me ferir! Pai, eu não mereço esse abuso! Derrame sua ira agora sobre este povo que está abusando e zombando de mim! Envie teu julgamento a estes crucificadores!”. Contudo, ao contrário, nós claramente ouvimos o Salvador orar: “Pai, *perdoa-lhes*”.

Isto não é surpreendente? Às vezes, temos dificuldade em perdoar pessoas que nos pedem perdão. Às vezes, retemos o perdão até das pessoas que realmente estão arrependidas pelo modo como nos feriram. Entretanto, vemos Jesus perdoar àqueles que abusaram dEle. Perdoou-lhes, no momento em que O estavam assassinando! Eles não estavam quebrantados por seu pecado. Não estavam pedindo perdão. Ainda assim, Jesus orou para que seu Pai lhes perdoasse. A profecia de Isaías 53.12 se cumpre: “Contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu”.

## POR QUE JESUS ERA TÃO PRONTO A PERDOAR?

A resposta a esta questão crítica não é encontrada nas pessoas às quais Ele perdoou. Elas certamente não mereciam seu perdão. A resposta à surpreendente pergunta “Por que Jesus era tão pronto a perdoar?”, é encontrada no próprio Jesus.

Jesus era pronto a perdoar *porque sua missão ao vir à terra era revelar-nos o caráter do Pai*. O Pai é um Deus perdoador.

O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira.

Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades.

Pois quanto o céu se alteia acima da terra,  
assim é grande a sua misericórdia para com os que o  
temem. Quanto dista o Oriente do Ocidente,  
assim afasta de nós as nossas transgressões.

Salmos 103.8-12

Jesus era, aqui na terra, a encarnação de seu Pai perdoador.

Jesus também era perdoador, para que se cumprisse outro de seus propósitos ao vir a este mundo pecaminoso. O apóstolo Paulo disse isto, de modo sucinto: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1 Timóteo 1.15). Todos nós, que somos os imerecidos receptores desse perdão, somos eternamente gratos.

## E QUANTO A NÓS?

Como cristãos nosso guia para a vida cotidiana é: “Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 João 2.5b-6). Como isto nos impacta, na esfera do sermos “pessoas perdoadoras” enquanto vivemos a vida cotidiana em nosso lar, escola, trabalho, igreja e bairro? Colossenses 3.13 é evidente: “Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós”. A base para sermos perdoadores não é a maneira como somos tratados pelos outros, e sim o modo como Cristo nos tratou. Ele nos perdoou de nossas inúmeras ofensas. Mantendo-nos na base certa de seu perdão, certamente podemos perdoar àqueles que nos ferem. “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. *Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós*” (Colossenses 3.13, ênfase acrescentada). Não há espaço para amargura no coração de um seguidor de Jesus Cristo perdoador. Não há lugar para rancores – no dia-a-dia de uma pessoa que tem experimentado o maravilhoso perdão de Jesus Cristo, não há justificativa para tirar desforra.

Como pessoas que têm experimentado pessoalmente o perdão

de Cristo, devemos perdoar não apenas àqueles que humildemente vêm a nós pedindo perdão, mas, como nosso Senhor, devemos também perdoar àqueles que nos ferem e que nunca buscam nosso perdão. Jesus claramente nos direcionou: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5.44).

### POR QUE DEVEMOS PERDOAR AQUELES QUE NOS FEREM?

Podê ser que você esteja em conflito ao ler isto. “Oh, mas você não sabe como aquela pessoa me feriu! Você não conhece a profunda dor e as cicatrizes que carrego comigo por causa de como aquela pessoa me feriu. Tal pessoa não *merece* ser perdoada! Por que eu deveria perdoar alguém que me feriu assim?”

Por que devemos perdoar? A resposta a esta questão do coração não se encontra no merecimento daquele que ofende. Frequentemente nós retemos o perdão, justificando nossa teimosia: “Bem, ele não merece ser perdoado por causa do modo tão mau como me feriu. Não tenho como perdoá-lo depois do que ele me fez!”

Esse tipo de resposta chega ao problema por meio da direção errada. Devemos perdoar porque fomos perdoados. “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, *como também Deus, em Cristo, vos perdoou*” (Efésios 4.32, ênfase acrescentada).

Outra razão para que perdoemos aos outros é *que queremos ser perdoados*. Jesus foi explícito: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6.14-15). Todo cristão professo deve perguntar-se: “Quero que Jesus me trate do mesmo modo como tenho tratado a outros? Gostaria que Ele fosse tão clemente comigo quanto tenho sido para com aqueles que têm pecado contra mim?”

A fim de evidenciar esta dolorosa questão a seus ouvintes ga-

lileus, Jesus contou-lhes uma história que ficou conhecida como “A parábola do credor incompassivo” (veja Mateus 18.21-35). Naquela história, o servo do rei não podia pagar uma grande dívida que tinha com seu senhor. O rei teve pena do homem e perdoou sua dívida impagável. Lamentavelmente, este mesmo servo recusou-se a perdoar uma dívida muito menor que um conservo tinha para com ele. Quando o rei ouviu a respeito de sua dureza de coração, chamou-o uma segunda vez e repreendeu-o. “Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?”. Jesus relata: “E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida”. Então o Senhor acrescenta estas sensatas palavras de aplicação: “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” (Mateus 18.32-35).

## COMO PODEMOS NOS TORNAR PESSOAS MAIS PERDOADORAS?

Primeiramente, *devemos lembrar quem nosso Pai celestial é*. Ele conhece tudo a respeito de nossas situações, vai lidar com elas à seu tempo e do seu modo. Frequentemente, quando fazemos vingança por nossas próprias mãos, estamos, no fundo, protestando a Deus: “Não gosto do modo como o Senhor está tratando disto. Esta pessoa tem me ferido, e o Senhor não está fazendo nada com relação a isso. *Estou tomando a frente das coisas, Deus!*”

Podemos confiar que Deus tome conta destas ofensas que outras pessoas cometem contra nós? Confiamos em Deus para cuidar de nossas situações dolorosas? Considere o que o apóstolo Paulo escreveu em Romanos 12.17-19, a respeito da confiança em Deus, quando somos injustiçados pelos outros: “Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; *não vos*

*vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor”* (ênfase acrescentada).

Em segundo lugar, *devemos nos lembrar de quem somos*. Lembre-se da graça surpreendente que Deus nos mostrou, concedendo-nos o perdão. Ele tem livremente nos perdoado, ainda que O tenhamos ofendido vezes seguidas. Ele muito tem nos perdoado. Não podemos perdoar os menores pecados que outras pessoas cometem contra nós? Deus nos tem tratado com graça, misericórdia e perdão. Como podemos tratar os outros com amargura, vingança e falta de perdão? Parafraseando nosso Senhor: “Aquele a quem muito foi perdoado, perdoe muito”.

E terceiro, *precisamos nos decidir a deliberadamente mostrarmos compaixão àqueles que nos têm ofendido*. A Bíblia claramente ordena que os seguidores de Jesus não busquem vingança sobre aqueles que pecam contra nós. Romanos 12.20-21 nos instrui: “Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”. Muitos cristãos podem testificar de como Deus suavizou seu coração para com aqueles que os tinham ofendido, por terem obedecido à instrução de Romanos 12. Mostrar compaixão sempre transforma o coração do ofendido, tranquilizando-o para perdoar amorosamente ao que o ofendeu.

Cada discípulo de Jesus tem sido, e será, ferido por outras pessoas. Como trataremos aqueles que nos têm ofendido? Libertemo-nos de toda amargura e *perdoemos, assim como fomos perdoados*.

Mais de Cristo eu quero ver, mais do seu amor obter,  
Mais da sua compaixão, mais da sua mansidão.  
Mais de Cristo! Mais de Cristo!  
Mais do seu puro e santo amor,  
Mais de ti mesmo, ó Salvador!  
Mais de Cristo compreender, quero a Cristo obedecer  
Sempre perto dEle andar, seu amor manifestar.

Eliza E. Hewitt



## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO PERDOANDO COMO JESUS

- 1 - Qual é uma boa definição para “perdão”?
- 2- Por que é tão difícil perdoar àqueles que nos ofendem?
- 3 - Por que devemos perdoar àqueles que nos ferem ou que pecam contra nós? Veja Colossenses 3.13 e Efésios 4.32.
- 4- Como nossa disposição em perdoar aos outros impacta o que devemos esperar de Deus? Leia cuidadosamente Mateus 6.14-15 antes de responder.
- 5 - Leia Romanos 12.17-19. O que estamos dizendo a respeito de nossa visão de Deus, quando decidimos buscar vingança ao invés de oferecer perdão àqueles que nos ferem?
- 6 - Pense em alguém que lhe ofendeu. De que formas tangíveis você pode demonstrar que tem perdoado esta pessoa? Há algum ato de compaixão que você possa fazer por essa pessoa nesta semana?

# Orando *como* Jesus

Era bem cedo. O hóspede da casa de Simão Pedro levantou-se quietamente e deslocou-se às ruas frias e ainda escuras da cidade de Cafarnaum. Fazendo seu caminho junto às alamedas desertas, deixou a cidade e encontrou um lugar onde poderia estar sozinho. Contudo, Ele não estava realmente sozinho; passava aquelas primeiras horas da manhã com seu Pai celestial. Aquelas preciosas horas de conversa com seu Pai foram abruptamente interrompidas por um Pedro inquieto. Podemos quase ouvir a pergunta exasperada: “Onde esteve? Estávamos procurando por você em toda parte!” (Veja Marcos 1.35-37).

Quem era aquele homem que dedicava suas primeiras horas da manhã à oração? Era Jesus. Você já notou que Jesus orava muito? Já se perguntou por quê?

## COMO ERA A VIDA DE ORAÇÃO DE JESUS?

### *Jesus orava sempre*

Os evangelhos registram muitos relatos de Jesus orando. Sem dúvida, Jesus orou muitas outras vezes que não foram testemunhadas pelos escritores dos evangelhos. James Stewart, professor do Novo Testamento na Universidade de Edimburgo, comentou: “A oração era a atmosfera habitual da vida diária de Jesus”.<sup>1</sup> Considere algumas das ocasiões nas quais Jesus orou. Ele orou em seu batismo, no início de

---

1 STEWART, James S. *The life and teaching of Jesus Christ*. New York: Abingdon Press, 1978. p. 98.

seu ministério público (Lucas 3.21). Ele orou antes de um dia de ministério atarefado e frutífero (Marcos 1.35-39). Jesus também orou no fim de um dia cheio de ministrações e milagres (Lucas 5.15-16).

Jesus orou antes de tomar uma decisão maior, tal como a escolha dos doze apóstolos (Lucas 6.12). Ele orou em suas poucas e últimas horas com seus discípulos (João 17). Orou na noite anterior à sua ida para a cruz – durante o tempo de sua mais severa provação, no Jardim do Getsêmani (Lucas 22.39-46). Também vemos Jesus orando durante a incomensurável angústia da cruz. Jesus morreu orando (Lucas 23.34,46).

Diferentemente de muitos de seus seguidores, Jesus orou não somente quando as pessoas estavam observando e ouvindo, mas também quando ninguém O havia notado. Lucas nos informa: “Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava” (Lucas 5.16). Ele sempre orava quando a única audiência que tinha era seu Pai celestial.

### *Jesus orou apaixonadamente*

A oração não era um ritual sem sentido para Jesus. Veja a descrição que Lucas faz a respeito de Jesus orando: “[...E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.]” (Lucas 22.44). O autor aos Hebreus relata: “Ele, Jesus... tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas...” (Hebreus 5.7).

### *Jesus orou insistentemente*

Ele parecia compelido a orar. Às vezes, se levantava às três ou quatro horas da manhã para orar (veja Marcos 1.35, por exemplo). Ainda que Jesus levasse uma vida muito ocupada, com muitas pessoas demandando seu tempo, Jesus tinha tempo para orar.

### *Jesus orava demoradamente*

Algumas vezes, Jesus oferecia orações curtas a seu Pai celestial, mas em outras ocasiões, orava por longos períodos de tempo – às vezes, por horas. De fato, Lucas relata uma ocasião em que Jesus

“retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus” (Lucas 6.12).

## POR QUE JESUS ORAVA?

Há muitos anos atrás, o autor do século dezenove, William Blaikie, fez uma observação que sem dúvida expressa os sentimentos de muitos leitores dos relatos dos evangelhos. Ele escreveu: “Embora a devoção de Jesus à oração seja bela em si mesma, quando pensamos em quem Ele era, isso de alguma forma ainda nos surpreende”.<sup>2</sup> Semelhantemente, o teólogo batista do século dezenove, John Broadus, disse: “Se algum ser humano fosse capaz de ficar sozinho no universo, sem se firmar em Deus, isto realmente teria sido verdade para Ele [Jesus]”.<sup>3</sup>

Se já existiu alguém que andou por este planeta, que não precisava orar, este foi Jesus. Não obstante, se existiu alguém cuja vida foi marcada pela devoção, este, também, foi Jesus. Somos confrontados por esta pergunta: “Por que Jesus orava?”.

### *Jesus queria orar*

Expressando de modo simples, Jesus orava *porque queria*. Jesus disse: “O Pai ama ao Filho” (João 5.20). Jesus estava totalmente convicto a respeito do amor de seu Pai e, por sua vez, também amava seu Pai. Às vezes, Jesus orava para ter “comunhão” com seu Pai Celestial, que o amava “antes da fundação do mundo” (João 17.24). James Stewart comentou: “Jesus sempre se voltava para Deus, não por causa de alguma dádiva que precisava, mas simplesmente por amor à própria comunhão com Deus”.<sup>4</sup>

Que tipo de filho conversaria com seu pai, somente quando quisesse alguma coisa? Um filho amoroso se dirigiria a seu pai pelo puro prazer do relacionamento pessoal entre os dois. As orações de

2 BLAIKIE, William G. *Glimpses of the inner life of Christ*. London: Hodder&Stoughton, 1876, p. 231.

3 BROADUS, John A. *Jesus of Nazareth*. New York: George H. Doran Co., 1890. p. 231.

4 STEWART, p. 102.

Jesus eram sempre dirigidas com ternura (e respeito), com “Pai” ou “Pai Santo”. “Jesus amava a Deus, seu Pai, de modo tão completo e intenso que não podia suportar estar longe dEle, mas usava cada oportunidade que os dias e noites Lhe traziam para falar novamente de seu amor a Deus.”<sup>5</sup>

### *Jesus precisava orar*

Mas Jesus também orava *porque precisava*. Leia com atenção Hebreus 5.7: “Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade”. A frase “nos dias da sua carne”, significa literalmente “*nos dias de sua vida terrena*”. Em outras palavras, Jesus orava porque era homem – um verdadeiro ser humano.

Como disse J. Oswald Sanders: “Embora sendo realmente divino, sua deidade de modo algum afetou a realidade de sua natureza humana. Suas orações eram tão reais e intensas como alguém jamais poderia oferecer”.<sup>6</sup> Em outras palavras, Jesus orava porque, como ser humano, estava totalmente ciente de sua dependência de seu Pai celestial. Por exemplo, Ele sentiu necessidade de sabedoria ao tomar decisões, então foi ao seu Pai celestial para pedi-la. Precisou ser fortalecido por seu Pai, e pediu isto nos momentos em que teve de fazer milagres e quando tinha de resistir aos ataques de Satanás.

Uma explicação primária para o surpreendente poder e sabedoria vistos no ministério terreno de Jesus é que Ele percebia sua total dependência do Pai celestial, e ia àquela única verdadeira Fonte para ser suprido. Jesus orava não apenas porque *queria*, mas também porque *precisava*.

## É NOSSA VIDA DE ORAÇÃO?

Quais devem ser nossos hábitos de oração? Reconsideremos alguns mandamentos da Escritura: “Sede... na oração, perseverantes”

---

5 STEWART, p. 99.

6 SANDERS, J. Oswald. *The incomparable Christ*. Chicago: Moody Press, 1952, p. 133.

(Romanos 12.12). “Orando em todo tempo no Espírito” (Efésios 6.18). “Perseverai na oração” (Colossenses 4.2). “Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Tessalonicenses 5.17-18).

Isto é o que a Palavra de Deus ordena que façamos, mas quais realmente são nossos hábitos cotidianos de oração? Oramos somente quando outras pessoas nos estão observando e ouvindo? Se é assim, precisamos ser corrigidos pelas palavras de Jesus, quando disse: “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto” (Mateus 6.6). Charles Spurgeon, o bem conhecido pastor do século dezenove, no Tabernáculo Metropolitano de Londres, disse certa vez num sermão: “Se você não ora sozinho, você não ora de modo nenhum”.<sup>7</sup>

Nossas orações podem ser raras e fracas. Não obstante, Jesus orou frequentemente, particularmente, insistentemente e, com frequência, demoradamente. Tal como Andrew Murray escreveu numa devocional: “Em sua vida de doce oração, meu Salvador é meu Exemplo”.<sup>8</sup>

Por que nossa vida de oração não é como a vida de oração de Jesus, nosso Salvador e Exemplo? Um dos pretextos mais comuns é: “Sou muito atarefado para orar”. Contudo, Nosso Senhor Jesus não tinha uma vida atarefada? Como mencionou James Stewart: “Os dias de Jesus eram enfaticamente mais atarefados e cheios do que os nossos dias”.<sup>9</sup>

De qualquer modo, a desculpa: “*Estou realmente muito ocupado para orar*” não parece sustentável quando nos comparamos com nosso Redentor e Modelo, Jesus Cristo. “Fazemos das ocupações uma razão para não orarmos. Jesus fez delas uma razão para orar”.<sup>10</sup>

Para verdadeiramente avaliarmos nossa própria falta de oração, seria sábio (mesmo que doloroso) revermos as razões de Jesus para ter uma vida de oração. Se a maior razão para que Jesus orasse é simples-

7 SPURGEON, Charles H. *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, v. 30. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1973, reimpressão, p. 136.

8 MURRAY, Andrew. *Like Christ*. Philadelphia: Henry Altemus Co., pág 133.

9 STEWART, p. 99.

10 STALKER, James. *Imago Christi*. New York: American Tract Society, 1889, p. 137.

mente que *Ele queria* orar, então, é possível que nossa falta de oração revele *uma falta de desejo de orar!* Uma honesta e dolorosa razão para não orar é: “Eu realmente não tenho vontade de orar. Eu realmente não quero orar agora”.

A falta de devoção é, como James Stewart disse: “Um sintoma de algo mais profundo; um sintoma de queda da afeição”.<sup>11</sup> Muito de nossa oração deve ser motivada pelo desejo de comunhão com Deus, vindo da plenitude de nosso coração, e não meramente vindo de nosso senso de necessidade. Se estamos orando pouco, é bem provável que nosso amor a Deus tenha se esfriado ou que nossa confiança em seu amor tenha sido esquecida. A falta de comunicação com Deus é um sinal de que o relacionamento se tornou distante, muito semelhante ao triste relacionamento de um casal que raramente tem conversas significativas.

Falta de devoção é sempre um sintoma de um problema mais grave, um distanciamento do Deus que nos comprou com o sangue de seu precioso Filho. Não sentir vontade de orar deve ser a exata razão por que temos de orar! Devemos nos aproximar de nosso Pai celestial, e que ao nos achegarmos mais próximo dEle, nosso relacionamento seja reavivado. “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hebreus 4.16).

Se Jesus passava tanto tempo em oração porque *precisava*, o que isso nos diz a respeito de nossa própria falta de devoção? Pensamos que não *precisamos* orar? Que podemos “fazer tudo por nós mesmos”? Que podemos realmente fazer as coisas bem, sem o auxílio de Deus? Isto é bastante embaraçador para o admitirmos, mas é verdade, não é? Uma razão maior para nossa falta de oração poderia ser uma desagradável atitude de auto-suficiência. “Nunca estamos tão distantes de Deus como quando estamos intoxicados pelo orgulho”.<sup>12</sup> Se Jesus precisou orar “nos dias da sua carne”, quanto mais nós precisamos trilhar diariamente nosso caminho até a sala do trono de nosso Soberano, o Pai celestial!

---

11 STEWART, p. 99.

12 STALKER, p. 136-137.

Falta de devoção não é um problema irrelevante. Raramente é uma questão de mera ocupação ou cansaço, ou falta de disciplina. Frequentemente, falta de devoção é uma questão de indiferença ou uma atitude de auto-suficiência. Tem sempre a ver com não *querermos* orar ou pensarmos que não *precisamos* orar.

A falta de oração revela um problema com o cerne de nossas convicções e valores. Orgulho e auto-suficiência são a própria essência do pecado em si – inclusive do pecado da falta de devoção.

## O QUE DEVEMOS FAZER A RESPEITO DE NOSSA FALTA DE DEVOÇÃO?

### *Confessar*

Primeiro, devemos confessar nossa falta de devoção como sendo aquilo que realmente é – pecado. É uma desobediência àqueles claros mandamentos quanto à oração, e é totalmente diferente do exemplo de nosso Salvador. Somente quando entramos na presença do Rei do Universo é que nosso orgulho é “abatido e desarraigado”.<sup>13</sup> Oh, que conforto saber que “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1.9).

### *Arreponder-se*

Em seguida, precisamos nos arrepender. Precisamos ter uma mudança de pensamento que leve a uma genuína mudança na vida diária. Quando nos pegarmos afirmando: “Podemos continuar sem Deus nisso”, precisamos de uma mudança em nosso pensamento, até que digamos: “Oh, Senhor, como *precisamos* de Ti! Nada podemos fazer sem Ti!”. Ao pensarmos que podemos resolver as coisas por nós mesmos, devemos ouvir a pergunta de Deus a Jó: “Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra?” (Jó 38.4). Ao pensarmos em nós mesmos como auto-suficientes, devemos nos recordar da

---

13 STALKER, p. 137.



pergunta do apóstolo Paulo: “E que tens tu que não tenhas recebido?” (1 Coríntios 4.7). Quando por insensatez pensarmos que podemos ir ao mundo para termos nossas necessidades supridas, devemos mudar tal pensamento, lembrando-nos: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto” (Tiago 1.17).

### *Orar*

E, finalmente, é claro, precisamos orar. Devemos “fazer” tempo para orar. Como nosso Senhor, nossa vida deve ser marcada pela oração particular, fervorosa, insistente e até (por vezes) demorada. “Orar à semelhança de Cristo, em secreto, será o segredo da vida à semelhança de Cristo, em público”.<sup>14</sup> “*Senhor, ensina-nos a orar!*”

Levanta-te, minha alma, levanta-te,  
Sacode de ti os temores culpáveis:  
O Sacrifício de sangue  
Mostra-se em meu favor:  
Diante do Trono, está minha garantia,  
Diante do Trono, está minha garantia,  
Meu nome está gravado em suas mãos.  
Meu Deus é reconciliador;  
Sua voz perdoadora ouço;  
Ele me recebe por filho,  
Não preciso mais temer;  
Com confiança agora me aproximo,  
Com confiança agora me aproximo,  
E “Pai, Abba, Pai”, eu clamo.

Charles Wesley

---

14 MURRAY, p. 140.

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO ORANDO COMO JESUS

- 1 - Quais características da vida de oração de Jesus desafiam você em particular?
- 2 - Identifique as duas razões pelas quais Jesus orava, como foi explicado neste capítulo.
- 3- Quais são alguns motivos comuns que os cristãos apresentam para não orar? Quais dessas razões são legítimas?
- 4 - Descreva como você gostaria que fosse sua vida de oração.
- 5 - Quais alguns meios que nossa igreja poderia usar para encorajar seus membros a crescerem em sua vida de oração? De que maneira você poderia servir sua igreja, a fim de encorajá-la nisto?
- 6 - Se você é casado, ou vive num contexto familiar, quais seriam os meios de melhorar seus períodos de oração em família?
- 7 - Se você no momento não está praticando a oração, escolha um tempo e empregue-o em orar a Deus diariamente. Compartilhe este compromisso com uma ou duas pessoas da família ou amigos próximos.



## Servindo *como* Jesus

Era o pôr-do-sol quando os homens se reuniram para a refeição Pascal. Muitas coisas a respeito daquela noite pareciam familiares para aqueles judeus. Eles haviam encontrado certo conforto na familiaridade dos elementos e da liturgia da Páscoa, com os quais todos eles tinham crescido. Sobre a mesa estava o cordeiro, o pão sem fermento, o vinho e as ervas amargas. Não obstante, uma certa preocupação estava misturada àquele conforto com o familiar, naquela noite de primavera. Os sussurros ao redor da mesa pareciam um tanto hostis. Cochichos iam e vinham por entre os homens reunidos para a refeição. Ouviam-se rumores de traição.

Além desta inquietante argumentação, existia também a compreensão socialmente embaraçosa de que ninguém havia ainda realizado aquele ato comum de hospitalidade, ou seja, o ato de lavar os pés dos convidados. Ao lado, naquele cômodo superior, estavam uma jarra e uma bacia, colocados perto de uma longa toalha de linho. Todos sabiam a função daqueles itens domésticos. Quem se levantaria para realizar a aviltante tarefa? A caminhada desde Betânia havia sido poeirenta para aqueles treze homens. *Alguém* devia se levantar e lavar os pés dos presentes. Mas quem faria isto?

Talvez o ambicioso Pedro, num salto, se prontificaria. Ou quem sabe um dos fortes tipos calados, como André, o pescador. Talvez João devesse fazê-lo. Além do mais, ele era o mais jovem. A refeição continuava neste clima, marcada pela propensão de um debate. Como Lucas mais tarde registraria: “Suscitaram também entre si uma discussão

sobre qual deles parecia ser o maior” (Lucas 22.24).

Sem comentar, o Mestre mesmo levantou-se. Jesus se pôs de pé, e tirando sua capa e caminhando em direção à jarra e à bacia, cingiu-se com a toalha de linho; repentinamente Ele pareceu-se muito com um escravo comum. Colocou-se de joelhos e começou a fazer seu caminho ao redor da mesa, lavando os pés de seus seguidores, um por um.

João registra esta parte fascinante do acontecimento, antes de contar a história do Mestre lavando os pés de seus discípulos: “Sabendo este [Jesus] que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus” (João 13.3). Esta foi a explicação introdutória de João ao relato que fez a respeito de Jesus levantar-se da refeição para lavar os pés de seus discípulos.

Qual era o objetivo de João? Jesus não estava agindo a partir de uma posição de fraqueza, mas de poder; não de uma posição de insegurança, e sim de certeza. Ele estava seguro de seu relacionamento com seu Pai celestial. Estava confiante em seu iminente retorno ao seu lugar de honra e glória. Jesus também estava muito ciente de que o Pai tudo confiara ao seu poder, ou mais literalmente “tudo confiara às suas mãos”.

Deste modo, estando muito ciente de sua poderosa capacidade e autoridade, o que Jesus fez? Ao invés de exigir que seus seguidores *o servissem*, Jesus voluntariamente escolheu servi-los! Ele escolheu usar seu poder e autoridade para servir àqueles homens, realizando a mais servil das tarefas – ainda que seus discípulos tivessem demonstrado um orgulho importuno em seu debate e uma falta de iniciativa para servirem uns aos outros. Por que Jesus fez aquilo?

## JESUS OS ENSINAVA QUE ELES PRECISAVAM SER SERVIDOS POR ELE

Pedro, o homem sincero a quem muitos de nós nos referimos, aparentemente sentiu a incongruência de ter seus pés lavados pelo Mes-

tre. Ele protestou. Jesus explicou que Pedro precisava se humilhar e ser lavado por Jesus. Naquelas horas antes de ir para a cruz, Jesus estava demonstrando a seus discípulos que somente Ele tinha o poder de limpá-los. Se eles tivessem de ser lavados espiritualmente, Jesus era o único qualificado a fazê-lo. Para que os homens fossem seus discípulos, era necessário que se humilhassem, e reconhecessem sua necessidade de serem limpos por Jesus. Ajoelhado perto dos pés sujos dele, Jesus explicou: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (João 13.8).

### JESUS OS ENSINAVA A SERVIREM UNS AOS OUTROS

Jesus foi explicando, desde o maior até o menor. Era como se Jesus estivesse explicando da seguinte maneira: “Homens, pense por um instante quem Eu sou. Vocês me chamam de ‘Mestre’ e ‘Senhor’. Está certo. É o que Eu sou. Agora, se Eu, com minha posição de poder e autoridade tenho lavado os seus pés, então, vocês, meus discípulos, devem lavar os pés uns dos outros”. João relata estas palavras que ouviu na noite de Páscoa: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (João 13.15-17).

Imagine, naquele contexto de homens que discutiam sobre quem era o maior, era como se Jesus tivesse dito: “Parem de debater a respeito de quem é o maior. Ao contrário, sigam meu exemplo. Usem sua habilidade e autoridade não para prover a vocês mesmos, mas para servirem uns aos outros”. Jesus os havia instruído havia menos de uma semana:

Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. *Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre*

vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, *mas para servir* e dar a sua vida em resgate por muitos.

Mateus 20.25-28, ênfase acrescentada.

## JESUS JÁ ME LAVOU?

Antes que eu possa de fato servir a Jesus ou servir a outras pessoas em nome dEle, primeiramente preciso me submeter a ser servido por Ele. Já me humilhei, conscientizando-me de que necessito ser lavado por Jesus? O Filho do Homem veio “para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28). Eu já fui limpo pelo Salvador, da sujeira do meu pecado? Para eu ser seguidor de Jesus, devo deixar todo os meus orgulhosos esforços para limpar-me, e humildemente admitir minha necessidade de ser lavado no sangue do Cordeiro que foi sacrificado no Calvário.

## ESTOU LAVANDO OS PÉS DE OUTROS?

Deus me tem dado certas habilidades e determinadas situações nas quais tenho autoridade sobre outras pessoas. Tenho usado esta autoridade para me promover ou para servir aos outros? Jesus foi claro: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (João 13.15). O meu estilo diário de vida tem indicado que estou “*andando nos passos de Jesus*”? Aqueles que me conhecem melhor são lembrados de Jesus quando observam a minha vida? O serviço aos outros marca minha caminhada diária?

Quando penso em minha vida, no local de trabalho ou na escola, tenho refletido o Salvador? Ou tenho cedido à tentação de tirar os outros do meu caminho, enquanto procuro subir a escada do sucesso? Meus colegas de trabalho me conhecem como alguém que *usa* as pessoas ou como alguém que *serve* as pessoas? Esta é a verdade sobre meus relacionamentos, não apenas com superiores, mas também

com pessoas que estão abaixo de mim? Tenho disposição em servir ao Senhor em meu trabalho diário, ainda que não receba nenhum reconhecimento? Ainda que *outra pessoa* obtenha o crédito por meu trabalho? Há alguém no trabalho ou na escola cujos pés o Salvador me tem chamado a lavar?

Quando avalio meus relacionamentos com outros na igreja, tenho esperado ser servido ou tenho tomado iniciativa de servir aos outros? Estou disposto a servir apenas nos ministérios que recebem alguma forma de recompensa? Ou tenho refletido o caráter de meu Senhor, servindo naqueles ministérios menos glamourosos, tais como preparar uma refeição para uma pessoa doente, levar um paciente com câncer para seu tratamento oncológico, limpar a casa para um membro da igreja que esteja desolado pela perda de um parente, ou fazer uma doação financeira anonimamente? Minha vida faz as pessoas se lembrarem de Diótrefes, que gostava de “exercer a primazia” (3 João 9)? Ou, eu lembro às pessoas sobre a vida de Jesus, que “não veio para ser servido, *mas para servir* e dar a sua vida”? Deus me tem dado habilidades e recursos para que eu os use para sua glória no serviço a outros na igreja. Quão semelhante a Cristo tenho sido no serviço aos meus irmãos e irmãs em Cristo? Quais são os pés na igreja que Cristo está me chamando a lavar?

Freqüentemente, o local do verdadeiro teste de semelhança à servidão é o lar. Tenho usado minha posição em casa como marido, ou mãe, ou irmão mais velho para exigir que me sirvam? Ou, como meu Senhor, tenho usado minha posição de autoridade para servir aos outros em casa? Deus tem me chamado a servir um parente inabilitado ou inválido? Existem meios pelos quais eu deva estar encorajando um parente desanimado com minhas palavras ou ações de bondade? Devo servir a um membro da família que no momento está sobrecarregado com suas responsabilidades? De que modo Cristo gostaria que eu “lavasse os pés” de meu cônjuge, meus parentes, meus filhos ou meus irmãos, nesta semana?



A fim de que Jesus sofreu? Por que o Rei morreu?  
Por que por mim, um pecador, na cruz se ofereceu?  
Será por crimes que eu fiz, sofreu na cruz enfim?  
Que maravilha, que amor! Jesus morreu por mim.  
O sol em trevas se tornou, o Pai O abandonou.  
Na hora em que a minha redenção, Jesus pagou.  
Quisera eu poder pagar, teu infinito amor.  
Oh! Toma pois meu coração, sou todo teu Senhor.

Isaac Watts

---

◆

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO SERVINDO COMO JESUS

- 1 - Leia João 13.1-17 em voz alta. Qual era o propósito de João em fazer uma introdução ao relato do lava-pés com os comentários dos versos um a três? Como este “prefácio” poderia afetar sua vida de serviço aos outros?
- 2 - Por que você acha que Pedro a princípio resistiu à tentativa de Jesus em lavar seus pés? Em que aspectos você se assemelha a Pedro?
- 3 - Como você responderia esta pergunta: Meus colegas de trabalho (ou de classe) me conhecem como alguém que *usa* as pessoas ou que as *serve*? Que mudanças você crê que o Senhor quer que você faça em sua vida, concernentes ao serviço a outros no trabalho ou na escola?
- 4 - Que pés você acredita que o Senhor quer que você lave (falando figurativamente) em sua igreja? Passe algum tempo pedindo que o Senhor dirija você ao membro da igreja que você deveria servir nesta semana.

- 5 - Em sua casa, de que modo você pode ser um reflexo de Jesus Cristo, servindo aos membros de sua família?
- 6 - Passe algum tempo orando: “Senhor, faze-me um servo semelhante a Cristo”. Em sua oração, examine com o Senhor os vários relacionamentos e situações que você tem, pedindo ao Senhor que lhe use para servir aos outros.
- 7- Se você está fazendo esse estudo num contexto de grupo, planeje um lava-pés literal, durante o qual você e seus colegas de grupo lavem os pés uns dos outros, refletindo o serviço de Jesus a seus discípulos naquele local onde cearam.



# Experimentando alegria *como* Jesus

Jesus era um homem alegre? Muitas pessoas descrevem Jesus como alguém triste – até carrancudo. De fato, muitos pintores religiosos representaram nosso Senhor como alguém de comportamento triste e melancólico. Ademais, Isaías profetizou que o Messias seria “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Isaías 53.3). Entretanto, como o teólogo de Princeton, B. B. Warfield propõe em seu livro *The Person and Work of Christ* (A Pessoa e a Obra de Cristo): “Se nosso Senhor foi ‘homem de dores’, ele era mais ainda ‘homem de alegria’”.<sup>1</sup> É possível apoiar o parecer do Professor Warfield, de um Jesus alegre?

## OBSERVANDO SUA ALEGRIA

### *Sua situação*

Pense em algumas das situações a respeito de Jesus, registradas nos relatos dos evangelhos. Por exemplo, as crianças eram atraídas a Jesus (Marcos 10.13-16). Você já percebeu a que tipo de pessoa as crianças são atraídas? Em que colos as crianças se sentem livres para sentar? As crianças normalmente não são atraídas à pessoas que têm uma feição triste e carrancuda. No entanto, as crianças são atraídas por pessoas calorosas, felizes – pessoas alegres.

---

<sup>1</sup> WARFIELD, B. B. *The person and work of Christ*. Philadelphia: The Presbyterian & Reformed Publishing Co., 1950. p. 126.

### *Suas ações*

A alegria de Jesus também pode ser observada em sua participação em ocasiões festivas, tais como casamentos e festas. Jesus esteve envolvido no casamento de Caná e fora também o convidado de honra, na festa dada pelo novo convertido, Mateus. A participação de Jesus naquela festa gerou críticas caluniosas da parte de alguns dos severos líderes religiosos daquele tempo. Em seu santo desapontamento, Jesus perguntou de modo enfático: “Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes. Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio! Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!” (Mateus 11.16-19).

De maneira interessante, o ministério de Jesus é contrastado com a conduta austera e disciplinada do ministério de João Batista. O que poderíamos concluir destas odiosas palavras de contraste, proferidas pelos inimigos de Jesus? Alguém sabiamente mencionou: “Estas palavras constituem a mais valiosa calúnia já proferida por lábios perversos. Elas provam indiscutivelmente que Jesus não era melancólico, amargurado ou mal-humorado”.<sup>2</sup>

É verdade. Quando Jesus estava presente, a alegria estava presente! Jesus mesmo perguntou: “Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?” (Mateus 9.15).

### *Declarações explícitas*

Entretanto, não estamos limitados apenas às interpretações das ações de Jesus; nem também a possíveis *alusões* a que Ele tivesse sido um homem alegre. Declarações explícitas aparecem na Palavra de Deus, de que Jesus verdadeiramente era um homem alegre. Por exem-

2 JEFFERSON, Charles Edward. *The character of Jesus*. New York: Thomas Y. Crowell Co., 1908. p. 247.

plo, quando os 72 discípulos voltaram a Jesus com seu relato encorajador, somos informados de que Jesus “*exultou*” (Lucas 10.21).

Surpreendentemente, os comentários alegres mais explícitos dos lábios do Salvador ocorreram nas horas finais que antecederam sua crucificação. Naquelas horas em que esteve ceando com seus seguidores mais próximos, Jesus explicou: “Tenho-vos dito estas coisas *para que o meu gozo esteja em vós*, e o vosso gozo seja completo” (João 15.11, ênfase acrescentada). E então orou ao Pai celestial: “Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o *meu gozo completo* em si mesmos” (João 17.13, ênfase acrescentada).

Depois de verdadeiramente olharmos a vida de Jesus, e reconhecermos o que Ele disse a respeito de si mesmo como alguém que tinha alegria, podemos realmente defender a descrição de um Jesus melancólico? Jesus era um homem alegre. Mas este reconhecimento levanta uma outra questão: *Por que Jesus era um homem alegre?*

## **A FONTE DA ALEGRIA DE JESUS: CERTAMENTE, NÃO ERAM AS CIRCUNSTÂNCIAS**

Jesus era um homem alegre porque viveu uma vida agradável? Dificilmente. Jesus conhecia as dificuldades normais de um artesão do primeiro século na Palestina. A vida poderia ser difícil. Certamente, Jesus teve de trabalhar muitas horas em sua carpintaria, para sustentar sua mãe e seus meio-irmãos mais novos. Acrescente-se àquelas dificuldades diárias, a dor que enfrentou ao ser mal entendido durante os anos de seu ministério, além de eventualmente ser rejeitado pela maioria de seus parentes. Viver num mundo caído, sendo mal entendido e rejeitado, foi uma dura experiência, sem dúvida mais aguda para Jesus, que era um homem sem pecado, do que para uma pessoa cujos sentidos já eram atenuados pelo pecado. Não podemos explicar a alegria de Jesus pressupondo que Ele experimentou uma vida de circunstâncias felizes.

Também, Jesus não extraía a sua alegria de alguma forma de anestesia à dor e ao desapontamento. Robert Law, professor do Novo Testamento no Knox College, em Toronto, escreveu: “Ninguém jamais sondou as profundezas da realidade, jamais penetrou o supremo âmagô da vida, como Jesus fez”.<sup>3</sup> Oh, que agonia Jesus deve ter sentido, não apenas pelos cravos que O perfuraram, mas também pelo horror de ter sido feito pecado por nós e, no entanto, não ter Ele próprio um pecado sequer!

Sim, ainda que vivendo a vida de um “homem de dores, e que sabe o que é padecer”, Jesus descreveu-se como um homem alegre, mesmo na noite pavorosa da sua crucificação. Onde Ele encontrou tal alegria, no meio de tanta dor? Na Bíblia, a alegria está sempre ligada à fé, esperança e amor. A alegria é sempre encontrada no contexto de *certeza* – de estar *certo*, e Jesus estava, de fato, *certo*.

### *Sua identidade*

Jesus estava certo de sua identidade. Obviamente, Ele tinha uma profunda certeza a respeito de seu amoroso relacionamento com o Pai celestial. Imagine Jesus, com trinta anos de idade, molhado, à beira do rio Jordão. “Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3.17-17). Quão tranquilizadoras devem ter sido aquelas palavras para Jesus, enquanto saía do rio Jordão para o deserto, a fim de ser tentado pelo diabo. Podemos imaginar que Jesus refletiu sobre aquele momento, durante as dificuldades que experimentou, nos meses que se seguiram.

Jesus foi assegurado do amor de seu Pai, não somente no começo de seu ministério público, mas também no fim. No monte da Transfiguração, Jesus recebeu, uma vez mais, aquelas palavras tranquilizadoras: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mateus 17.5).

<sup>3</sup> Law, Robert. *The emotions of Jesus*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1915. p. 5.

Esta ligação entre a certeza que Jesus tinha, do amor de seu Pai, juntamente com sua própria alegria, podem ser claramente vistos na Ceia. Lá, Jesus disse a seus discípulos: “Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas *para que o meu gozo esteja em vós*, e o vosso gozo seja completo” (João 15.9-11, ênfase acrescentada). Você viu isso? Jesus, certo do amor que o Pai tinha por Ele, e pelo amor que Ele tinha por seus discípulos, explicou que esta lembrança era para trazer alegria a seus seguidores. A *certeza* de sua identidade como Filho muito amado de seu Pai trouxe *alegria* a Jesus – mesmo quando se viu pregado na cruz durante horas.

### *Seu propósito*

A passagem de João 15 nos traz outro elemento de *certeza* que produz alegria. Jesus disse: “Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai” (João 15.10). Jesus disse repetidas vezes aos outros que não estava buscando seus próprios interesses durante seu ministério terreno. Ao contrário, Ele explicou que estava “fazendo a vontade do Pai”. Jesus tinha certeza não só de sua identidade pessoal, mas também tinha certeza do que estava fazendo. Jesus tinha a certeza do propósito. Jesus tinha a alegria de servir seu Pai celestial.

Pouco antes de ser preso, Jesus orou: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (João 17.4). Servir a si mesmo só traz uma felicidade superficial, temporária, mas saber que estava fazendo a vontade do Pai celestial trouxe verdadeira alegria à vida terrena de Jesus.

### *Seu objetivo*

Um terceiro elemento de certeza que contribuiu para a alegria de Jesus é que *Jesus sabia onde estava indo*. Jesus tinha um olhar confiante para frente. Tinha um alvo estabelecido pelo Pai celestial, e buscar



este alvo dado por Deus trouxe alegria a Jesus. Ele via sua vida e ministério terrenos a partir de uma perspectiva eterna. Ele via além do cansaço, da rejeição e da dor de sua vida para o destino final que Lhe estava proposto. O autor aos Hebreus disse: “Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que Lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hebreus 12.2, ênfase acrescentada).

Jesus estava certo de seu alvo. Ele viera a este mundo caído e repleto de sofrimento, a fim de redimir o povo que seu Pai celestial havia Lhe dado. Ainda que atingir aquele gol significasse suportar a dor e a vergonha da cruz, Jesus perseguiu aquele alvo com *alegria*. No livro *Glimpses of The Inner Life of Christ* (Vislumbres da Vida Interior de Cristo), o professor e pastor da Free Church of Scotland, William Blaikie, escreveu: “Tal visão do futuro, surgindo da escuridão e confusão do presente, enviariam um lampejo do céu ao coração de Jesus, e brilharia em seu semblante um resplendor de alegria santa”.<sup>4</sup>

## RESUMO DA ALEGRIA DE CRISTO

Pare e reflita nisto: Jesus era de fato caracterizado pela alegria. Sua alegria não resultava de possuir uma vida e um ministério de circunstâncias prazerosas. Jesus vivia como “homem de dores e que sabe o que é padecer”. Também não podemos encontrar nenhum suporte para o conceito de que Jesus era alegre porque possuía um anestésico divino contra a dor. Pelo contrário, aquele Jesus puro e sem pecado, certamente sentiu dor *mais aguda* do que nós, cujas emoções têm sido atenuadas por nosso próprio pecado.

Antes, a alegria de Jesus estava ligada, na Bíblia, com a confiança que Ele tinha em: 1) Sua *identidade* como Filho muito amado por Deus; 2) Seu *propósito* em cumprir a vontade do Pai; 3) Seu *ob-*

---

<sup>4</sup> BLAIKIE, William Garden. *Glimpses of the inner life of Christ*. London: Hodder & Stoughton, 1876. p. 222.

*jetivo* de chegar ao céu tendo realizado a tarefa que o Pai Lhe dera como Redentor.

## NOSSA ALEGRIA

Agora... e quanto a nós? Devem os cristãos levar uma vida marcada pela alegria? Alguns cristãos parecem ter reagido muito à futilidade de nossa geração, promovendo um cristianismo que é primeiramente marcado pelo desagradável e sem esperança. Estes cristãos sérios dão a impressão de que quanto mais funesta for a pessoa, mais espiritual ela deve ser. No entanto, como escreveu o filósofo do século vinte, Elton Trueblood, em *The Humor of Crist* (O Humor de Cristo): “Qualquer suposto cristianismo que falha em expressar-se por meio da alegria, até certo ponto, é claramente ilegítimo”.<sup>5</sup> Isto parece ser uma declaração corajosa! Ele está certo? Vejamos.

Os cristãos descritos na era do Novo Testamento eram marcados pela alegria. Os membros da igreja de Jerusalém “partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com *alegria e singeleza de coração*” (Atos 2.46, ênfase acrescentada). A ilustração é de cristãos reunidos, juntos, com alegria notável. De fato, o Novo Testamento ordena repetidamente que sejamos alegres. Romanos 12.12 diz: “*Regozijai-vos* na esperança”. No livro de Filipenses lemos: “*Alegrai-vos* no Senhor” (Filipenses 3.1), e “*Alegrai-vos* sempre no Senhor; outra vez digo: *alegrai-vos*” (Filipenses 4.4). De modo semelhante, aos discípulos em Tessalônica foi ordenado: “*Regozijai-vos* sempre” (1 Tessalonicenses 5.16). Paulo explicou aos Gálatas que “o fruto do Espírito é: ...*alegria*” (Gálatas 5.22). E mostrou aos crentes romanos que o próprio “reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e *alegria* no Espírito Santo” (Romanos 14.17) (ênfases acrescentadas nas passagens citadas).

O Novo Testamento está repleto de exemplos de cristãos alegres. De fato, a eles foi *ordenado* (tal como a nós) que fossem alegres. A

5 TRUEBLOOD, Elton. *The humor of Jesus*. New York: Harper & Row, 1964. p. 32.

alegria é uma característica identificadora daquele que tem sido habitado pelo Espírito Santo – da pessoa que pertence ao Reino de Deus. A declaração de Trueblood está correta, de fato. O cristianismo sem alegria não é genuíno.

## **A FONTE DE NOSSA ALEGRIA: CERTAMENTE, NÃO SÃO AS CIRCUNSTÂNCIAS**

Qual é a fonte da alegria cristã? A nossa alegria deve vir das circunstâncias? Deus nos tem prometido uma vida livre da dor e da frustração? Não, a vida cristã é marcada por dificuldades e provas. Deus nos deu algum “anestésico divino” para atenuar a dor de viver num mundo caído? É esta a explicação para a alegria cristã? Não, nós somos aqueles que lamentam mais fortemente do que nossos vizinhos não-crentes, porque estamos mais cientes dos efeitos dolorosos do pecado em nossas vidas e no mundo (Mateus 5.4). Então, qual é a base da alegria cristã? A alegria do crente é como a de seu Mestre. Assim como Jesus, nossa alegria vem de uma *certeza* fundamentada – uma *segurança*.

### *Nossa identidade*

Tal como Cristo, nós, cristãos, temos alegria por causa da *certeza de nossa identidade*. Como mencionou William Blaikie: “A alegria depende muito menos do que temos do que daquilo que somos”.<sup>6</sup> O entendimento de que somos identificados como filhos escolhidos por Deus traz a verdadeira alegria cristã. Jesus ensinou: “Não obstante, *alegrai-vos...* porque o vosso nome está arrolado nos céus” (Lucas 10.20, ênfase acrescentada). Certos de que nós, que outrora éramos culpados, pecadores condenados, agora somos filhos perdoados e adotados por Deus, traz profunda alegria ao crente.

O etíope perdoado e recém-batizado “foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo” (Atos 8.39). O carcereiro de Filipos “manifestava grande alegria, por terem crido em Deus” (Atos 16.34). A escravidão

---

6 BLAIKIE, p. 225

do pecado se tornara liberdade em Cristo. A condenação se tornara salvação. A feição de desaprovação do Pai se tornara um sorriso. “A religião de Cristo é a religião da alegria. Cristo veio para tirar nossos pecados, retirar a maldição, quebrar nossas cadeias, abrir nossa prisão, cancelar nossa dívida; em uma palavra, para dar-nos óleo de alegria ao invés de pranto, e vestes de louvor ao invés de espírito abatido”.<sup>7</sup>

Temos um novo relacionamento com Deus. Uma nova identidade. “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e *gloriamo-nos* na esperança da glória de Deus” (Romanos 5.1-2, ênfase acrescentada).

### ***Nosso propósito***

Os cristãos também têm alegria por causa *da certeza de nosso propósito*. Sabemos que somos servos do Altíssimo Deus, e fazer o que Lhe agrada nos enche de alegria. À medida que obedecemos ao nosso Pai celestial, podemos entender a verdade da canção de testemunho de Oswald J. Smith: “Há alegria em servir a Jesus, enquanto percorro meu caminho”. Buscar nosso próprio prazer e felicidade eventualmente produz apenas aridez e desapontamento. Mas buscar a vontade de nosso Senhor produz uma profunda alegria. Imagine a alegria do coração de cada crente quando ele ouvir aquelas mais abençoadas palavras, naquele grande dia: “Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; *entra no gozo do teu senhor*” (Mateus 25.21, ênfase acrescentada).

### ***Nosso objetivo***

Assim como nosso Senhor, os cristãos conhecem a alegria que vem de ter *a certeza de saber para onde estamos indo – a certeza de nosso alvo*. Nossas vidas não são sem sentido. Tudo que Deus tem provi-

---

7 WINSLOW, Octavius. *The sympathy of Christ*. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1994. p. 216.

dencialmente trazido à nossa vida é movido por seu objetivo final para nós. Até mesmo aquelas dolorosas experiências na vida podem ser recebidas com um profundo senso de alegria. Paulo, que foi muito experimentado no sofrimento pessoal, escreveu: “E não somente isto, mas também nos *gloriamos nas próprias tribulações*, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança” (Romanos 5.3-4, ênfase acrescentada). Tiago ecoa o ensinamento de Paulo: “Meus irmãos, tende por motivo *de toda alegria* o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança” (Tiago 1.2-3, ênfase acrescentada). Ver que o sofrimento tem um propósito, de mover-nos ao objetivo de Deus para nós, capacita-nos a ter verdadeira alegria. Podemos ver nossas dificuldades temporárias à luz do objetivo da eternidade. As palavras do Espírito Santo por meio de Pedro são as mais apropriadas aqui:

Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.

I Pedro 1. 6-9

### ***Nossa principal alegria***

Ademais, o cristão possui o fundamento da alegria que excede até aquelas três áreas de certeza. O cristão tem o próprio Jesus Cristo como a alegria principal. Ele é a nascente, de onde flui todas as outras alegrias. Na noite antes de ser levado de seus discípulos, para os três dias de aprisionamento, julgamento, crucificação e sepultamento, Jesus

os assegurou de que o sofrimento deles se tornaria alegria. E qual seria a força motivadora por trás de sua alegria restaurada? “Assim também agora vós tendes tristeza; *mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar*” (João 16.22, ênfase acrescentada). A prometida presença do próprio Jesus Cristo é o *principal gozo* do cristão. Ao buscarmos e encontrarmos Jesus, temos alegria.

Jesus, eu descanso, descanso  
No gozo do que Tu és;  
Encontro a grandeza  
De teu coração amoroso.  
Tu me convidas a fitar meus olhos em Ti,  
Enquanto tua beleza preenche minha alma,  
Pois, por teu poder transformador,  
Tu me tens completado.

Jean Sophia Pigott

---

◆

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO EXPERIMENTANDO ALEGRIA COMO JESUS

- 1 - Conte novamente a história de Jesus como é encontrada nos evangelhos, que o descrevem como sendo alguém alegre. Por que você é atraído a esta história?
- 2 - Por que Jesus era alegre? Quais eram as fontes de sua alegria?
- 3 - Qual é a fonte da alegria cristã?
- 4 - Por que às vezes falta alegria aos cristãos?

- 5 - Se você se sente confortável, compartilhe a história de algum tempo em sua vida quando você perdeu o sentido da alegria. Enquanto reflete sobre aquele tempo, o que é que você pode ter perdido de vista? O que levou (ou pode ter levado) você a reconquistar a alegria do Senhor em sua vida?
  
- 6 - Leia Salmos 51.12. Leia o contexto, e então passe algum tempo fazendo da oração contida neste versículo o seu pedido pessoal ao Senhor.

# Amando *como* Jesus

Você já se perguntou qual foi o maior ato de amor que já existiu? Podemos ler o Livro *Guinness* dos Recordes e encontrar ali o maior exemplo de quase tudo: a maior altitude já alcançada pelo homem, a maior profundidade a que o homem já conseguiu chegar no oceano, a maior velocidade já conseguida pela humanidade, etc. E se o Livro *Guinness* dos Recordes tivesse uma categoria intitulada “o maior ato de amor”? Que registro encontraríamos dentro desta categoria?

Sem dúvida, os céticos retrucariam: “Não há meio de decidir qual a maior demonstração de amor de todos os tempos!”. Contudo, há um ato de amor em particular na história que é o mais perfeito exemplo de amor – um ato de amor que ofusca todos os outros. Há uma demonstração específica que tem sido declarada e documentada como sendo o supremo ato de amor em toda a história da raça humana.

## O AMOR DE JESUS POR NÓS

A Palavra de Deus diz categoricamente: “Nisto conhecemos o amor: *que Cristo deu a sua vida por nós*” (1 João 3.16, ênfase acrescentada). A Bíblia é bem clara. O maior ato de amor de todos os tempos, que transcende todas as outras demonstrações de amor, é a morte de Jesus na cruz romana, em favor de pecadores que nada merecem. O que faz a morte de Jesus na cruz ser tão definitiva como a maior expressão de amor? Quais são algumas das *qualidades* desta suprema demonstração de amor?



### *O amor de Jesus foi voluntário*

Jesus não foi uma “vítima indefesa” dos líderes judeus que manipularam sua execução, nem dos soldados romanos que realmente realizaram a sua crucificação. Ninguém *obrigou* Jesus a ir até a cruz. Jesus *escolheu* morrer voluntariamente. Como registra João 10, Jesus mesmo explicou: “Dou a minha vida pelas ovelhas” (verso 15, ênfase acrescentada). “Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la (verso 18, ênfase acrescentada).

Jesus escolheu morrer por suas ovelhas porque as amava. Este epítome de amor, visto na morte de Jesus, na cruz, foi um ato puramente *voluntário*.

### *O amor de Jesus foi substitutivo*

Você e eu temos de morrer. Quando nosso antepassado, Adão, escolheu pecar contra Deus, a morte entrou na raça humana.<sup>1</sup> A cada humano pecador nascido desde então foi ordenado morrer (Hebreus 9.27). Sabemos que, a não ser que o Senhor volte antes, todos morreremos. Nossa morte é o inevitável resultado dos “genes de pecado” que herdamos de nosso pai, Adão, evidenciados em nossos muitos, muitos pecados.

Contudo, Jesus não tinha de morrer. Como Deus encarnado, Jesus era o próprio “Autor da vida” (Atos 3.15). Ele era o Eterno, caminhando aqui na terra como ser humano. Jesus era diferente de todos os outros seres humanos neste aspecto significativo: Ele “*não conheceu pecado*” (2 Coríntios 5.21, ênfase acrescentada).<sup>2</sup> Porque não tinha pecado, Jesus não tinha de morrer.

Portanto, se Jesus *não tinha de morrer*, porque Ele morreu? Jesus mesmo explicou: “Dou a minha vida *pelas* ovelhas” (João 10.15, ênfase acrescentada). Esta pequena preposição “*pelas*” é muito sig-

---

<sup>1</sup> Gênesis 2.17: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.

<sup>2</sup> A respeito da impecabilidade de Jesus, veja também Hebreus 4.15; 7.26; 1 Pedro 2.22 e 1 João 3.5.

nificativa. Quer dizer “em lugar de”.<sup>3</sup> Mais tarde, Pedro repetiria a explicação do Salvador para sua morte, quando escreveu: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo *pelos* [a mesma palavra de João 10.15] injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Pedro 3.18, ênfase acrescentada). Nós pecadores merecemos morrer por nossos pecados, mas Jesus tomou o nosso lugar naquela cruz romana. Ele morreu *em nosso lugar*. Ele morreu a morte que você e eu deveríamos ter morrido. A morte de Jesus *em nosso lugar* é uma expressão de seu maravilhoso amor.

### ***O amor de Jesus foi sacrificial***

O amor de Jesus foi mais do que palavras. Ele colocou seu amor por nós em ação do modo mais surpreendente. Ele sacrificialmente deu sua própria perfeita e preciosa vida por nós. Jesus explicou aos seus seguidores: “Ninguém tem maior amor do que este: *de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos*” (João 15.13, ênfase acrescentada).

Muitos cristãos lutam durante tempos de circunstâncias difíceis ou de depressão emocional, fazendo a pergunta existencial: “Deus realmente me ama?” Esta pergunta penetrante é respondida, enfim, aos pés da cruz. Quando reconhecemos a morte sacrificial de nosso Senhor, podemos ter certeza de seu amor por nós. Ele entregou sua vida por nós, e pagou o sacrifício final, a despeito de sermos infinitamente não merecedores. “Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco *pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores*” (Romanos 5.6-8, ênfase acrescentada).

### ***O amor de Jesus foi pessoal***

Pense em quão pessoal é o amor do Salvador. Às vezes, focalizamos tanto na verdade paralela que “Deus amou ao mundo de tal maneira” (João 3.16), que começamos a pensar no amor de Jesus em

<sup>3</sup> A palavra grega em João 10.15 é ὑπερ, que significa “em lugar de”.

termos meramente gerais. Não obstante, o amor que Jesus tem por nós é totalmente *peçoal*. Quem estava na mente e no coração de Jesus quando Ele se preparava para “entregar a sua vida” na cruz? Melhor do que especular a resposta, leiamos a própria declaração de Jesus. Naquelas angustiantes horas antes da cruz, Jesus deixou que seus seguidores conhecessem sua intercessão ao Pai celestial: “É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas *por aqueles que me deste*” (João 17.9, ênfase acrescentada).

Para nós que somos crentes, podemos dizer com grata confiança: “Estávamos em seu coração quando Ele entregou sua vida na cruz”. Cada um de nós pode repetir pessoalmente as palavras de Paulo: “E esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, *que me amou e a si mesmo se entregou por mim*” (Gálatas 2.20, ênfase acrescentada). O pastor e autor John Piper, escreveu:

Certamente este é o modo como devemos entender os sofrimentos e a morte de Cristo. Isto teve a ver comigo. É a respeito do amor de Cristo por mim, pessoalmente. É o meu pecado que me separa de Deus, e não o pecado em geral. É a minha dureza de coração e minha dormência espiritual que aviltam o mérito de Cristo.

Ele acrescenta: Meu coração é influenciado, e eu abraço a beleza e a doação de Cristo, meu tesouro. E dentro do meu coração flui esta grande realidade – o amor de Cristo por mim. Então digo, juntamente com aquelas primeiras testemunhas: ‘Ele me amou e se entregou por mim’<sup>4</sup>.

*Oh, como Ele nos ama!*

Deleitamo-nos ao compreender que nada “poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8.39). O amor que não merecemos e que Jesus tem por nós como seus

---

4 PIPER, John. *The passion of Jesus Christ*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2004. p. 30-31.

seguidores é mais do que apenas algo a ser apreciado. Ele precisa ser reproduzido em nossas vidas. O amor de Jesus por nós deve ter um efeito demonstrativo em como tratamos uns aos outros no corpo de Cristo.

## NOSSO AMOR UNS PELOS OUTROS

Os cristãos devem ser como seu Salvador. Isto não é meramente uma boa sugestão. Isto é uma obrigação. Como nós mencionamos no início: “Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 João 2.5b-6). Este refletir obrigatório do caráter de Jesus é aplicado especificamente a como devemos amar uns aos outros como crentes. João relembra as palavras de Jesus: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; *assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros*” (João 13.34, ênfase acrescentada). Quando estava mais velho, o apóstolo João explicou a seus leitores: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; *e devemos dar nossa vida pelos irmãos*” (1 João 3.16, ênfase acrescentada).

### *Nosso amor deve ser voluntário*

Os seguidores de Cristo estão sob a obrigação de amar uns aos outros. Nosso Salvador tanto ordenou quanto foi também modelo desse amor. Cada um de nós deve submeter-se ao nosso soberano Salvador e escolher obedecer seus mandamentos diariamente. E escolher amar algumas pessoas às vezes pode ser bem difícil.

Se por definição o amor é “uma doação sacrificial de si mesmo pelo bem de outra pessoa – mesmo que a outra pessoa seja indiferente ou indigna”,<sup>5</sup> então o que nos motivaria e capacitaria a amar àquele que é desagradável? Esta é uma luta da qual todos partilhamos. O estudioso do Novo Testamento, D. A. Carson, reconheceu: “Aqueles que são desagradáveis na fraternidade tiram o pior de mim. Os lastimadores me dão nos nervos. Os fofoqueiros e arrogantes, os imaturos

---

5 Definição própria do autor.

e bobos, cooperam para esgotar minha determinação”.<sup>6</sup>

Deste modo, que esperança há de que qualquer de nós seja capaz de amar aqueles irmãos difíceis de amar (ou até mesmo membros da família!)? Frequentemente, chegamos à questão de amar aos outros com uma atitude mais ou menos assim: “Vou amar, desde que eu *goste* de você”, ou “Vou amar você do modo como me sentir amado *por* você”. Chamemos isto de “amor reacionário”. “Desde que eu me sinta suficientemente amado *por* você, farei o melhor para retribuir, amando você; mas se eu *não* me sentir amado o bastante por você, então não posso e não vou amar você”. Se nos fiarmos nas outras pessoas – cônjuge, pais, filhos, irmãos e irmãs em Cristo – para “enchermos nossos reservatórios de amor”, a fim de obtermos amor suficiente para retribuir, todos nós rapidamente nos encontraremos correndo no “vazio”.

Há uma fonte muito mais confiável para que tenhamos nossos “reservatórios de amor” suficientemente abastecidos, de modo que tenhamos amor pelos outros. O apóstolo João explica em 1 João 4: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus” (verso 7). “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (verso 11). “E nós conhecemos e cremos<sup>7</sup> no amor que Deus tem por nós” (verso 16, ênfase acrescentada). “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (verso 19). Vamos chamar isto de “amor superabundante”.

Em outras palavras, em vez de olharmos para o “objeto” do nosso amor como a fonte de força para o nosso amor, devemos confiar no amor que já recebemos de nosso Senhor. Somos as “varas” enxertadas na “Videira”, que é Cristo, esboçando seu amor. Sem Ele, nada podemos fazer (João 15.5). Através dEle, podemos todas as coisas (Filipenses 4.13). Conhecendo e confiando no amor que o Senhor tem por nós, podemos, *voluntariamente*, amar até a pessoa mais desagradável.

---

6 CARSON, D. A. *The farewell discourse and final prayer of Jesus*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1980. p. 103.

7 A palavra traduzida por “cremos” significa “colocamos nossa fé em”.

### ***Nosso amor deve ser substitutivo***

Nós, os seguidores de Cristo, devemos refletir o amor de Jesus por nós, amando uns aos outros de *modo substitutivo*. Quando vemos nossos irmãos e irmãs em necessidade, devemos, em amor, envolvermo-nos em suas vidas. Paulo afirmou isto da seguinte maneira: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, *cumprireis a lei de Cristo*” (Gálatas 6.2, ênfase acrescentada). No cerne da “lei de Cristo” deve estar este mandamento: “Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (João 15.12).

Devemos andar junto aos nossos irmãos e irmãs, demonstrando o amor de Cristo, compartilhando de suas lutas emocionais e espirituais, ajudando-os a levarem suas cargas. Podemos tornar leve a carga que nosso irmão ou irmã está carregando, enquanto andamos juntos, dando suporte, encorajando e amando com amor substitutivo.

### ***Nosso amor deve ser sacrificial***

Jesus fez mais do que *declarar* seu amor por nós em palavras. Ele também *demonstrou* seu amor por nós em ação – *ação sacrificial*. Os verdadeiros seguidores de Jesus Cristo farão o melhor para imitar este tipo de amor sacrificial, à semelhança de Cristo.

Tal amor pode tornar-se bem prático. João, “o apóstolo do amor”, ensinou: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e *devemos dar nossa vida pelos irmãos*. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, *mas de fato e de verdade*” (1 João 3.16-18, ênfase acrescentada).

Para amarmos aos outros como Cristo nos amou, devemos abrir as portas do nosso coração àqueles que estão em necessidade. Um coração de coração fechado é alguém em contradição! Aqueles que têm sido amados por Cristo devem amar – precisam amar – seus irmãos e irmãs de modo tangível e sacrificial. Quando nos conscientizamos das necessidades na vida de nossos irmãos, devemos voluntariamente partilhar

os recursos que nosso Senhor nos tem confiado. Se temos dinheiro, roupas, carros, comida – o que quer que seja – devemos nos dispor a partilhar o que temos com aqueles que estão em necessidade.

Nosso Senhor sacrificou sua vida por nós. Que amor sacrificial! Como podemos ser ávaros quando vemos nossos irmãos passando por necessidades materiais, emocionais ou espirituais? Devemos viver diariamente lembrando-nos das palavras de nosso Senhor: “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (João 15.12).

### *Nosso amor deve ser pessoal*

Às vezes, nos sentimos tentados a amar à certa distância. Temos disposição de amar aos outros, desde que não tenhamos de nos aproximar muito. Colocar ofertas no gazofilácio ou enviar dinheiro à uma agência de assistência cristã parece aliviar nossa consciência. Contudo, nossa consciência deveria ser pungida, ao lermos o conselho de Paulo aos romanos: “O amor seja sem hipocrisia... Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal... compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade... Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm.12.9-15).

Nosso Senhor amou as pessoas de um jeito muito especial. Ele se importava com as pessoas individualmente. Lembre-se de como Ele demonstrou amor a Levi, o coletor de impostos; à mulher, no poço; ao leproso, ao homem possesso de demônios, a Saulo de Tarso – a você e a mim.

À medida que buscamos “amar como Ele amou”, não devemos também nos dispor a amar as pessoas pessoalmente? Quando foi a última vez que você gastou tempo individualmente com alguém viciado? Com um parente que tem um filho rebelde? Alguém que perdeu o emprego? Um irmão ou irmã que tem uma doença crônica terminal? Comprometamo-nos a amar aos outros pessoalmente, assim como Jesus nos amou – ainda que isto nos tire de nossa zona de conforto.

Ao contemplar a rude cruz,  
em que Jesus sofreu a dor,  
De tudo quanto estimo aqui,  
estimo mais o seu amor.  
Não busco glória ou honra aqui,  
Senão a cruz do meu Senhor,  
As coisas que me encantam mais,  
Eu sacrifico por seu amor.  
De sua cabeça, mãos e pés,  
precioso sangue derramou,  
Coroa de espinhos foi o que Jesus por mim levou.  
O mundo inteiro não será presente  
digno do Senhor,  
Amor tão grande e sem igual,  
em troca exige o meu amor.

Isaac Watts

---

**PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO**  
**AMANDO COMO JESUS**

- 1 - Em suas palavras, reconte a história de uma demonstração de amor da vida e do ministério de Jesus que chamou sua atenção. O que lhe atrai nesta história sobre Jesus?
- 2 - Quais são algumas das qualidades do amor de Jesus, que contemplamos em sua morte na cruz?



- 3 - Como foi descrito neste capítulo como sendo o “amor reacional”? Por que este tipo de amor é tão inseguro?
- 4 - Semelhantemente, como este capítulo descreve o “amor superabundante”? Declare o conceito de “amor superabundante” em suas próprias palavras. Leia 1 João 4.7-21 para formular sua resposta.
- 5 - Pense em alguém que você acha particularmente difícil de amar. Fale com Deus a respeito de sua dificuldade. Peça a Ele que esta semana lhe dê oportunidades para refletir o amor de Cristo a esta pessoa.

# O preço *de* andar nos passos *de* Jesus

## A PERGUNTA

Você já assistiu a um daqueles filmes que passam na TV, aos sábados a tarde, com seus intervalos comerciais repetitivos, chatos e forçados? “Você pode adquirir este maravilhoso anel cravado com diamantes “genuínos” e folheado a ouro 18 quilates — por apenas R\$19,99! E se você ligar *agora*, nós lhe enviaremos este par de brincos para combinar!” Você já pagou R\$ 19,99 por um “genuíno” anel de diamantes? Por que não? O que está lhe segurando? Será que isso cheira a golpe? Quem quer uma imitação barata? É verdade, imitações baratas não custam muito. Também, elas não valem muito mesmo, não é?

Hoje muitos crentes são como esses anéis “cravados com diamante” e “folheados a puro ouro”. Eles têm uma aparência ótima — a aparência do cristianismo — mas não passam de imitação barata. Tom Sine escreveu: “Todos nós parecemos estar tentando viver o Sonho Americano “folheado a Jesus”. Falamos do senhorio de Jesus; porém, nossa carreira vem em primeiro plano. Nossa casa de campo vem primeiro. Então, com o que quer que nos resta tentamos seguir a Jesus... e a maioria de nós tem *uma vida não muito diferente de nossos vizinhos incrédulos*”<sup>1</sup> (ênfase acrescentada).

Cada um de nós devia se perguntar: “Sou um verdadeiro crente?”

---

1 SINE, Tom. “Will the real cultural Christians please stand up?” World vision, Oct./Nov. 1989.

Ou apenas uma imitação barata?” É uma pergunta bem séria, não é mesmo? Como podemos respondê-la? Com que o verdadeiro crente se parece? Para respondermos, precisamos mudar uma palavra definitiva na pergunta. Não é *com o que* o verdadeiro crente se parece, mas *com quem* o verdadeiro crente se parece? O apóstolo João explica da seguinte maneira: “Aquele que diz que permanece nele, esse *deve* [é obrigado a] também andar assim como ele andou” (1 João 2.6, ênfase acrescentada). Aqueles que verdadeiramente estão em Cristo produzirão o fruto do viver à semelhança de Cristo. Se alguém não vive à semelhança de Cristo, e alega ser um crente genuíno, tal alegação é falsa. Um verdadeiro crente se parece com Jesus em sua vida cotidiana. Ele anda nos passos de Jesus.

## O CHAMADO

Jesus se coloca diante de nós, assim como ficou diante daquela multidão na Galiléia, e diz: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo *e aprendei de mim*, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (Mateus 11.28-29, ênfase acrescentada). O Rei benevolente nos ordena a sair da multidão e aprender dEle. Ao irmos até Jesus, vemos nEle os traços de caráter de humildade, servidão, compaixão, alegria, santidade, etc. À medida que Ele nos dá nova vida, devemos desenvolver estas mesmas marcas em nossa vida. Humildade, servidão, compaixão, alegria, santidade devem ser a nossa marca também. Daremos nós o passo para sair da multidão e tomar uma posição com Jesus? Por ter Jesus nos dado nova vida, estamos dispostos a pagar o preço requerido pela vida cristã?

## O PREÇO

Qual é o preço de seguir a Jesus Cristo? A resposta parece um paradoxo. Por um lado, seguir a Jesus não nos custa *nada*. Como Paulo es-

creveu na epístola aos Romanos 6.23: “O dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (ênfase acrescentada). Tornar-nos crentes não nos custa nada. Não há nada que possamos pagar para recebermos a vida eterna. É um dom totalmente gratuito de Deus.

Por outro lado, seguir a Jesus nos custa *tudo*. Jesus mesmo mostrou o custo do total comprometimento. Ele desafiou as pessoas que desejavam ser seus seguidores: “Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.26-27). Após ilustrar a urgência de se considerar o custo, Jesus reafirmou: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.33).

Portanto, se vamos considerar o chamado de Jesus para aprendermos dEle, devemos levar em conta o preço deste chamado. Comprometer-nos a viver uma vida à semelhança de Cristo nos custará tudo. Para pensarmos a respeito deste custo com mais detalhes, olhemos a nítida declaração de Jesus em Lucas 9.23. Ele explicou de modo direto: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me.”

### *O custo de negar-se a si mesmo*

Primeiro, Jesus disse que se quisermos segui-Lo, devemos *negar* a nós mesmos. O que Ele quis dizer com isso? Ele não quis dizer que devemos negar coisas a nós mesmos, como algumas pessoas fazem, deixando de fumar ou de comer doces, durante a Quaresma. Jesus não chama seus seguidores para deixar certos objetos ou atividades. Aquilo que ele nos ordena que deixemos é a nós *mesmos*! Não devemos mais viver para o nosso “eu” Não mais vivermos para nossa *auto*-promoção, *auto*-estima, *auto*-realização. Não podemos mais viver uma vida de demanda pelos nossos direitos ou nossos meios. Isto significa não mais vivermos uma vida comprometida com a busca de nossa *própria* felicidade. Devemos renunciar a nós mesmos. Devemos virar as costas ao *ego* e ao *egoísmo*.

### *O custo da morte do ego*

Em segundo lugar, nós devemos “tomar a nossa cruz diariamente”. O que isto quer dizer? A cruz é mais do que um símbolo de inconveniência. Muitas pessoas chamam sua artrite, seu chefe difícil, ou seu marido preguiçoso de “minha cruz a carregar”. Mas aquilo que Jesus quer dizer aqui é mais do que uma inconveniência. A cruz não é apenas um símbolo de sofrimento, mas de *morte*. Seguir a Jesus Cristo — comprometermo-nos a viver uma vida semelhante à de Cristo — requer que levemos nosso símbolo de morte. Cada dia de nossas vidas devemos levar nosso símbolo de morte, e isto significa que não mais vivemos para nossos antigos desejos ou estilos de vida. Não mais vivemos para *nós mesmos*. Não é este o testemunho de Paulo em Gálatas 2.19b-20: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”?

### *O custo do seguir diariamente*

Em terceiro lugar, nós devemos seguir a Cristo. Devemos “andar como Jesus andou”, ou seja, do modo dEle e não do nosso. Não devemos nos desviar da trilha em que Ele mesmo está nos conduzindo. Não devemos nos desviar nem para a direita nem para a esquerda, mas continuar seguindo nosso glorioso líder. Não é interessante que uma das mais básicas descrições que alguém dá para um cristão é: “um *seguidor* de Jesus Cristo”. Todavia, há muitos que se dizem cristãos, contudo sua vida segue por uma trilha muito longe daquela na qual Jesus andou. É assustador pensar nos muitos cristãos de imitação que ouvirão aquelas terríveis palavras dos lábios do Rei Jesus, no Dia Julgamento: “Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mateus 7.23). *Oh, Senhor, pela tua graça, que eu não seja contado entre eles!*

## O COMPROMISSO

Jesus Cristo nos convida a aprender dEle — a segui-Lo. E isto

significa que devemos viver à semelhança de Cristo. Devemos andar tal como Jesus andou. Fazer isso tem um preço. Custará tudo. Pagaremos o preço? Faremos esse compromisso? Ao meditarmos nesta pergunta tão importante, sintonizemos nossos ouvidos, uma vez mais, às palavras do Rei Jesus. Devemos avaliar bem cuidadosamente estas palavras: “Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?” (Lucas 9.24-25).

Nós entendemos a *advertência* que Jesus nos está fazendo? Se decidirmos que negar a nós mesmos é muito caro — se definirmos que morrer para nós mesmos é um preço muito alto a pagar — estaremos fazendo uma escolha de maldição eterna. Ao escolhermos confiarmos em nossa *própria vida*, vivendo para *nós mesmos* — *auto-promoção*, *auto-proteção*, *auto-afirmação*, *auto-realização* — estaremos, por meio desta escolha, perdendo nossa própria alma.

Jesus não estará contente com nossa vida, se meramente *alegarmos* ser crentes, enquanto, de fato, vivemos em função de nossas próprias ambições. A despeito de nossa alegação verbal, Ele verá bem a fundo as nossas vidas “folheadas”. Ele verá pelo nosso estilo de vida que ainda estamos vivendo para nós mesmos. Ele verá pelo nosso estilo de vida que, na realidade, estamos negando a Ele. E naquele dia mais importante, Ele nos negará. Ao buscarmos nos apoiar naquilo que o mundo tem para nos oferecer, estaremos, de fato, perdendo nossa própria alma. Que bem é esse? Que escolha eterna mais insensata! Não devemos escolher este caminho!

Ao contrário, devemos levar ao coração a grande promessa de nosso Senhor. Se, em fé, verdadeiramente considerarmos a sua palavra, nós voluntariamente — alegremente — perderemos nossa vida por amor a Ele. Ele nos fará rejeitar os muitos caminhos que o mundo nos chama a seguir. Estes caminhos parecem corretos. Eles podem oferecer vida, mas no final acabam em morte (Provérbios 14.12). Seguir estas trilhas pode parecer promissor, mas sabemos por nosso Senhor que elas

realmente terminarão no inferno. Devemos abandonar o nosso *ego*. Ao fazermos isso, Ele nos dará nova vida. Ele nos fortalecerá para que nós o sigamos. Ao nos comprometermos em segui-Lo — a vivermos uma vida capacitada à semelhança de Cristo — receberemos a vida eterna.

## CONCLUSÃO

“*Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou*” (1 João 2.5b-6 – ênfase acrescentada). Jesus nos chamou a *aprendermos* dEle. Assim como o apóstolo Paulo, podemos ter essa mesma paixão, outorgada por Deus e duradoura, que transborda com o desejo de conhecer a Cristo (Filipenses 3.10). Podemos transbordar esta mesma paixão — intensa e duradoura, outorgada por Deus. Jesus nos chamou a *seguir-Lo*. Fazer isto nos custará todas as coisas. Mas, ao perdermos nossa vida realmente a encontraremos. Ao morreremos para nós mesmos, nosso gracioso Senhor nos dará a sua vida. E o fruto desta vida será que nossa vida reproduzirá o seu caráter. *Andaremos nos passos de Jesus.*

Mais como o Mestre, eu serei,  
Mais de sua humildade e mansidão;  
Mais zelo na obra, mais coragem de ser verdadeiro,  
Mais consagração à obra que Ele me dá a fazer.  
Toma meu coração  
Serei somente teu;  
Toma meu coração  
E faça-o totalmente teu;  
Purifica-me do pecado,  
Oh, Senhor, agora imploro,  
Lava-me e guarda-me  
Contigo para sempre.

Charles H. Gabriel

## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

### O PREÇO DE ANDAR NOS PASSOS DE JESUS

- 1 - De acordo com 1 João 2.5b-6, qual é a marca-chave para identificarmos um verdadeiro crente?
- 2 - Em suas próprias palavras explique a frase: “Tome a cada dia a sua cruz”. Qual o preço de seguirmos a Jesus?
- 3 - Sem tornarem-se espiritualmente ofensivas, como nossas igrejas podem ser mais fiéis em advertir as pessoas do perigo de serem meras “imitações” de crentes?
- 4 - Você foi convencido pelo Espírito Santo de que tem vivido uma mentira? Em que, neste ponto de sua vida, você não tem sido um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo, e sim uma mera imitação “folheada a Jesus”? Leia Mateus 11.28-29. A partir de hoje você obedecerá a ordem graciosa do Rei Jesus, de vir a Ele, pedindo-Lhe que faça sua obra de graça salvadora em sua vida?
- 5 - Que mudanças em seu comprometimento de seguir a Cristo você sente que o Espírito Santo tem colocado em seu coração? Faça das palavras do poema de Charles H. Gabriel (no final deste capítulo) sua oração pessoal a Deus.
- 6 - Comprometa-se em memorizar 1 João 2.5b-6. Durante uma semana, repita estes versos em voz alta para o seu grupo de estudo ou para uma pessoa a quem você preste contas.





# A recompensa *de* andar *nos* passos *de* Jesus

“O que você quer ser quando crescer?” Muitos de nós fazemos esta pergunta a crianças, como uma forma de conhecê-las. Lembro-me de uma ocasião em que fiz esta pergunta a um garotinho, que olhou para mim e disse com grande entusiasmo: “Quando eu crescer quero ser um *homem!*” Um bom objetivo para um garoto, não é?

Talvez não devamos deixar esta pergunta apenas na esfera das crianças. Independentemente da idade que tenhamos hoje, cada um de nós deve considerar a pergunta: “O que *você* quer ser quando crescer?”, ou, mais precisamente: “O que você quer ser quando crescer *espiritualmente?*”

Uma vez mais, creio que devemos refazer a pergunta. Suponha que alguém nos pergunte: “*Quem* você quer ser quando *crescer espiritualmente?*” Todos queremos chegar à maturidade espiritual. Porém, isto não é melhor definido em termos de “quem”, em vez de “o quê”? Um crente que está amadurecendo espiritualmente passa a parecer-se mais e mais com Jesus.

Não é este o desejo do coração de cada verdadeiro seguidor de Cristo — *tornar-se mais como Jesus?* O pastor e escritor britânico John Stott escreveu estas comoventes palavras: “Não estamos interessados em santidade superficial, uma mera semelhança exterior com Jesus Cristo... Não, o que nós ansiamos é uma profunda mudança de caráter, resultante de uma transformação da natureza, e que conduza a uma mudança radical de conduta. Em uma palavra, desejamos ser *como* Cristo, e isto de maneira profunda, completa, perfeita. *Nada*

*menos que isso*” (ênfase acrescentada).<sup>1</sup>

Se assemelharmo-nos a Cristo é o desejo do nosso coração — nosso anseio mais profundo — *como* isto acontece? Como um crente torna-se mais e mais parecido com Cristo? Por meio de que processo o crente reflete mais e mais o caráter e as ações de Cristo em sua vida? Como o assemelhar-se com Cristo é desenvolvido na vida do crente?

A Bíblia oferece respostas a esta importante pergunta em 2 Coríntios 3.18: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.” Focalizemos em duas palavras-chave deste versículo — *transformados* e *contemplar*.

## TRANSFORMADOS

Todos os que têm depositado sua fé em Jesus Cristo estão no processo de transformação. O que isto claramente implica é que nós precisamos ser transformados daquilo que atualmente somos para o que devemos ser. Em nossos momentos mais sinceros, nós crentes livremente nos conscientizamos de nossa necessidade de transformação. Todos nós ainda temos pecado em nossa vida, e alguns desses pecados parecem se apegarem a nós com persistência. Todos nós reconhecemos vários aspectos de imaturidade espiritual em nossa vida. *Queremos* ser transformados. *Precisamos* ser transformados.

Isto nos leva a questionar: “Qual tipo de pessoa tem sido transformada?” O que Deus está fazendo conosco? O envolvimento de Deus em nossa vida é proposital. “Sabemos que *todas as coisas* [tanto as dolorosas quanto as prazerosas experiências na vida] cooperam *para o bem* daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8.28, ênfase e comentário acrescentados). E o que é este bem que Deus está operando em nossa vida? “Porquanto aos que de antemão conheceu, *também os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho*” (Romanos 8.29, ênfase acrescentada). *Este*

1 STOTT, John. *Focus on Christ*. New York: Collins Publishers, Inc., 1979. p.153.

é o alvo. Deus de antemão planejou um alvo para nós, que é a nossa semelhança com Cristo.<sup>2</sup>

Às vezes, as pessoas dizem: “Só quero ser eu mesmo”. Contudo, para aqueles de nós que professamos ser seguidores de Jesus Cristo, nossa aspiração deve ser maior do que apenas “ser eu mesmo”. Temos um propósito mais alto, que é ser como Cristo — refletir seu caráter — andar nos passos de Jesus. Como o poeta Thomas Chisholm expressou em seu hino: “Tenho um desejo profundo e supremo de que possa ser como Jesus. Isto almejo com fervor, que eu possa ser como Jesus”.<sup>3</sup>

O alvo da maturidade cristã é o tornar-se semelhante a Cristo. Jesus é o modelo daquilo que os crentes devem se tornar. O “primeiro Adão” rebelou-se contra o Criador, trazendo o pecado e seus efeitos prejudiciais à toda raça humana. Como nosso representante, aquele primeiro homem, Adão, “atrapalhou” o desígnio de Deus para aqueles que levavam a sua imagem. Os seres humanos foram criados para refletir a glória de Deus de forma nunca vista em qualquer outra coisa criada. Contudo, por causa do pecado de Adão, aquele propósito de refletir perfeitamente a glória de Deus ficou incompleto na raça humana.

Então Jesus veio. Ele veio a esta terra como verdadeiro ser humano, refletindo perfeitamente a glória do Pai. “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” (Hebreus 1.3).<sup>4</sup> Jesus, o homem perfeito e sem pecado, é o protótipo daquilo que Deus fará com todo o seu povo redimido. Assim como o “primeiro homem”,

2 Veja também 1 Coríntios 15.49: “*Devemos trazer também a imagem do celestial*” (ênfase acrescentada).

3 CHISHOLM, Thomas. “*I want to be like Jesus*”, encontrado no *The Hymnal for Worship and Celebration*. Waco, TX: Word Music, hino 400. Nota: copyright 1945. Renewed 1973 por Lillenas Publishing Co.

4 Não é este o alvo do autor aos Hebreus no capítulo 2? Ele escreve sobre o desígnio de Deus para os seres humanos, dizendo: “De glória e de honra o coroaste e o constituíste sobre as obras das tuas mãos” (versos 7, citação do Salmo 8). Ele confirma: “Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés [isto é, dos pés do ser humano]. Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio” (verso 8). Então ele faz esta triste e verdadeira observação a respeito da “descrição da tarefa” designada por Deus para os seres humanos, como que estando ainda incompleta: “Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas”. O primeiro Adão, assim como todos os seus descendentes, ainda têm de realizar o mandado outorgado por Deus de refletir a sua glória nesta terra, reinando e governando em nome do Senhor. Enquanto contemplamos esta triste realização de nossa missão incompleta, o autor aos Hebreus chama nossa atenção ao ser humano que de fato realizou a missão que nos foi outorgada por Deus, de portadores de sua imagem. Ele assegura: “Vemos, todavia... Jesus” (verso 9).

Adão, trouxe o pecado e a morte à raça humana, o “segundo homem”, Jesus Cristo, trouxe redenção e vida. “O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e, como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, *devemos trazer também a imagem do celestial*” (1 Coríntios 15.47-49, ênfase acrescentada).

Quando Jesus retornar a esta terra, esta transformação será concluída. O apóstolo João nos assegura: “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 João 3.2, ênfase acrescentada). A partir daquele glorioso momento de transformação final, nós, os portadores da imagem de Deus, finalmente, realizaremos nossa missão de refletir perfeitamente a glória de Deus, governando e reinando sobre o novo céu e a nova terra como representantes dEle.<sup>5</sup>

Mas, e no momento presente? Nós ansiosamente aguardamos o “dia da graduação”, quando aquela transformação final será realizada em nós. Nesse ínterim, o que Deus está fazendo em nossa vida? 2 Coríntios nos lembra de que esta transformação já está em processo. Nós “*somos transformados*, de glória em glória, na sua própria imagem” (2 Coríntios 3.18, ênfase acrescentada). Esta transformação não é o resultado de algum plano de auto-aperfeiçoamento. Nem tampouco ocorre por meio apenas de nossos próprios esforços. Seremos transformados à semelhança de Cristo é obra do Espírito Santo na vida dos crentes. Como o apóstolo Paulo menciona neste versículo, esta transformação é realizada “pelo Senhor, o Espírito”.

Em 2 Coríntios 3, Paulo utiliza-se da analogia do véu cobrindo a face para demonstrar que aquele que não é redimido está impossibilitado de entender as coisas espirituais. Paulo fala deste “véu” espiritual quando faz a seguinte observação: “O mesmo véu permanece, não

<sup>5</sup> O último capítulo na Bíblia nos informa que nós reinaremos “pelos séculos dos séculos” (Apocalipse 22.5). Em Apocalipse 1.5, Jesus é chamado “Soberano dos reis da terra”, que são o seu povo redimido e glorificado.

lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido” (2 Coríntios 3.14). E o apóstolo nos assegura: “Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado. Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Coríntios 3.16).

O Espírito Santo nos atrai a Cristo, remove o “véu” de nossa mente e coração, para que O vejamos como Senhor e Salvador. Ele nos dá “olhos e ouvidos”.<sup>6</sup> Deixamos de ser espiritualmente cegos e insensíveis a Cristo. O Espírito Santo nos revela o Senhor Jesus não somente em nossa conversão, mas *a cada dia*. O ministério do Espírito Santo em nós consiste de revelar e exaltar a Cristo.<sup>7</sup> À medida que Ele opera diariamente esta revelação, somos mudados — transformados.

Como é este processo de transformação? Não é algo instantâneo, mas progressivo e certo. De fato, metamorfose vem da palavra grega traduzida como “transformado”, neste versículo. “Metamorfose” implica numa transformação progressiva, porém certa, de uma forma para outra. Por exemplo, quando eu era menino, meus primos e eu adorávamos ir a um pequeno pomar na propriedade de nossos avós. Na primavera, víamos girinos nadando próximo às margens do lago. Nós tentávamos pegar alguns e colocá-los num jarro, para observarmos durante algum tempo. Às vezes, se passavam uma ou duas semanas para que voltássemos à casa de nossos avós e continuássemos nossa aventura no pomar. Mas, quando voltávamos, e nos inclinávamos às margens das águas, percebíamos como nossos pequenos girinos haviam crescido — com aquelas pernas esquisitas começando a brotar de seus corpos bulbiformes. No começo do verão, nossos amigos girinos não mais podiam ser encontrados nadando nas superfícies. Pelo contrário, ao nos aproximarmos das margens víamos sapos saltando na água. Aqueles girinos haviam mudado, de forma progressiva, porém certa, naquele processo que chamamos de “metamorfose”, tornando-se como seus “pais” sapos, que lhes haviam dado a vida.

Semelhantemente, o Espírito Santo faz uma “metamorfose” em

---

6 Do hino de John Newton “*Let us love, and sing, and wonder*”.

7 Veja João 16.14: “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”.

nossa vida, transformando-nos gradualmente e realmente, para que nos tornemos mais como Cristo, Aquele que nos deu o novo nascimento. 2 Coríntios 3.18 diz que esta transformação ocorre “de glória em glória”. A idéia aqui é que o Espírito Santo está nos transformando *progressivamente*. Ele está levando os crentes a progredirem de um estágio a outro, no processo de assemelharem-se a Cristo. Às vezes, Ele nos leva a um passo pequeno nesse processo de transformação, e às vezes nos leva a um passo gigante. De qualquer modo, Ele sempre está nos levando a um progresso certo, garantido, “até ser Cristo formado” em nós (Gálatas 4.19).

Às vezes, o crente perde de vista esta metamorfose gradual que o Espírito Santo está operando em sua vida. Queremos ser transformados agora. Contudo, não devemos ficar impacientes ou desencorajados. Seria um bom exercício para o crente, refletir o quão longe o Espírito Santo já o levou em sua caminhada cristã. Talvez devêssemos ter o mesmo espírito daquele crente que disse: “Talvez eu não chegue a ser tal como *deva ser*, ou não seja aquilo que *quero ser*, mas, louvado seja o Senhor, não sou mais o que *era antes!*” Amém!

É encorajador conscientizarmo-nos da obra do Espírito Santo, que está operando em nós uma transformação gradual, porém certa, para que nos tornemos mais e mais como Jesus. E *como* Ele faz isso? Que processo Ele utiliza para transformar-nos à semelhança de Cristo? Considere esta segunda palavra chave, em 2 Coríntios 3.18.

## CONTEMPLAR

A palavra grega traduzida por “contemplar”, na versão Revista e Atualizada, é, de certa forma, um desafio para os tradutores. Em algumas partes ela parece ter a idéia de contemplar — olhar alguma coisa intensa e consideravelmente. Em outras partes, este mesmo particípio traz a idéia de “revelar” ou “refletir aquilo que está reluzindo”. Ambas as traduções são encantadoras.

Nós “contemplamos” Jesus Cristo à medida que o Espírito San-

to remove aquele véu de escuridão espiritual, para que possamos ver Jesus em toda a sua glória e graça. “O deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus... Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Coríntios 4.4 e 6).

Para algumas pessoas foi dado o privilégio de contemplarem a glória de Jesus Cristo “na carne”. Pedro testificou: “Nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2 Pedro 1.16). De igual modo, João atestou: “E vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1.14).

Contudo, este privilégio de “contemplar” Jesus Cristo é verdadeiro mesmo para aqueles que não viram Jesus Cristo com os olhos físicos. Ao lermos a palavra de Deus como crentes, o Espírito Santo glorifica o Filho em nossa mente e coração (João 16.14). Quando oramos e adoramos, o Espírito Santo nos coloca diante de nosso Senhor Jesus, comovendo nossa mente e coração para que fiquemos contritos em sua presença. Quando sofremos, o Espírito Santo nos aproxima de Cristo para que possamos contemplar nosso Senhor Jesus e sua obra em nosso favor.

Também começamos a “refletir” Jesus Cristo quando O “contemplamos”. Quando Moisés subiu o Monte Sinai, ele ficou exposto à glória de Deus. Ao entrar na presença de Deus, ele começou a “refletir” sua glória.<sup>8</sup> Por sermos crentes, temos os mesmos privilégios que Moisés teve. Com o coração “desvendado” olhamos para Jesus Cristo e vemos a sua glória e, ao fazermos isto, progressivamente “refletimos” sua glória em nossa própria vida. Enquanto somos transformados, a glória de Cristo é gradualmente vista em nós. Nos tornamos “luas”, refletindo a glória do Filho. Refletimos seu caráter, progressivamente. Sua humildade é sucessivamente produzida em nós. Sua compaixão é

<sup>8</sup> Êxodo 34.29 nos informa: “Quando desceu Moisés do monte Sinai, tendo nas mãos as duas tábuas do Testemunho, sim, quando desceu do monte, não sabia Moisés que a pele do seu rosto resplandecia, depois de haver Deus falado com ele”.



vista, mais e mais, em nossa vida. Sua alegria é cada vez mais evidente em nossa caminhada diária. Seu amor torna-se mais e mais evidente em nossos relacionamentos. Louvado seja o Senhor!

O mundo nota esta metamorfose. Por exemplo, quando os apóstolos Pedro e João foram presos e forçados a comparecer diante dos líderes religiosos de Israel, os membros do Sinédrio ficaram admirados de seu comportamento. “Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, *admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus*” (Atos 4.13, ênfase acrescentada).

Muitos crentes podem testificar terem visto reações similares em amigos e familiares que os conheciam antes de se converterem a Cristo. À medida que o Espírito Santo continua a realizar sua obra transformadora na vida daquele que segue a Cristo, amigos, família e conhecidos sempre observam as mudanças notáveis no crente. Nosso testemunho *verbal* de Cristo é reforçado *por* nosso testemunho *visível*. Enquanto o Espírito Santo continua a fazer-nos mais e mais parecidos com Cristo, nós progressivamente refletimos seu caráter em nossa vida. Esta metamorfose é como um regulador de luminosidade, que torna a luz cada vez mais brilhante. Que cada um de nós resplandeça com a glória de Cristo!

## CONCLUSÃO

A questão não é tanto “*Com que* a maturidade cristã se parece?” mas, “*Com quem* a maturidade cristã se parece?” *A maturidade cristã se parece com Cristo*. Desejamos que esse assemelhar-se a Cristo seja visto em nossa vida em medida crescente. Que cada um de nós passe tempo com Jesus Cristo, à medida que O contemplamos em sua Palavra, enquanto a lemos e a ouvimos, ensinada e pregada. Passemos tempo em oração, gozando de comunhão com Ele e pedindo ao Espírito Santo que continue sua obra transformadora em nossa vida. Dedicuemo-nos a honrar a Deus, à adoração que exalta a Cristo, não nos contentando com uma adoração “tudo-para-mim”. Não desper-

dicemos as oportunidades que Deus, em sua soberania, nos concede por meio do sofrimento, mas compreendamos que o sofrimento vivido à maneira do Senhor é um meio de abrilhantar nossa vida para que sejamos melhores reflexos da glória de Deus.

“Senhor, transforma-me. Torna-me mais como Jesus.”

Antes, cresci na graça e no conhecimento  
de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno.

2 Pedro 3.18



## PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

### A RECOMPENSA DE ANDAR NOS PASSOS DE JESUS

- 1 - Qual é o alvo supremo dos crentes? Cite ao menos um versículo bíblico que dê suporte à sua resposta.
- 2- De acordo com 2 Coríntios 3.17-18, qual é o papel do Espírito Santo em nosso processo de amadurecimento como crentes?
- 3 - Quais são alguns dos processos que o Espírito Santo utiliza em transformar-nos, para que nos assemelhemos mais a Cristo?
- 4 - Como as igrejas podem ser mais intensas em encorajar seus membros a tornarem-se mais focalizados em Cristo, como modo de vida? Que papel tem a adoração? E o ensino e a pregação da igreja? E os valores descritos na vida do Corpo de Cristo?

- 5 - Você tem um horário reservado em seu dia para a leitura da Palavra de Deus e a meditação em Cristo? Se não tem, você se comprometerá em começar esta disciplina da graça em sua vida? Você compartilhará esse compromisso com o seu grupo de estudo, ou com uma pessoa que seja responsável por você?
  
- 6 - Pense em sua experiência desde que Deus lhe salvou. Quais são algumas das mudanças que o Espírito Santo operou em sua vida para que você se tornasse mais semelhante a Jesus? Agradeça a Deus pela obra transformadora em sua vida. Peça-lhe que continue a fazê-lo mais parecido com Cristo.

